

ANL

REVISTA DA ACADEMIA

NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS

ANL

**REVISTA DA ACADEMIA
NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS**

Nº 41
Natal, outubro/dezembro – 2014

REVISTA DA ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS

Publicação trimestral

Diretor:

Manoel Onofre Jr.

Editor:

Thiago Gonzaga

Diagramação e capa:

CJA Edições - www.cjaedicoes.com.br

Catálogo na Fonte: Ana Cláudia Carvalho de Miranda – CRB15/261

R454

Revista da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras / ANL. – V.1, n.1
(mar. 1951 -). - Natal: Offset Editora, 1951 - .

Irregular.

Número atual: 41, out./dez.2014.

ISSN: 0567-5995

1. Literatura - Periódico. I. Academia Norte-Rio-Grandense de
Letras. II. Título

CDU: 8(05)(813.2)

Sumário

ARTIGOS E ENSAIOS

Cascudo na Revista de Cultura Brasileira	
<i>José Augusto Guerra</i>	08
Um paradoxo em torno de Ferreira Itajubá	
<i>Nelson Patriota</i>	19
Auta de Souza	
<i>Jurandyr Navarro</i>	24
Contos sertanejos	
<i>Enéas Athanázio</i>	27
O maior da literatura menor	
<i>Gustavo Sobral</i>	29
Vertente social na poesia de Paulo de Tarso Correia de Melo	
<i>Thiago Gonzaga</i>	44
O conto engajado de Lygia Fagundes Telles	
<i>Midiã Ellen White de Aquino</i>	52
Opereta em Dó Maior a um humanismo decadente - O riso em Laurence Sterne e Machado de Assis	
<i>Paulo Caldas Neto</i>	59
De bicho que voa	
<i>Paulo Bezerra</i>	77
Orixás & encantamentos	
<i>Anna Maria Cascudo Barreto</i>	80
Hianto de Almeida é o compositor potiguar mais gravado nacionalmente	
<i>Leide Câmara</i>	86
Macaíba: 137 anos	
<i>Valério Mesquita</i>	94
Verdades cruzadas	
<i>Carlos Roberto de Miranda Gomes</i>	96

CONTOS E CRÔNICAS

Um punhado de areia

Iaperi Araújo.....114

O Trem

Elder Heronildes.....117

Sapatilhas de lanteoulas coloridas

Edna Rangel.....119

Uma visita surpreendente

Aluísio Azevedo Júnior.....122

Tarde no cemitério

Manoel Onofre Jr......124

De brinde

Armando Negreiros.....127

A última crônica

Lavoisier Nunes de Castro.....129

Natal daqui e de alhures

Damião Gomes.....131

POESIAS

Primeiros versos

João Wilson Mendes de Melo.....134

Celebração

Diógenes da Cunha Lima.....136

NECROLÓGIO

Aluísio Alves

Ticiano Duarte.....138

Artigos e Ensaaios

Cascudo na Revista de Cultura Brasileña

Em janeiro de 1973, Câmara Cascudo concedeu entrevista ao jornalista José Augusto Guerra, da Revista de Cultura Brasileña, publicação da embaixada brasileira em Madri, cujo editor era o escritor Manoel Augusto Garcia Viñolas. Traduzido para o português por gentileza do escritor David de Medeiros Leite, o texto, que contém revelações interessantes sobre a vida e a obra do mestre Cascudo, vai a seguir transcrito da referida revista, número 36, dezembro de 1973.

*“... E podemos ir a Natal ver Luís da Câmara Cascudo”
(Jorge de Lima)*

Também eu fui a Natal ver Luis da Câmara Cascudo. Não nas “balduínas sonolentas”, nos “carrinhos de caixa de fósforos Marca olho”, do ferrocarril Great Western, o caminho “mais pitoresco do universo”, “feito à medida para o nordeste”, do poema G.W.B.R. de Jorge de Lima. E em vez do

*Trenzinho romântico indo devagarinho
para que o poeta provinciano
visse o cair da tarde
e visse a paisagem passando,*

os preparativos de quem vai tentar uma entrevista: a conferência de Recife, o voo noturno a Natal em menos de meia hora, pernoitar nos “Três Reis Magos” e, por fim, uma voz feminina, a de dona Dhália, transmitindo um recado de Câmara Cascudo:

- O senhor pode vir às duas da tarde.

Antes das duas, cinco minutos antes das duas, estávamos ali no portal da rua Junqueira Aires, 377. Portão de ferro, aberto, sol quente, sol de Natal em janeiro. Podemos entrar? Uma senhora que descia as escadas acabou com a dúvida:

- Este portão está sempre aberto. O senhor pode subir.

Pequeno jardim e, gravado em letras vermelhas, este aviso na parede: O PROFESSOR CÂMARA CASCUDO SÓ RECEBE PELA TARDE E PELA NOITE. Na antessala, quadros, um sofá, cadeiras de palha. Poucos minutos, e, ante mim, com as mãos cruzadas atrás da cadeira de balanço, disposto para uma conversa que eu pensava que durasse pouco mais de uma hora, o tempo de gravar uma fita, uma das figuras de maior grandeza literária e humana de nosso país e de nossa época. No cinza dos cabelos, nos sulcos do rosto, na espessura das sobrancelhas, uma idade: setenta e três anos. E na conversa, que se desenvolveu por etapas – antes, durante e depois da gravação –, a vida e a obra de um escritor que sofreu todas as tentações possíveis e imagináveis para deixar a terra onde nasceu; mas, “provinciano incurável”, na expressão de Afrânio Peixoto, ficou em Natal, vive em Natal.

Em vez de uma hora, toda a tarde. Não obstante a surdez (“tento ouvir o que me agrada e não escuto o que não vale a pena”), conversamos, e muito, com Luis da Câmara Cascudo. Anoitecia, necessitava voltar a Recife. Ofereci-me e datilografei duas histórias da fase atual, memorialista, do escritor. Luis da Câmara Cascudo se sentou em sua velha cadeira de balanço “do tempo de meu pai”. E, sem o mimetismo de como fazer amigos, fez esta observação de espontânea e profunda dimensão psicológica: “Veja o brasileiro, o temperamento do brasileiro. Não nos conhecíamos antes que tu chegaste. E agora parece que te conheço de toda a vida”.

De repente, Luis da Câmara Cascudo se levanta da cadeira de balanço:

- Vejamos suas perguntas!

Entre esta decisão e as primeiras palavras, nada protocolares, o autor de *Geografia dos Mitos Brasileiros* conversou: “Você é de Alagoas? Agora muda tudo. Sei com quem estou falando”. E foi uma sucessão de lembranças dos tempos em que visitou Maceió, conheceu Jorge de Lima, Jayme de Altavilla, Théó Brandão... E as exclamações vinham umas atrás das outras. “Que paisagem bonita! Vocês, alagoanos, não sabem o que têm. Saibam que, por ordem de preferência, Maceió vem para mim depois de Natal e de Recife.

Maceió antes que Rio e São Paulo”. Contou que Alagoas reconheceu antes que o Rio Grande do Norte sua obra de pesquisador. “Fui sócio do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas antes de ser recebido pelo Instituto daqui do Rio Grande”. Novas recordações: “Conhece aquela história de Aurélio Buarque de Holanda, um galego que estava estudando para ser poeta?” A conhecia. “Sabe de quem recebi um romance e estou lendo? De José Maria de Melo, *Os Canoés*. Grande pesquisador do folclore, agora começa a escrever romance. Recebi outro dia um livro daquele Mendonça Junior, com a carta como pedindo desculpas por haver publicado o livro *Poemas Fora de Moda*. Você viu alguma vez um pedido de desculpas por publicar um livro? Pois eu respondi que acabasse com essa bobagem, fora de moda. Bom livro o seu. Admirável. Do melhor lirismo. Lirismo de Antonio Nobre”.

O “sertão” me fez folclorista

Sentamos-nos à mesa. Ao seu lado, como Anjo da Guarda, dona Dhália participa da conversa, superando os obstáculos da surdez. Luis da Câmara Cascudo me olha dentro dos olhos e diz que vai resumir nossas perguntas em um relato breve. Dá à voz uma tonalidade de quem sentença. E começa a falar.

- Em vez de responder, pecado a pecado, seu inquisitório de velho vigário em confissão espontânea, eu prefiro fazer um relato de poucos minutos de minhas prevaricações no terreno cultural.

Recorda a infância e vai às origens de sua vocação de pesquisa da cultura popular:

- Fui filho único de pai rico que perdeu a fortuna. Muito jovem, menino, fui para o *sertão*, ameaçado de tuberculose. Nesse tempo, como nos tempos de Esculápio, a tuberculose se curava com a natureza e não com as injeções intravenosas. Minha formação emocional, diversões, jogos, brinquedos, corridas, curiosidades, medos, foram sertanejos. Tudo quanto vi no sertão, o sertão de pedra e sol, sem estradas, sem luz elétrica, sem carro, sertão de *lobisomem* (homem que segundo a crença popular, se transforma em lobo e vaga pela noite) e de pesca e presas de rio cheio, *de esperar*

que apareça a cabeça dos rios nas inundações, as últimas onças, as emas, os gritos das seriemas, tudo isso são as constantes de minha vida. Quando voltei do sertão tinha onze anos. A escultura, repito, a escultura na base emocional estava feita. A cidade seria apenas uma emoção complementar. Fui então para os colégios. Estudos. Isso foi em 13. Em 18 era estudante de Medicina.

- Tudo nasceu desse encontro com o sertão...?

- Exato. Eu trouxe do sertão não os venenos, mas sim as estâncias memoriais da cultura popular. O sertão me fez folclorista. A cidade só me servia, logicamente, para comparar. Nosso folclore sempre foi o registro de ação. Cedo tive curiosidade pela origem. Quero dizer: gostava muito das flores e dos frutos, mas tinha curiosidade pelas raízes. Por quê? Para quê?

- E na cidade?

- Na cidade usei monóculo, polainas e toquei piano. Muito jovem fui a Europa e me obrigaram também a aprender idiomas não para falar, mas para ler. Quando publiquei meu primeiro artigo, em 18, já tinha três anos de duro trabalho no jornal de meu pai, “A Imprensa”. Se recordo que em 28 era formado em Direito e em 29 me casava e já havia realizado alguns cursos de Medicina na Bahia e no Rio, dou uma ideia de que terminava um ciclo da vida. Eu era *l'uomo finito* da fórmula de Papini.

Leitor Profissional

- Escritor com mais de cem livros publicados, como consegue escrevê-los? Qual é o seu método de trabalho? Como trabalha?

- Meu método é o do jornalista. Sabe o que vão lhe perguntar e justifica essa curiosidade. Menciono Tristan Tzara: “Não ter método já é um método, com a vantagem de ser mais simpático e mais confortável”. Eu jamais tive método em minha vida. Tive horários, na época em que era professor.

- E quando não escreve, o que lê?

- Continuo sendo leitor profissional. Costumo reler livros

velhos. Os livros novos, comumente, desordenam nossas ideias tradicionais. E os livros velhos dão tempo a um velho para repor as ideias nas estantes onde estavam. Vou lhe contar um episódio. Uma antiga cozinheira de nossa casa disse a uma moça: “Dizem que o doutor Cascudo é o homem mais culto de Natal”. E a moça respondeu: “E você não acha?” “Não, eu não acho. Não creio que ele seja tão culto”. “Por quê?” “Porque ele passa a vida lendo”, esclareceu a cozinheira. Compreendeu? Explica: Uma pessoa culta não necessita ler. E se eu vivo com um livro no nariz dia e noite é porque minha preparação ainda está verde, muito incompleta.

Definição do Folclore

- O que você acha disso do rádio, da televisão e do cinema estarem espoliando o folclore?

- Eu já dizia em 1949 que o rádio, o cinema, o disco não espoliam o folclore. Dão-lhe outras dimensões, principalmente na música e na indumentária popular. Repito, contudo: Não estão criando, estão enriquecendo. É uma espécie de altos e baixos da maré, mas não passa da linha da “preamar”. Veja que as coisas que o povo conserva são apenas uma ou duas canções de carnaval. No entanto, surgem centenas. Não existe melhor selecionador que o povo. O povo guarda só aquilo que gosta, e o defende.

Câmara Cascudo recorda que em 46 fundou uma Sociedade Brasileira de Folclore para que se estudassem melhor as tradições populares. Hoje, disse, há várias associações parecidas por toda parte, com programas de maior ou menor intensidade. Dá um exemplo:

- Veja, recebi hoje mesmo uma carta de Rossini Tavares de Lima, de São Paulo, contando suas atividades na capital paulista e o número crescente de ouvintes, entre universitários e estrangeiros, que chega a seiscentos.

- Nesse caso, creio que se pode situar o folclore no contexto da comunicação. Poderia se converter em uma matéria universitária?

- O problema está todo no conceito. Para nós, comumente, o folclore é somente o lúdico popular: A diversão, a dança, o canto, a

indumentária convencional ou um pouco tradicional. Mas folclore, o nome diz, não é isso. *Folk-lore*: cultura popular. É o complexo básico de um povo. É o que ele sabe antes de ir à escola ou à Universidade. Tudo o que nós possuímos no mundo, no tempo e no espaço vem da cultura popular. Em Medicina, em Arquitetura, em tudo.

Pergunta-me: “Diga-me alguma coisa que não tenha raízes populares?” E ele mesmo responde:

- O que o homem faz não lhe permite dizer: descobri! Não; deve dizer: Eureka! Encontrei! Encontrei o que já estava iniciado. Sobretudo sensibilidade. Quando um de nós vai à escola, seus filhos, meus netos, já leva um outro eu da cultura popular. E estes Castor e Pólux, Cosme e Damião nos acompanham na vida. Respondo a pergunta: creio que nossas Universidades deveriam ter uma cátedra de Cultura Popular, que seria a matéria básica para a sociologia, e poderia confundir-se com a etnografia tradicional. Daí a razão de tudo quanto nós manejamos, fizemos e cremos. Sociologia, chamada antropologia cultural, que eu não sei o que é, ensinada sem a cultura popular, é álgebra sem aritmética. Aprender a nadar sem se molhar. É um artificialismo puramente nemotécnico. É uma cultura de memória e não de sensibilidade. Porque nós só sentimos o que compreendemos, exercitamos e vivemos. Considero a história de um prato, de um manjar, de uma comida tão necessária como uma cronologia de feitos históricos: “Je mange sans comprendre”, disse Berthelot, em 1870. Nós comemos sem conhecer a história milagrosa de nossos manjares. Tentei fazer o mesmo com meu *História da alimentação no Brasil*.

Necessito ocupar-me para não preocupar-me

Dona Dhália oferece um café. Câmara Cascudo aponta para a empregada que nos serve:

- Veja: sangue indígena legítimo. Veja seus cabelos, o nariz, a cor da pele. E como faz o café!

Volta-se para o jornalista:

- Primeiro quer saber qual é o livro que me exigiu mais tempo de pesquisa. Depois, qual é o livro que eu voltaria a escrever com gosto. Permita-me essa imagem: Parece que é o mesmo que perguntar a um pai de muitos filhos: Qual é o filho que o senhor fez com mais amor? Todos os meus livros foram escritos com interesse. E como eu só escrevo o que me apaixona, o que amo, todo livro meu é uma escultura de carinho. Escultura no tempo e sensibilidade no espaço.

- Em que está trabalhando agora?

Pela resposta, Câmara Cascudo não considera *trabalho* a tarefa de escrever. Trabalho é o emprego é o ganha-pão cotidiano; escrever é a alegria criadora.

- Atualmente estou retirado. No retiro, que é o lugar do retirado, necessito ocupar-me para não preocupar-me. De maneira que estou sempre escrevendo dois ou três livros. Mas fique tranquilo: não me passa pela cabeça publicá-los. É somente a tarefa, a alegria, a função do trabalho. Algumas vezes surge um editor obstinado de uma Universidade e consegue um original. Deixo- o levar. Mas eu sempre sou um “escrevinhador”. E quando não escrever mais, estarei no céu, ao qual me destino, escrevendo com uma das penas roubadas do meu Anjo da Guarda. Mas tenho a segurança de que no céu terei tarefa compatível com as humildades de minhas preferências.

Rimos. E quando percebi que também creio que a missão continua depois da morte física, Cascudo se alegra:

- Você também crê nisto? Mas não escapa, não, velho amigo...

Confessa agora que está com a “mania das reminiscências”. A Universidade do Rio Grande do Norte já publicou nada menos que três livros: *O tempo e eu* (1968, quando cumpriu setenta anos), *Pequeno manual do doente aprendiz* (quando passou uma curta temporada no hospital) e *Na ronda do tempo* (o diário de 1969)

- Agora estou trabalhando no testemunho dos meus cinquenta anos de professor, que se intitulará *Ontem*.

- E a Academia Brasileira de Letras? Ainda não cedeu à tentação?

Câmara Cascudo, fundador da Academia Norte-riograndense de Letras, sócio de mais de cinquenta associações culturais brasileiras e estrangeiras, entre as academias de letras e institutos históricos dos Estados, sociedades de folclore de vários países, o único representante latino como sócio honorário da American Folk-lore Society e também sócio da Folk-lore Society of London, responde:

- Considero, carinhosamente, a Academia Brasileira de Letras como uma linda namorada. Muito justamente disputada e amabilíssima para mim, seu apaixonado. Quero, contudo, permanecer solteiro.

Envelheço sem economia e sem credores

Volta a falar da importância dos estudos do folclore e assegura que a cultura popular hoje interessa ao mundo. Recorda os primeiros anos, os primeiros estudos:

- Quando comecei a trabalhar, pode crer que sofri. Chegaram a pedir a minha demissão de professor catedrático de História, que ganhei por concurso, no Ateneu Rio-grandense, porque não era correto para a dignidade do magistério que um professor se preocupasse em fazer uma investigação sobre o *lobisomem*... Hoje não há um mês que não receba cartas de todas as partes do mundo me perguntando sobre elementos permanentes da cultura popular brasileira. E estas informações não se destinam aos arquivos: serão utilizadas em teses doutorais de Universidades americanas, inglesas, francesas, alemãs, italianas, japonesas... Eu tenho um livro, *A jangada*, traduzido ao japonês. *A jangada* é o transporte marítimo mais antigo do mundo, desde o neolítico.

Como quem faz um inventário de toda uma vida de cento e tantos livros de história, etnografia, folclore, antropologia, sociologia, jornalismo e memórias, Câmara Cascudo conclui, saboreando um dos dezesseis ou dezoito charutos que fuma diariamente:

- No mais, aos setenta e três anos, sem economia e sem credores, graças à fidelidade da minha profissão, envelheço sem

hematomas e sem cicatrizes, com a alegria de não ter inveja e a felicidade de julgar-me útil.

E rindo do seu próprio humor:

- Creio, meu querido José Augusto Guerra, que já fizeste suficiente penitência para os teus poucos pecados. Receba deste velho vigário do folclore uma saudação e a bênção apostólica. E vá a outro “terreiro”. Assim seja.

Ficamos mais algumas horas no mesmo “terreiro”.

- Venha agora dar uma olhada nos livros.

Vai mostrando cada peça, com breves indicações de origem, procedência, finalidade. Sobre a mesa, uma estatueta de uma mulher muito negra, com seu filho nas costas, dentro de um cesto.

- Este costume não foi transmitido, não assimilamos. Mas você sabe sua finalidade?: É deixar os braços livres para o trabalho, pois na África a mulher trabalha mais que o homem. Quer conhecer um testemunho pessoal?

Conta que, por ocasião de uma recente viagem a África, estava em Luanda e viu um grupo de negros. E havia um negrão enorme, de quase dois metros, gesticulando. (Abrindo os braços, Câmara Cascudo imita o negro).

- Pensei que se tratava da arenga de um comunista. Mande parar o carro e pedi ao intérprete que tentasse saber o que o negro falava. Rapidamente veio a incrível informação: “Não é discurso, não, professor. Estão se distraíndo ouvindo histórias de reis, de príncipes, de feras encantadas.”

Cascudo explica:

- Entendeu? Na África, as mulheres, como esta negra daqui – e aponta para a estátua – são as que trabalham. Os homens fazem isso que acabo de contar.

Remexe nos livros, e nos objetos. Um rosário budista, um Buda da Índia e toda uma coleção de santos de madeira (“gosto dos santos de madeira”), cada um tem sua história particular.

- Ainda vou escrever um livro sobre o hagiológico popular. O povo ainda guarda crenças que, determinadas em concílios antigos, já estão esquecidas por padres e bispos. Mas o povo é de uma memória extraordinária.

Nas estantes, exemplares do Alcorão, do Talmud, da Bíblia.

- Sou leitor de Santa Teresa e da Bíblia. E ainda não me acostumei com essa história de missa rezada em português. Para mim tem mais valor, mais expressão, mais força dizer: “Introibo ad Altare Dei” que em português. Um dia perguntei ao cardeal Dom Jayme de Barros Câmara – éramos primos – o que ele achava da mudança. E ele me disse: “Primo – era assim como me chamava –, costume obedecer às determinações superiores. Mas se celebro a missa em português, penso em latim”.

Aproxima-se já a noite e o sol se rende. Cascudo me chama à janela, a mesma janela que figura em um poema, a última que se apagava em Natal. Enquanto todos dormiam, Câmara Cascudo trabalhava. Aí o segredo de sua extraordinária bibliografia. Aí a razão do aviso: só recebe depois das duas da tarde.

- Veja daqui, desta janela. Esta é a minha paisagem. Estou voltando a ver a vida, e busco com frequência episódios que ocorrem lá embaixo.

Contou, seguidamente, três histórias das que havia sido testemunha: a de um namoro, rua abaixo, com quatro personagens: um casal, um burro e um carro; a de um aleijado que passava todo o dia sentado, pedindo esmolas, e se levantou uma tarde durante uma tempestuosa “chuva de caju”; a dos dois cachorros: enquanto um fez doze tentativas de entrar na casa pulando o muro, o outro andou um pouco mais e encontrou a porta aberta...

- As pessoas veem estes episódios e tiram conclusões. Mas para isso é necessário ter memória. Feliz o que tem memória. Sem memória, sem sensibilidade para reconstruir o passado, de nada vale.

Seis horas da tarde. Luzes acesas. Em Natal anoitece cedo. Apresso-me em terminar de escrever a máquina duas dessas histórias de quem está na “mania das reminiscências”, escritas na madrugada, enquanto todos dormem. Sentado, na sombra da estante, na cadeira de balanço que pertenceu ao seu pai, Luís da Câmara Cascudo me olha da penumbra.

Um paradoxo em torno de Ferreira Itajubá

Nelson Patriota

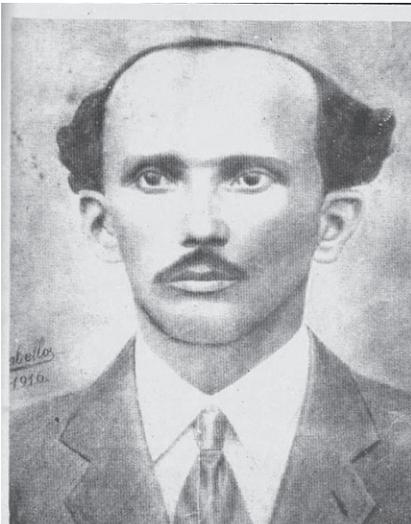
Há um claro paradoxo em torno do poeta Ferreira Itajubá. A recepção dos seus versos entre os seus primeiros leitores propõe uma equação que não fecha, uma contradição que teima em não se desfazer, uma conciliação que não se consuma. Já Câmara Cascudo, em seu livro “Alma Patrícia” (1921), assinala, em seu retrato de Ferreira Itajubá, sem se furtar a um certo espanto, três afirmações sucessivas acerca do poeta: “cultura, nenhuma, inteligência, mérito, a audácia, bastante”.

Mas ao deparar com versos que teimam em não se conciliar com o perfil de um poeta iletrado, prefere atribuí-los a uma suposta “intuição”, a fim de não pôr em questão sua assertiva. Assim, por exemplo, foi a “intuição” que levou Itajubá a escrever, como um Lucrécio caboclo, na abertura da quinta estrofe de “Terra Natal” estes versos alexandrinos que Cascudo se recusa a atribuir, contudo, a um ágrafo:

*“Seja o mais leve inseto, a laje mais pesada
Tudo se decompõe na efêmera jornada
Não há bronze que ature os arrastos tiranos
Da cheia assoladora e indomável dos anos
Só o espírito ascende, escapa às tempestades
Não rola na ladeira eterna das idades.*

*O sol que resplandece, a estrela que cintila
Tudo se transfigura em mentirosa argila
Nada é perpétuo, nada, embora nos conforte
A vida a ressurgir dos escombros da morte,
Para voltar de novo aos trágicos momentos
Ao silêncio voraz dos apodrecimentos.*

O pensamento dialético que sugerem esses versos seria fruto exclusivo da intuição? E o que dizer do apuro da forma que o harmoniza, permaneceria ainda no terreno da intuição?



Para sermos justos com Cascudo, lembremos que sua apreciação crítica de Ferreira Itajubá é perspicaz ao ponto de resumir os méritos do poeta numa exclamação: “só Itajubá é nosso. É a própria terra que canta pela sua boca rude”. Nesse qualificativo “rude”, associado à boca, percebe-se que Cascudo tinha convicção de que Ferreira Itajubá tinha um evidente déficit cultural. Mas, ao invés de diminuí-lo, essa carência se transformava em razão de espanto, num primeiro momento, e de admiração, no instante seguinte.

Esse, aliás, é um comportamento replicado por outro contemporâneo do poeta, Othoniel Menezes, para o qual, segundo Antônio Soares Filho, Itajubá seria um “gênio inculto”. A definição casa à perfeição com aquela defendida por Cascudo em “Alma Patrícia”.

O antropólogo Veríssimo de Melo, por sua vez, em “Patronos e Acadêmicos” (1972), volume 1, afirma que Itajubá é “o grande poeta popular do século passado”, aludindo, naturalmente, ao século 19. E não hesitamos em ler nessa ressalva “poeta popular” uma limitação que relegaria o poeta a um canto inferior ao ocupado pelos poetas sem ressalvas, supostamente, cultos, ao contrário dele. O apodo de “poeta canguleiro”, aludindo às suas origens da Cidade Baixa, parece guardar igual reserva.

Não obstante isso, tanto Cascudo quanto Othoniel e Veríssimo não conseguem conciliar a admiração suscitada pela poesia de “Terra Natal”, esse poema que rompe, conforme o primeiro, com o sentimentalismo romântico que amofinava seus contemporâneos e que não poupa sequer esse mártir patético da poesia, que foi Gothardo Neto. Lembre-se, a propósito, que o laborioso, meticuloso e consagrado Gothardo reconheceu em Itajubá seu mestre, e o apodou de gênio num soneto que lhe dedicou por ocasião do seu aniversário, e que Nilson Patriota, em seu “Itajubá esquecido” reproduz:

O GÊNIO

(A Ferreira Itajubá, no dia de seu aniversário)

*“O gênio é como o lago: adormece entre rosas
E acorda à vibração dos pampeiros fatais;
Mas só fita a amplidão das esferas radiosas,
Mas só reflete a luz dos astros imortais.*

*O gênio é como o Sol: tem centelhas formosas
e tem chamas febris, tem clarões estivais...
Porém tanto dá vida às plantas venenosas,
como alenta os vergéis e fecunda os rosais.*

*O gênio é como a flor: nasce sobre um rochedo,
Perfuma a solidão do frondoso arvoredo,
E morre... e fica sempre embalsamando os ares...*

*O Gênio... o que dizer do teu gênio brilhante?
Alma que buscas sempre o Passado distante
Para trazer do olvido as glórias potiguaras”.*

Há, portanto, uma cultura poética em Itajubá, ou melhor, uma inteligência poética que o levou, por exemplo, a definir sua cidade, num soneto famoso, com o estro dos grandes líricos: “Natal é um vale branco entre coqueiros”, e a incursionar ousadamente por uma poesia até então desconhecida entre nós em seus laivos eróticos: referimo-nos ao soneto “Abençoado exílio”, cujo primeiro quarteto lê-se:

*“Dei-lhe um soneto à lua dos lilases,
Na quadra dos balseiros re floridos,
E ela o guarda nos seios escondidos...
– Rimas felizes! Perfumadas frases! –*

Diante de tanto apuro formal, não rezeiríamos em afirmar

que, poeticamente, Ferreira Itajubá não foi inculto nem iletrado, na medida em que soube dispor de um vasto repertório verbal que animou e coloriu de palavras e expressões ricas de sentimento e emoção sua poesia. Basta atentar para os diversos usos que fez do metro, suas incursões bem-sucedidas pelo soneto e, sobretudo, os alexandrinos de “Terra natal”. Isso nada tem a ver com as condições materiais de vida do poeta, aliás, claramente reveladas em “Itajubá esquecido”, de Nilson Patriota. Finalmente, atente-se para o texto autobiográfico que o poeta publicou no jornal “A Capital”, em seis de março de 1910, e republicado no jornalzinho “O Canguleiro” (setembro de 1997), do Sebo Vermelho. Ali, diz Itajubá que “aos 16 já analisava trechos de Horácio e Virgílio quando, por escassez de recursos pecuniários, entrei para a casa comercial do português Antônio Sátiro do Rego Pinto, já falecido”.

Em seu “Retrato de Ferreira Itajubá” (1944), José Bezerra Gomes conta que Luiz Taumaturgo, amigo de infância de Itajubá, guardava um caderno contendo os primeiros escritos do criador de Branca e, pasmem! Para sua surpresa encontrou entre os versos manuscritos de Itajubá versos de outros poetas, dentre eles, Gonçalves Dias, Castro Alves, Casimiro de Abreu, Laurindo Rabelo e Tobias Barreto. Isso revela, portanto, que Itajubá não era tão parco de cultura como seus contemporâneos sugerem, talvez por não o terem conhecido muito de perto. Para aclarar um pouco mais essa questão, é útil que se analise o vocabulário de Terra Natal, cuja variedade e riqueza de expressões desmentem a versão de que fossem “um luxo da sua cultura auditiva”, como sugere Bezerra Gomes. Porque aí entraria em contradição consigo próprio, pois para este, o meio em que circulou o poeta era sabidamente rude, e o poeta não poderia retirar daí toda a luxuriante paisagem que descrevem seus poemas. Esse contraste, aliás, fica muito claro através da leitura de “Itajubá esquecido” (1981), de Nilson Patriota, que reforça as origens modestíssimas do poeta, sobretudo após a morte de seu pai, Joaquim José Ferreira, em 1882. Itajubá estava na primeira infância, nessa ocasião, aos sete anos de idade.

É tempo, portanto, de reavaliar o lugar reservado ao poeta Ferreira Itajubá no cânone potiguar, como propõe o ensaísta João Batista de Moraes Neto em “Revendo Itajubá” (2007), livro em

que o define como “um poeta que reclama uma recepção mais ampla, que requisita leituras adequadas ao seu potencial estético”. Na verdade, esse processo de acomodação de Ferreira Itajubá no nosso cânone já se faz tardar sem boas razões que o sustentem. Antes, vale reconhecer a excelência e a originalidade desse poema caudaloso intitulado “Terra natal”, obra fundamental na poética potiguar, quer na forma, quer no conteúdo. Itajubá merece que o denominemos tão somente poeta.

Enfim, parodiando o dito famoso de Mário de Andrade, o Rio Grande do Norte precisa conhecer (melhor) Ferreira Itajubá!

Nelson Patriota é escritor e poeta, autor de *Uns Potiguares* e vários outros livros. Membro (eleito) da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

Auta de Souza

Jurandyr Navarro



Desde a flor da idade que era dotada de elevada consciência religiosa. Nasceu em Macaíba, então Vila do Município de Natal. Primeiramente, estudou em Recife. Depois, a volta para Natal.

Em 1900, lançou “Horto”, seu livro de Poesia, cujo título foi inspirado no “Jardim das Oliveiras”, onde Jesus, na agonia infinita, suou sangue. A edição, logo esgotada, tendo recebido aplauso da crítica nacional, com Afonso Celso, Medeiros de Albuquerque, José Veríssimo e outros. Aclamada no Estado, pelos conterrâneos Sebastião Fernandes, Ezequiel Wanderley, Alberto Maranhão, Segundo Wanderley, Manuel Dantas, seguindo-se inumeráveis

admiradores.

O “Horto” foi prefaciado por Olavo Bilac, que também o fez para a edição seguinte, tendo a terceira sido apresentada por Alceu Amoroso Lima, sendo conservada a Nota de Henrique Castriciano, da segunda edição. E a quarta, e última, repetindo os textos mencionados, no seu próêmio.

A última edição e a primeira foram divulgadas em Natal nos anos 1900 e 1970; sendo, que a segunda e terceira, editadas, respectivamente, em Paris, no calendário de 1910 e no Rio de Janeiro, em 1936.

Com o passar do tempo, o nome de Auta de Souza fixou-se no País, na área intelectual, tendo sido mencionado por Jackson de Figuerêdo, destemido líder católico, Nestor Victor, Amoroso Lima, dentre outros.

Auta teve morte prematura aos vinte e quatro anos de idade, tendo atravessado dez longos anos conduzindo a doença no peito arfante de amor e de vida.

Embora frágil de corpo, tinha uma alma forte e um generoso coração. E através do amor do seu coração e da fortaleza da sua alma, foi inspirada poetisa, das maiores do Brasil.

De poucos anos, a sua existência. Nem por isso, e nem diante da doença esmoreceu ante à febre, que lhe queimava o peito. O frágil corpo trabalhava devagar, suponho, mas avançava no seu projeto intelectual, porque a alma cristá, sempre avança, guiada pela luz, embora enxugando lágrimas.

A vida que levava lembra a afirmação de Lacordaire:

“Avançai devagar. Por mais preciosa que seja a saúde, não é Hércules que produz o máximo: uma alma generosa, em débil corpo é a mestra do mundo.”

E o valor não é dimensionado pelo ciclo dos anos, ensina Sêneca, secundado por Reboulet.

Perpassada de tristeza, a poesia de Auta. O seu canto elegíaco, tangido por sua harpa, soava igualmente à canção do seu irmão-poeta, Oscar Wilde:

“Deliberei vestir-me de tristeza, como um rei se veste de púrpura (...) Sei que me esperam lágrimas nas pétalas de uma rosa”.

O *De Profundis* do rapsodo inglês “é a mais amarga apologia da dor até hoje escrita por um poeta”, declarou Otto Schneider.

A Cidade de Natal consagrou a poesia de Auta nos incontáveis escritos dos seus admiradores.

Auta Henriqueta de Souza entrou na imortalidade que a credenciou como uma das expressões notáveis do Rio Grande do Norte, por ter esculpido, em su'alma, a beleza da Poesia mística e sentimental.

Seus, os lindos versos, “No Jardim das Oliveiras”:

*“Pobre Jesus! Como num sonho via: / Em cada sombra a
traição de Judas, / Em cada estrela os olhos de Maria!”*

Ainda dela:

AGONIA DO CORAÇÃO

*Estrelas fulgem da noite em meio
Lembrando círios louros a arder...
E eu tenho a treva dentro do seio...
Astros! Velai-vos, que eu vou morrer!*

*Ao longe cantam. São almas puras
Cantando a hora do adormecer...
E o eco triste sobe às alturas...
Moças! Não cantem, que eu vou morrer!*

*As mães embalam o berço amigo,
Doce esperança de seu viver...
E eu vou sozinha para o jazigo...
Chorai, crianças, que eu vou morrer!*

*Pássaros tremem no ninho santo
Pedindo a graça do alvorecer...
Enquanto eu parto desfeita em pranto...
Aves! Suspirem, que eu vou morrer!*

*De lá do campo cheio de rosas
Vem um perfume de entontecer...
Meu Deus! Que mágoas tão dolorosas...
Flores! Fechai-vos, que eu vou morrer!*

Jurandyr Navarro é escritor, autor de vários ensaios, organizou a antologia do Padre Monte, entre outras. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras, ocupante da cadeira nº 28.

Contos Sertanejos

Enéas Athanázio

A leitura dos contos de Afonso Bezerra (1907/1930) revela um caso literário dos mais curiosos¹. Escritor de linguagem clássica, erudita, às vezes até rebuscada, é, no entanto, autêntico regionalista, embora mais de fundo que de forma - como diria o crítico Lauro Junkes. Dois trechos que transcrevo a seguir servem para demonstrar a linguagem e o estilo. “O sol no seio de um terreno escampado, sem o amparo agradável das sombras compactas, numa profusão satânica de chispações ardentes, envolvia tudo numa temperatura de fogo, e ressequia a laringe e estalava os lábios de quem caminhasse a pé, àquelas horas, ao beijo ígneo de seus raios” (p.35). E mais: “A natureza como que experimentara um colapso formidando, a terra toda tremeu, agitada por uma como convulsão titânica dos elementos. Consumara-se um deicídio” (p.39). São frequentes frases de sabor erudito e de uso comum entre os escritores clássicos: “ainda de uma feita”, “vai se não quando”, “vim a dar acordo de mim”, etc. Sou tomado pela sensação de estar relendo os textos reunidos na célebre antologia de Carlos de Laet. Aliás, é admirável que um escritor tão jovem, falecido aos 23 anos incompletos, já manejasse um linguajar tão apurado.

Não obstante, ele semeou termos e expressões regionais no texto, num casamento de aparência impossível, mas que se consumou. Dosou tais elementos de forma contida, sem exageros, e conseguiu reproduzir a linguagem do sertão, onde quase todos os contos estão ambientados. O sertão, como palco dos acontecimentos, aparece descrito de maneira perfeita e o leitor chega a sentir o calor intenso, a secura reinante, o pó que paira no ar parado e o sol implacável dardejando. Não será demais, lembrar que o sertão, para nós sulistas, é a mata cerrada, a floresta inceira, enquanto para o nordestino é a caatinga, o semiárido, o quase deserto. Alguns

¹ “No Rancho dos Bentinhos e Outros Contos”, de Afonso Bezerra, organizado com edição póstuma por Thiago Gonzaga, publicado por Sebo Vermelho Edições, Avenida Rio Branco, 705, Natal, RN.

trechos exprimem bem essa sensação: “E assim, descreve o viajante - ao amplexo causticante de um sol senegalesco, percorrem-se quatro a cinco léguas, e por vezes mais, em caminhos rasgados no seio inóspito de uma faixa de mato, por picadas sombrias e desabitadas, onde não se encontra a esperança de uma cacimba, para matar a sede devoradora, com a esmola de um copo d’água” (p.19).

Nessas narrativas ele explorou a vivência do sertão. As crendices, as superstições, o crime e a vingança, as viagens penosas, os rasgos de bondade, as visagens, os ranchos e as taperas, a doma dos cavalos, a festa de São João e mil outras facetas do viver sertanejo. O apego do homem do sertão à sua terra, apesar de tudo, se manifesta pela boca dos personagens. Assim, Quirino Pereira, o morador maltratado pela seca e à beira da miséria, quando indagado por que não abandona tudo e ruma ao litoral, responde taxativo: “Sei lá... Coisas de quem é besta... Tenho pra mim que, onde a gente nasce, deve se enterrar. Aqui no cemitério da vila, estão todos os meus, desde os troncos velhos. Pra que ir atrás duma cova noutra canto?” (pp.87/88). E como o outro não entendia aquela posição, olhou-o por baixo e deixou transparecer no rosto seu descontentamento. Esse agarramento com o solo também se encontra no campeiro, é um traço comum aos dois.

O livro é uma agradável surpresa para quem desconhecia seu autor e uma leitura instigante para os apreciadores da história curta. Foi organizado por Thiago Gonzaga, autor também do excelente ensaio introdutório. Afonso Ligório Bezerra nasceu em Carapebas, hoje cidade que adotou seu nome (Afonso Bezerra), e faleceu em Natal (RN). Ingressou na Faculdade de Direito do Recife mas não chegou a concluir o curso em virtude da moléstia que o vitimou. Escritor e jornalista, viu muitas de suas produções publicadas em destacados órgãos da imprensa do seu Estado e do País. Católico convicto, sua religiosidade transparece em vários de seus textos.

Enéas Athanázio, escritor e jurista catarinense, autor de “O Azul da Montanha” e numerosos outros livros.

O maior da literatura menor

Gustavo Sobral

Os mestres e seu ofício

A crônica é o espaço do trânsito, do experimento e da realização. Mas exige cuidado, esmero e trabalho. Pode até parecer despretensiosa pela leveza própria do gênero, mas na verdade como toda grande literatura que se escreve e sobrevive em bases sólidas, exige dedicação. Rubem Braga, considerado o maior cronista brasileiro, escreveu mais de quinze mil crônicas em sessenta e dois anos de atividade. Consagrou e popularizou a crônica que foi o seu ganha-pão. Já cronista respeitado, em 1978 assinou contrato com a Revista Nacional, encartada nos jornais de domingo e com distribuição de quatrocentos mil exemplares, para publicação de uma crônica semanal, recebendo um salário mínimo por semana. Assim foi até a morte em 1991, redigindo oitocentas crônicas neste período. A quantidade também se torna espantosa, porque a ela está associada a qualidade da literatura que produziu. Braga checava tudo para ter a absoluta certeza de que não se enganava.

Os originais eram sempre escritos, reescritos, corrigidos. O cronista cortava palavras, substituía, reescrevia frases. Era minucioso e detalhista e conservou como estilo a brevidade. Exterminador de adjetivos, dizia que a crônica deveria se aproximar da conversa fiada, ou seja, parecer despretensiosa para arrebatá-lo o leitor. A lição para o exercício da crônica acrescia a necessidade de conhecimento amplo. Conta o seu biógrafo² que Braga lia de tudo. Poesia, biografia, literatura estrangeira, romance policial e até tratados sobre jardinagem. O cronista cultivava um conhecimento enciclopédico. João do Rio, precursor de Rubem Braga, foi quem trouxe para a crônica o caráter literário que não tinha³. João do Rio era fruto da crescente circulação dos jornais no começo do século XX, da popularidade dos jornalistas e da sua capacidade de inventar um

2 CASTELLO, José. *Na cobertura de Rubem Braga*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.

3 SÁ, Jorge de. *A crônica*. São Paulo: Ática, 1985.

jornalismo em forma de crônica. O marco inaugural desse gênero é o folhetim no século XIX.

Antonio Candido⁴ esclarece que o folhetim era uma espécie de artigo de rodapé com comentário sobre política, literatura, artes, as coisas do dia e, assim, aos poucos, foi se transformando, encurtando, tornando-se mais leve, até assumir as feições que consagraram definitivamente o gênero. Literatura da brevidade, exercício de recuperação da memória, da história social, da história do simples da vida, este é o todo objeto e assunto da crônica. Literatura maior nas mãos do escritor brasileiro, taxaram a crônica de gênero menor. Massaud Moisés⁵ classifica-a como expressão literária híbrida e múltipla porque nela cabe alegoria, necrológio, entrevista, confissão, monólogo, diálogo. Ele a situa entre a poesia e o conto, e explica: parte de uma visão subjetiva sobre o fato cotidiano. Seu poder está em não ser mera transcrição da realidade, mas na sua capacidade de recriá-la. A crônica tem o poder de ser um retrato do tempo. Revisitada como se faz a uma fotografia antiga, é capaz de revelar toda a graça, engenho e inventividade que encerra nos seus domínios. A crônica sobrevive e se liberta a qualquer tempo da leitura e não tem nada de literatura menor.

O exercício da crônica

Vinícius de Moraes, nos seus arrebatamentos poéticos, que também guiaram as suas crônicas, foi taxativo ao apontar: na crônica está o coração do jornal. Uma visão romântica para disseminar um quererismo para o jeito descompromissado, leve e despretenso da crônica, face ao rigor da realidade estampada nos cadernos de cidade e política. A crônica, ensina Vinícius, é herdeira dos *essays* ingleses do século XVIII que a libertaram para o caminho que ela assumiu de ser livre, casual e lírica. Coisa que Vinícius acusa: ela estaria perdendo por uma prática de um tipo de crônica que ele, numa espécie de crítica, chama as crônicas vagas, temperamentais, ególatras, à clef, para alertar para a missão

⁴ Antonio Candido. A vida ao rés do chão. In: *A crônica: o gênero, sua fixação e transformações no Brasil*. Campinas/SP: Editora da Unicamp; Rio de Janeiro/RJ: Fundação Casa Rui Barbosa, 1992.

⁵ MOISÉS, Massaud. *Dicionários de termos literários*. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

do cronista de contrabalançar o peso da realidade do jornal, por isso, é obrigação do cronista: “ser leve, nunca vago; íntimo, nunca intimista; claro e preciso, nunca pessimista”.⁶

Vinícius dedicará duas crônicas ao tema crônica, e com o mesmo título “o exercício da crônica”, fazendo graça e forçando um falso drama dirá o quanto custa ao cronista o preparo do seu texto quando a inspiração não vem⁷. O martírio que é a página em branco e a hora que passa no relógio e pressiona com o *deadline* se impondo quando é chegado o tempo de enviá-la para publicação. A queixa revela a faceta jornalística da crônica. Produto para jornal, como as notícias, reportagens e editoriais, está sujeita ao fator tempo, o chamado fechamento da edição, quando se conclui a edição e a envia para impressão. Vinicius aconselha: o ideal é sempre ter uma crônica adiantada, ou duas, para evitar o suplício quando o tema não vem; para tão logo desconversar, corroborando para uma visão poética do ofício.

Vinícius classificara os tipos que fazem crônica e os expedientes de que se vale o leitor como remédio para as atividades do dia a dia. Para ele, há aqueles que prezam em ser simples e diretos, colocam um floreio aqui e outro acolá, e que servem aos leitores como assunto para comentar em conversa na mesma noite; outros, aqueles que escrevem de maneira elaborada, servem para o leitor entediar-se e adormecer logo. Dos cronistas há aqueles que simplesmente fazem logo, apressados para livrar-se do suplício; há os eufóricos, que procuram levar alegria e felicidade ao leitor; os tristes, que inundam a crônica de desânimo; os modestos, que ocultam a sua presença na crônica; e os vaidosos, que estão lá em primeira pessoa, personagem sempre. Mas seja qual for a crônica, Vinicius é taxativo: o leitor não dispensa ao se acompanhar do cafezinho e do cigarro. Crônica é vício também declarado.

6 MORAES, Vinícius. O exercício da crônica. In: *Para uma menina com uma flor*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 53-54. O livro é resultado de crônicas selecionadas pelo próprio Vinicius de Moraes das que publicou em jornais e revistas a partir de 1941, o critério foi cronológico e o livro foi publicado em 1966.

7 MORAES, Vinícius. O exercício da crônica. In: *Para viver um grande amor: crônicas e poemas*. Rio de Janeiro: Mediafashion, 2008, p. 15-17. O livro é uma reunião de crônicas publicadas pelo poeta em jornais e revistas diversos, a maioria no jornal *A Última Hora*, a partir de 1959. A seleção ficou a cargo de Yvonne Barbare, secretária de Vinicius.

A crônica da cidade

Natal não há tal, foi um dos seus adágios, entre outros como o que pregava que em cada esquina há um poeta e em cada rua um jornal. Cidade que cresceu sonolenta, segundo seu historiador mor, Luís da Câmara Cascudo. Até que acordou na lenda de Manoel Dantas e se projetou moderna. Primeiro foi cidade na Ribeira e Cidade Alta, contida pelo rio, pelo mar e pelas dunas que não chegaram a cobri-la, depois se esticou para outros tantos bairros formados antes, durante e depois, Rocas, Alecrim, Petrópolis, Tirol, Ponta Negra... Certo de que não há um único símbolo que a consagre, a não ser, ser a famosa cidade do sol protegida pelos Reis Magos. Também cidade onde antigas modinhas rolaram nas violas sofridas em canções de um Ferreira Itajubá, esquecido poeta, pintor de parede e tantas outras profissões que pôde ter.

Visitada por Mário de Andrade, poeta, romancista, cronista, totalmente modernista e amigo de Cascudo, é terra, dita pelo mestre Cascudinho, que não consagra nem desconsagra ninguém. Neste corre-corre do tempo, do que só o que passa permanece, no verso do poeta biógrafo⁸ e natalense por adoção, Diógenes da Cunha Lima. Teve a sorte de ter registrando os fatos, a vida e a cidade, os seus cronistas diletos que fundaram definitivamente a crônica moderna nos jornais e a praticaram fazendo dela o uso preciso. Contar a vida a partir da própria perspectiva, as coisas da cidade e as andanças pelo mundo. O cronista foi então o historiador do presente e o biógrafo da própria vida. Prova de que a cidade existe e a história da vida diária está na crônica.

A passagem norte-americana durante a Segunda Guerra Mundial transformou a cidade. A população aumentou, os hábitos mudaram, novos jornais surgiram na praça. A *Tribuna do Norte* foi fundada em 1950, com duas linotipos e uma impressora, distribuindo dois mil exemplares, uma edição de doze páginas e uma seleção de colaboradores⁹. Woden Madruga escrevendo sobre os costumes, a cidade, a literatura, a política, além de comentários

8 LIMA, Diógenes da Cunha. *Natal: biografia de uma cidade*. Rio de Janeiro: Lidador, 1999.

9 *60 anos*, publicação comemorativa aos sessenta anos do jornal *Tribuna do Norte*. Coordenação editorial de Carlos Peixoto, textos de Nelson Patriota, revisão e pesquisa histórica de Woden Madruga. Natal/RN, Tribuna do Norte, 2010.

gerais; crítica de cinema por Berilo Wanderley, intercalada com as suas crônicas e os assuntos dos dias. Nesse caminho florescerão também as crônicas líricas de Newton Navarro. A transformação implicou a fundação da faculdade de jornalismo Eloy de Souza, em 1962, criada por lei estadual, e que funcionava no edifício e sob a administração da Fundação José Augusto. Outras faculdades também se instalavam: Direito, Medicina, Farmácia e Odontologia.

O Grande Ponto era o centro da cidade que andava de bonde. As pessoas frequentavam cafés e a Sorveteria Cruzeiro. O Granada Bar de Nemésio era o sucesso da boemia intelectual: Berilo Wanderley, Newton Navarro, Augusto Severo Neto e companhia ali se encontravam. A Ribeira era do comércio, dos clubes esportivos, hotéis, sede dos jornais, estação de trem e do Teatro Alberto Maranhão. Jornais eram sete em circulação: *Tribuna do Norte*, *Diário de Natal*, *O Poti*, *A Ordem*, *Jornal de Natal*, *Jornal do Comércio* e *A República*¹⁰. O carnaval passava em desfile de automóvel pela avenida Rio Branco e pela Deodoro. Vestidos de marinheiro, uma fotografia antiga guarda Lenine Pinto e Newton Navarro em festa. À movimentação cultural, somam-se as promoções do Centro de Documentação e Cultura da Prefeitura recém-criado e dirigido por Mailde Pinto Galvão que instalara uma galeria de arte na Praça André de Albuquerque, Cidade Alta, e promovera eventos, como a Praça da Alegria, com feira de livros, apresentações musicais e folclóricas. O governo do estado realiza o Festival do Escritor Norte-rio-grandense e lança duas coleções, uma de poesia, que leva o nome do poeta Jorge Fernandes¹¹, e a outra dedicada ao ensaio, a coleção Henrique Castriciano¹².

Outra movimentação é o curso sobre literatura do Rio Grande do Norte ministrado por Peregrino Junior, Câmara Cascudo e Jayme Adour da Câmara.¹³ A livraria Universitária comandada por Walter Pereira e a livraria Ismael Pereira na Ribeira eram ponto de

10 MADRUGA, Woden. Quase prefácio (em busca do tempo reencontrado). In: NEGREIROS, Sanderson. *A hora da lua da tarde*. Natal: Liv. Independência; Fundação José Augusto, 1998.

11 Celso da Silveira, Augusto Severo Neto, Défilo Gurgel, Dorian Gray Caldas, Luis Carlos Guimarães, Myriam Coeli e Sanderson Negreiros foram os poetas publicados.

12 Publicará de Romulo Wanderley o ensaio *A geografia potiguar na sensibilidade dos poetas*; e de Alvarado Furtado, *Jazz, cinema e educação*.

13 SANTOS, Tarcísio Gurgel dos. *Informação da literatura potiguar*. Natal/RN: Argos, 2001.

encontro dos escritores e intelectuais. Walter Pereira era uma espécie de patrono que recomendava leituras e publicava livros¹⁴. A fixação da crônica nos jornais pertencia ao time destas duas gerações. Berilo Wanderley e Newton Navarro já ocupavam as páginas da *Tribuna*. Sanderson Negreiros começa no *Diário de Natal*, colaborando com a coluna de Woden Madruga¹⁵. Diva Cunha e Constância Lima Duarte¹⁶ classificam este período da literatura potiguar (que começa com a publicação do livro de poemas de Jorge Fernandes em 1927 e vai até meados da década de 1960), ao proporem uma organização didática em etapas para a história da vida literária do Rio Grande do Norte, de modernista, a que poderia se acrescentar o florescimento da crônica da cidade¹⁷.

Cronista e boêmio

Berilo Wanderley despertava às cinco da manhã para escrever a *Revista da Cidade*. Publicada na *Tribuna do Norte*, a *Revista da Cidade* era um espaço visitado pela crônica, crítica de cinema, comentários sobre literatura e música popular brasileira. As suas paixões, depois de Mary, é claro. Apaixonado por toda vida, Berilo cultivou a paixão como elemento do amor. Todos aqueles que depõem sobre a amizade de Berilo registram o seu amor por Mary, Maria Emília Wanderley. Casados, andavam pela cidade como se sempre estivessem de mãos dadas nas noites no Granada Bar, de Nemésio, e nas reuniões nas casas dos amigos onde Berilo cultivava a sua maior arte: ser querido por todos. Nome completo, Francisco

14 CASTRO, Marize. *O silencioso exercício de semear bibliotecas*. Natal/RN: Una, 2011, p. 42-43.

15 MADRUGA, Woden. Quase prefácio (em busca do tempo reencontrado). In: NEGREIROS, Sanderson. *A hora da lua da tarde*. Natal: Liv. Independência; Fundação José Augusto, 1998, p. 16.

16 DUARTE, Constância Lima; MACEDO, Diva Cunha Pereira de (Org.). *Literatura do Rio Grande do Norte*: antologia. Natal: Governo do Estado do Rio Grande do Norte, Fundação José Augusto, Secretaria de Tributação, 2001, p. 32-33.

17 As primeiras antologias foram as poéticas: *Poetas do Rio Grande do Norte*, publicada em 1922, organizada por Ezequiel Wanderley; e *Panorama da poesia norte-rio-grandense* em 1965, por Romulo Wanderley. De contos, *Contistas norte-rio-grandenses* por Nei Leandro de Castro; como também romancistas e contistas em *Ficcionistas do Rio Grande do Norte*, por Manoel Onofre Junior; e as antologias literárias de DUARTE, Constância Lima; MACEDO, Diva Cunha Pereira de (org). *Literatura do Rio Grande do Norte*: antologia. 2. ed. Natal/RN: Governo do Estado do Rio Grande do Norte, Fundação José Augusto, Secretaria de Estado e Tributação, 2001; e SANTOS, Tarcísio Gurgel dos. *Informação da literatura potiguar*. Natal/RN: Argos, 2001.

Berilo Pinheiro Wanderley (Natal/RN, 1934-1979). Jornalista por vocação, começou na *Tribuna do Norte*, foi repórter e tão logo começou a preencher a sua crônica, substituindo interinamente Woden Madruga em 1956 e, depois, com a saída de Woden para o *Diário de Natal*, assumiu-a para todo o sempre.

Daí nunca mais parou de exercer o seu ofício. Por pouco tempo, arriscou o jornalismo no Rio e em São Paulo, mas voltou cheio de saudades para falar da sua cidade. Belo Lírio, afirma o amigo Veríssimo de Melo¹⁸, gostava tanto de cinema quanto apreciava a bossa velha e assim levava a vida com leveza, regramento e despreensão. Bebia vinho, hábito que adquiriu na temporada em que passou na Espanha, fruto da bolsa de estudos do Instituto de Cultura Hispânica. Ávido leitor, descansava as leituras sérias, de Drummond, Pessoa, Lorca, seus poetas prediletos, nas aventuras de um bom romance policial. Concluiu o curso de Direito, mas não conseguiu largar o jornalismo. Professor do curso de comunicação, uniu a sua paixão pelo cinema e pela literatura e apresentou candidatura para cadeira de telejornalismo em 1977 com a monografia *Cinema e literatura*. Cultivou um sonho, revelação do amigo Celso da Silveira¹⁹: ter uma casa com árvores e uma pequena horta, na estrada da Redinha, cercado por Maria Emília, amigos, sossego e livros. Simples, dispensava elogios, não se engrandecia.

Nunca sonhou outros voos, pelo romance, novela, conto, embora tenha sido poeta com obra publicada, o livro de sonetos *Telhado do sonho* de 1956. O jornalismo era a sua total dedicação. A crônica, a sua literatura. Nada mais ousou. O gênero supria toda a sua capacidade de observador da vida. Berilo foi como uma crônica, breve, intenso, presente, revelador, com os pés no tempo vivido. Outro Berilo não se encontra que não este, no íntimo das suas crônicas, nas homenagens dos amigos atônitos com a sua partida. Outra forma não poderia ser a de apresentar o cronista da cidade, que consagrou a forma na grandeza da sua simplicidade. Atividade que também condecorou um dileto amigo, companheiro do Granada, o cronista Newton Navarro.

18 MELO, Veríssimo. Lembrança de Belo Lírio. In: LIMA, Diógenes da Cunha (Org.). *Berilo Wanderley*: memórias, depoimentos, poemas, crônicas. Natal/RN: Editora Universitária, 1980, p. 24.

19 SILVEIRA, Celso. Berilo Vivo. In: LIMA, Diógenes da Cunha (Org.). *Berilo Wanderley*: memórias, depoimentos, poemas, crônicas. Natal/RN: Editora Universitária, 1980, p. 32.

Enfant terrible

Newton Navarro passava na redação da *Tribuna do Norte* com a crônica já batida (datilografada) à máquina ou ia lá mesmo para fazê-lo. Agitador cultural, pintor, artista que voltou à cidade em 1948, vindo da efervescência cultural de Recife/PE, onde fora a pretexto de estudar Direito e terminou nas aulas de desenho de Lula Cardoso Aires. Lançou arte moderna em Natal de cachecol, fantasiado de pintor²⁰. Becos, ruas, bares, o rio, os viventes, as figuras emblemáticas são as suas crônicas sem dia certo, produção que chegou em dois livros, uma seleção do próprio Navarro que se chamou *30 crônicas não selecionadas*²¹, lançado em 1969, com epígrafe de Vinicius de Moraes: “Um jornal é um pouco um organismo humano [...], a crônica é o seu coração”; o outro, póstumo, lançado em 2013, seleção do amigo Paulo de Tarso Correia de Melo, *Sete poemas quase inéditos & Outras crônicas não selecionadas*²². A crônica na obra de Navarro é um exercício múltiplo de suas habilidades literárias. Autobiografia não escrita e uma história da cidade revelada.

Navarro foi um vivente da cidade, das festas oficiais, dos palanques políticos, das mesas dos bares, dos salões literários e da festa das exposições, frequentou todos os espaços, andou por todos os bairros. Personalidade conhecida e reverenciada, não sobra pelas esquinas de hoje quem invoque uma história pitoresca e que não exija como uma patente o grau de ter conhecido Newton Navarro, de maneira que sobre a sua vida pairam lendas e se incorporam versões e mais versões de episódios vivenciados. Teatrólogo, cenógrafo, ator, orador, poeta, cronista, contista, novelista, muralista, desenhista, pintor, Newton Navarro Bilro (Natal/RN, 1928-1991). Os contos de Navarro têm a cor e a luz de um atento compositor de paisagens. A novela costura-se sobre o mar, a vida do pescador e a cultura popular. Sua poesia, um tanto Manuel Bandeira, fala do simples, dos bichos, das coisas, dos sentimentos e está impregnada de cor,

20 CALDAS, Dorian Gray. O tempo de Newton. In: *Saudade de Newton Navarro*. Natal/RN: EDUFRRN, 2013.

21 NAVARRO, Newton. *30 crônicas não selecionadas*. Composto e impresso no Departamento Estadual de Imprensa, 1969.

22 NAVARRO, Newton. *Sete poemas quase inéditos & Outras crônicas não selecionadas*. MELO, Paulo de Tarso Correia de; SOBRAL, Gustavo (Org.). Natal: EDUFRRN, 2013.

e assim os aspectos concorrem, formando um artista completo em que a forma de expressão pouco importa. Tudo é manifestação do poder criativo.

Navarro se revela um cuidadoso com a sua produção literária. Paulo de Tarso Correia de Melo²³ afirma que os contos eram escritos e reescritos cuidadosamente, mesmo empenho e trabalho que também dedicou para a reunião de suas *30 crônicas não selecionadas* em livro. Os amigos²⁴ revelam a sua cultura humanística ampla, conquistada nas conversas e leituras. Navarro era capaz de recitar poemas completos, tomado de emoção nas noitadas boêmias²⁵. Nas epígrafes dos seus livros, vê-se que era leitor da literatura que despontava, Clarice Lispector, Guimarães Rosa, Carlos Drummond de Andrade, Graciliano Ramos e um verdadeiro encantamento pela obra de Jorge Amado. Há notícia de correspondência de Navarro com alguns desses escritores brasileiros, a quem remeteu seus dois livros de contos. Na edição Navarro obra completa^{26,27}, há trechos de comentários escritos por Jorge Amado²⁸, Carlos Drummond de Andrade e Érico Veríssimo²⁹ aos livros *O solitário vento do verão* e *Os mortos são estrangeiros*.

Um escritor influenciado pelo existencialismo que a vida revela praticada ao extremo de quem se entregava em demasia para sorver a essência no amor, na bebida e na dor. Navarro foi personagem de si próprio. Confesso baudelairiano³⁰, inventor de si mesmo, circulava pela cidade construindo o mito Navarro, ao mesmo tempo em que se dedicava com afincos e cuidado a preparar

23 MELO, Paulo de Tarso Correia de. Saudade de Newton Navarro. In: *Saudade de Newton Navarro*. Natal/RN: EDUFRN, 2013.

24 ALMEIDA, Angela; RUBIANO, Helton; SOBRAL, Gustavo (Org.). *Saudade de Newton Navarro*. Natal/RN: EDUFRN, 2013.

25 WALDERLEY, Maria Emilia. Newton, o amigo. In: *Saudade de Newton Navarro*. Natal/RN: EDUFRN, 2013.

26 Na capa dos volumes consta “obra completa”, nas referências “obras completas”.

27 NAVARRO, Newton. *Obras completas*. Natal/RN: Fundação José Augusto; FIERN, 1998, 2v.

28 Consulta realizada ao setor de documentação da Casa Jorge Amado em Salvador, depositária do acervo do escritor não foi localizada nenhuma carta de Newton Navarro à Jorge Amado.

29 Sem referência de onde vieram, se de alguma carta, artigo publicado em jornal, só uma consulta aos originais poderia comprovar, mas infelizmente, o arquivo de Navarro encontra-se em local incerto e não sabido.

30 Memória Viva de Dorian Gray Caldas, Newton Bilro Navarro, Leopoldo Nelson. Coordenação de Carlos Lyra. Natal/RN: EDUFRN, 1998.

uma obra artística sólida, ao escrever e encenar peças de teatro, ao publicar crônicas e ao eleger temas caros à literatura brasileira. O que o torna parte de uma geração de escritores que se debruçaram sobre a realidade do país, a diversidade cultural, a vida do povo. A tudo isso Navarro impregnou com o seu toque existencialista numa atitude, a exemplo de Hemingway, de um escritor que parte de sua realidade para criar a sua ficção. Era preciso viver, conhecer e sentir para contar. As suas crônicas são parte e exemplo bem acabado de um projeto literário que criou, compartilhando a cena da cidade e o exercício da crônica com um amigo e também cronista, Sanderson Negreiros.

O poeta dos cronistas

A precocidade acompanhou José Sanderson Deodato Fernandes Negreiros (Ceará-Mirim/RN, 1939). Saiu menino do Colégio Santa Águeda em Ceará-Mirim/RN, aos nove anos de idade, para o Salesiano em Natal/RN. Teve vida breve no Seminário São Pedro, renunciando ao futuro sacerdócio e incorporando-se à vida da cidade. Passou pelo colégio Marista, cursou o Atheneu Norte-rio-grandense, foi para a Faculdade de Direito no Recife/PE, voltou para a Faculdade de Direito de Natal/RN, por fim, bacharel em 1963. Foi a sua formação. Outra escola foi o jornalismo. Começou a escrever aos 16 anos, cronista da *Tribuna do Norte*. Com sensibilidade de poeta, no mesmo ano lançou o primeiro livro de poesia, *Ritmo da Busca* (1956), bem recebido pela crítica e pelo público. Continuou poeta publicando livros, engajado com a turma do poema processo em Natal na década de 1960. Foi o autor do manifesto. Redator de *Manchete e Visão* no Rio de Janeiro/RJ numa curta temporada, adjunto de promotor em Ceará-Mirim e Santa Cruz, dentre outras funções anotadas no seu currículo.

Cronista desde o princípio, escreveu para a *Tribuna do Norte* e o *Diário de Natal*. A crônica sempre foi a sua revelação do mundo e um diário íntimo. Existencial, fez cálculos sensatos e decentes, leria no mínimo dois mil livros ao ano, o amor cultivaria para sempre bem amar, o pessimismo era para abandonar para longe no cotidiano de

cortar o cabelo, tomar o ônibus e engraxar os sapatos. O cronista Sanderson é um terráqueo, tem os pés no chão e nas coisas a fazer. Sonha ler mais poesia e pretende estudar Camões, nunca perder tempo e sempre ganhar espaço. Cumprirá suas atividades e será feliz. O cronista é um homem de fé e falso resignado na sutil ironia que lhe convém. Homem do contra e a favor, nada de chinela japonesa e mulheres burras-enfeitadas-fetichistas, a favor, sim, é da mulher irrelatável. O cronista é maroto e espreita mistérios.

Entre prós e contras desfilam suas crenças e ideologias. Só o comove o destino das pessoas humildes, mais do que tudo, são anônimos do heroísmo diário. Não o conforma a baba dos invejosos, a traição dos covardes e a falta de cerimônia dos fracassados. Contrário ao derrotismo, à ingerência, ao despotismo e à falência que povoa o mundo, impõe um remédio: a poesia e o amor que cabe na finitude do homem e do universo. Sabe das questões mais urgentes: a do amor e as mulheres. Oscila entre as inquietações maiores da existência e as coisas do dia a dia, sobretudo, as do coração. Da cidade, anota os problemas do cotidiano, falta de luz, telefone mudo, ruas esburacadas, trânsito, enxerga os seus habitantes: poetas especialistas em jazz, boêmio em levitação, loucos e chatos. E muito mais. Uma cidade em trânsito e o Grande Ponto fervilhando. A Natal, cidade que há cem anos era uma festa. Também se pinta de cores o Ceará-Mirim/RN da infância revisitado, saudade que dói como a Itabira, de Drummond. Assim o cronista revela a crônica o seu diário íntimo na paisagem urbana.

Compositor de cenas urbanas

Outra cidade não é Natal na Cena Urbana do cronista Vicente Serejo. Vicente Alberto Serejo (Macau/RN, 1951) é essencialmente jornalista (concluinte da Faculdade de Jornalismo em 1977). Um confesso vocacionado de carreira para o exercício da crônica e a observação da vida política. Sua literatura se imprime todos os dias em papel-jornal, desde quando instado a uma coluna semanal, a Cena Urbana, que nasceu por acaso. Começou a traçar as linhas no *Diário de Natal*, era 1970. De repórter passou a redator, depois chefe

de redação, depois editor, e sempre cronista. Com o fim do *Diário*, passou curta temporada no jornal *Gazeta do Oeste*, de Mossoró/RN, transferindo depois definitivamente a sua coluna para o vespertino *Jornal de Hoje*³¹. Leitor dos grandes cronistas, sempre esteve atento ao exercício da crônica, debruçando-se sobre a engenharia do gênero quando professor de Estilos Jornalísticos no curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Cronista em todos os tempos, não se sabe se é o cronista que não larga a crônica ou é a crônica que não larga o cronista. As alegações do por acaso estão explicadas: “passei a cronista sem querer. Em razão da interinidade de uma coluna social que não sabia fazer. Resolvi substituir as recepções pelas cenas diárias, umas minhas, outras da cidade”³². 1982 é o ano em que Vicente Serejo lança o primeiro livro de crônicas, seleção de cinquenta, dentre as quatrocentas que publicou nos últimos dois anos. O estilo do jovem jornalista de trinta anos revela o intelectual em formação. As cenas são o cotidiano e as coisas prosaicas da vida. A Redinha é personagem recorrente. Todos os cronistas amaram a Redinha. Serejo cumpriu a tradição e a elegeu dos seus sonhos e encantamentos. Verão de 1982, janeiro, manda notícias do mundo de lá à redação do *Diário de Natal*, dirigidas ao “Sr. Editor”. As *Cartas da Redinha* foram reunidas dois anos depois em livro sem alterações. São crônicas em forma de carta sobre o único tema, a praia da Redinha, na visão de um cronista em veraneio.

O livro é dedicado ao companheiro de profissão Berilo Wanderley, de quem pesca a epígrafe: “praia de jangadeiros, poucas casas e cajueiros em dezembro”. Serve bem a um resumo do que o cronista fotografa: a sua preguiça cotidiana de quem dedica-se a caminhada, conversa com amigos, leitura de jornais e livros, uma cervejinha e delícias da mesa. As férias do cronista são só deleite, mesmo que vez ou outra se queixe de estar sem notícias do outro lado do rio. Na Redinha, está bem munido pelos seus informantes Geraldo Preto e comadre Dalila. A lendária Dalila da consagrada gíngua com tapioca. Aliás, o veraneio do cronista é farto: das bacias de

31 Depoimento Vicente Serejo. Voz e Processo Criativo. Auditório da Biblioteca Zila Mamede, UFRN, Natal/RN, 14 de agosto de 2014.

32 SEREJO, Vicente. *Cena urbana*. Natal/RN: EDUFRN, 1982.

caju na estrada, desfilam sabores da mesa, tainhas fritas com dendê, escaldado de cioba (muito melhor que o cozido, adverte), carapeba, caranguejos e siris de corda, tudo servido e acompanhado de uma cerveja geladinha ou uma cachacinha. Os hábitos são fugazes, como espiar a cidade do outro lado, procurando as luzes do farol de Mãe Luíza. O que o desagrada é o piche na praia.

O cronista também se veste de explorador, segue em busca de águas calmas para levar as filhas para aprender natação e vai até Genipabu. Anota e registra todas as praias do litoral na sequência, só não vai a Touros e ali encerra a geografia. O mar, as conversas de pescador, as jangadas e paquetes, tudo é assunto para as cartas até que o verão passa e fica a nostalgia da saudade. O cronista é um lírico que enxerga o azul no Gin³³, que fala da cidade e da vida com encanto, assim completa a tradição de quem levanta todos os dias com a missão primeira de ser cronista e escrever para o jornal. Confesso dividido entre um eu lírico e um eu político que se revezam no espaço da crônica diária. Vicente Serejo eleva o gênero crônica à categoria de perfeição. O exercício diário, as leituras de tudo e o olhar aguçado do vivente e intelectual levaram-no a expor o melhor do gênero nos temas e na forma, mantendo a antiga medida precisa que usava quando enviava por fax, de onde estivesse, a crônica para o jornal. Métrica perfeita de linhas e parágrafos orquestrados.

O viajante e seus retratos

Augusto Severo Neto (Natal/RN, 1921-1991) foi cronista pela eleição propícia dos temas. Registrou suas andanças pelo velho mundo, passeios e revelações que aguçavam o seu interesse pela cultura universal, as artes, a literatura e as línguas estrangeiras. Poeta que foi, não prescindiu da observação cuidadosa do cotidiano. Memorialista, descendente dos velhos Albuquerque Maranhão, linhagem de política, poder e posses no estado do Rio Grande do Norte, recebeu no nome a homenagem ao avô sonhador e aventureiro que, sobrevoando Paris de balão, se envolveu em um acidente fatal, em 1902. Severo Neto herdou além do nome e da

33 SEREJO, Vicente. *Canção da noite lilás*: crônicas. Rio de Janeiro/RJ: Lidador, 2000.

estirpe, o pendor aventureiro, de viajor, e a vocação para as nuvens, foi piloto. Seus temas e assuntos de conversa sempre foram o mar e o tempo. Gostava de perambular pela Europa e, a partir de 1965, fez das viagens uma constante. Ano sim, outro não, ou seguidos, corria para uma temporada.

Batia perna por diversos países conhecendo e revisitando cidades, Paris, Roma, Sevilha, Madri, Barcelona, Lisboa, Creta, entre tantas outras, vivendo cada coisa que registrou com sabor delicioso de um bom contador de histórias nas suas crônicas de viagem. Sempre ele e sua mulher, Lúcia Severo, fazendo amizade, descobrindo o mundo. Se lhe perguntassem uma cidade, não hesitaria em apontar Paris, mas se fosse para apontar um país, não hesitaria em dizer Espanha. Seu refúgio em janeiro era o verão na praia de Pirangi do Norte, Parnamirim/RN, onde cultivou amigos, leituras e a companhia de Lúcia. Diferente não era a vida em Natal. Andava sempre pela cidade de alto a baixo, convivendo com toda gente, dos loucos aos intelectuais, artistas e políticos. Vivência e convivências que registrou em suas crônicas. A memória das ruas, dos bairros, das pessoas e da cidade de sua infância e juventude está nas crônicas publicadas em jornal e reunidas no livro *Ontem vestido de menino*³⁴.

Jornalista habilitado, formado pela Faculdade de Jornalismo Eloy de Souza, prolífico e assíduo, colaborou escrevendo artigos e crônicas, como voluntário, nos jornais *O Poti*, *A República*, *A Ordem*, *Dois Pontos*, entre tantos outros, até o *Jornal do Comércio*, do Recife/PE, cidade onde também cultivava amigos como Carlos Pena Filho e João Cabral de Melo Neto. Tradutor de personagens, reuniu-os no livro *De líricos e de loucos*, no qual tratou com olhar de poeta os cinquenta nomes selecionados e escolhidos, acrescentando o epíteto: histórias nuas e isentas. Os retratados são o que vivem e os fatos sobre os quais deles se contam. Crônicas fruto da observação e vivência do cronista que se confessa das personagens um biógrafo participante ou testemunha. Gente da cidade cuja obra foi a própria vida. Imortaliza nomes como Zé Areia, Severina e Albimar Marinho. O livro foi lançado na Ribeira, entre os seus, na gráfica de Carlos

34 SEVERO NETO, Augusto. *Ontem vestido de menino*. Natal/RN: Nossaeditora, 1985.

Lima, “ao sabor de cachaça e seriguela. Luís Tavares foi quem mais comemorou sentado num banquinho”³⁵. Registros que revelam a cidade, a crônica e a amizade sabor de instantes contínuos.

Gustavo Sobral é advogado e jornalista, Mestre em Estudos da Mídia (UFRN,2012), autor de “Arquitetura Moderna Potiguar” e outros livros. Organizou com o poeta Paulo de Tarso Correia de Melo, a reedição do livro de contos O Solitário Vento do Verão de Newton Navarro.

35 Depoimento Lúcia Severo. Natal/RN, 14 de agosto de 2014.

Vertente social na Poesia de Paulo de Tarso Correia de Melo

Thiago Gonzaga

*“Admiro muito aqueles que dedicam suas vidas à arte,
mas admiro mais aqueles que dedicam sua arte à vida”*

Augusto Boal

O poeta Paulo de Tarso Correia de Melo dispensa qualquer tipo de apresentação, ele é um dos maiores nomes da poesia do Rio Grande do Norte, não apenas da atualidade, como de toda a nossa história literária. O elogio que se fizer a ele será redundante e pequeno diante da sublimidade de sua obra poética. Além de uma trajetória de qualidade estética superior, Paulo de Tarso carrega com ele o mérito de ter sido o único poeta potiguar merecidamente reconhecido antes mesmo de publicar livro, caso raro, acredito que até a nível nacional.

Das várias características temáticas que encontramos na poesia de Correia de Melo ilustro neste pequeno artigo uma que, acredito, pela primeira vez está sendo abordada: a temática social. Devemos salientar, desde logo, que essa poesia tem sobrevivido ao longo dos anos às metamorfoses sociais, é atemporal, constrói-se por si só, independente da época em que foi escrita; é uma manifestação superior do espírito do poeta, fazendo dele uma espécie de mito vivo inspirado pelas musas.

PAULO DE TARSO, UM POETA TAMBÉM ENGAJADO

*“Antes de voltar a escrever, eu quero poder escolher
o meu lado do ringue”.*

Fausto Wolff

Assim como todas as artes, a literatura está vinculada à sociedade em que se origina. Não há escritor completamente

indiferente à realidade, pois, de alguma forma, todos participam dos problemas da sociedade, apesar das diferenças de interesses e de classes sociais. O poeta norte-americano Ezra Pound definiu a literatura como uma linguagem carregada de significado, ou seja, o poeta usa da plurissignificação das palavras para transmitir sua mensagem.

Partindo das suas experiências intelectuais e pessoais, Paulo de Tarso Correia de Melo recria a realidade, dando origem a uma realidade poética, e através dela consegue transmitir suas ideias ao mundo real. Desta maneira professa a literatura como um objeto vivo, uma relação dinâmica do escritor com o meio.

Paulo de Tarso canta, denuncia e relata acontecimentos demonstrando também ser um escritor engajado. O poema “Uma Canção para Zé Pretinho”, é um bom exemplo da preocupação do poeta com a causa afro, com os marginalizados pela sociedade.

UMA CANÇÃO PARA ZÉ PRETINHO

“Zé pretinho foi o primeiro executado em Natal, na manhã de 23 de maio de 1843. Não sabemos onde nasceu, como vivia, idade, antecedentes, espécie de delito. A memória popular defende o acusado, na acepção de inocência total.”

Luís da Câmara Cascudo
História da Cidade do Natal

*Raramente a história fala
dos que não tiveram sorte.
De Zé Pretinho ela narra
que foi condenado à morte.*

*Se nada se lhe atenua
o tempo sábio o redime:
não ficou o sobrenome,
também não ficou o crime.*

*Diz-se que olhou a cidade
entre inocente e escarninho,
antes de última vontade:
comer bolo e tomar vinho.*

*Quem era esse Zé Pretinho?
Homem simplório sem dolo,
ou não pedia, adivinho,
um copo de vinho e bolo.*

*Ou será que Zé Pretinho
bem sabia o que fazia?
Diverso pão, outro vinho –
blasfêmia ou eucaristia?*

O poeta versa sobre temática afro, ou seja, defende, de certa maneira, uma causa político-social, sem ser panfletário. Na literatura brasileira temos o exemplo de Castro Alves como modelo de literatura de engajamento. O poeta dos escravos, como ficou conhecido, soube, como poucos, conciliar as ideias de reforma social com procedimentos específicos da poesia, sem permitir que a sua arte fosse um mero panfleto político. Podemos citar outro exemplo, *Sentimento do Mundo* e *A Rosa do Povo* de Carlos Drummond de Andrade, com intenções sociais e caráter participante. Vários outros autores, como Lima Barreto, João Cabral de Melo Neto, Ferreira Gullar, Murilo Mendes, usaram sua arte para fazer denúncias sociais. No poema “Uma Canção para Zé Pretinho”, Paulo de Tarso, além das características já citadas, evoca um episódio histórico marcante, demonstrando estar antenado com o passado de sua terra. As obras *Natal: Secreta Biografia* e *Folhetim Cordial da Guerra em Natal e Cordial Folhetim da Guerra em Parnamirim* são bons exemplos.

A função da literatura, segundo Antonio Candido, está ligada à complexidade da sua natureza, e ela é uma construção de objetos autônomos com estrutura e significado, e também uma forma de expressão e de conhecimento. Para Candido, a literatura é “formadora”, ou seja, possui caráter formativo e educativo.

No entender do estudioso, existem na literatura níveis de conhecimento intencionais, ou seja, planejados pelo escritor e conscientemente assimilados pelo leitor. E são nesses níveis que o autor injeta suas intenções sejam ideológicas, de crença, ou revolta. Segundo Candido, a literatura satisfaz a necessidade de conhecer os sentimentos e a sociedade, ajudando o leitor a tomar posição em face deles.

Evidente que Paulo de Tarso não escreve sua poesia de forma aleatória; é perceptível o cuidado com a forma, com a construção do poema, meticulosamente, tijolo por tijolo. Outro bom exemplo:

CARTA DE INTENÇÕES

*Eu quero
um poema
que todo mundo
entenda*

*Eu quero mesmo
é contar
a história
da minha gente*

*Poeta
pseudônimo
de gênero
humano*

*Poeta
porta-voz
do eterno
presente.*

O poeta convoca para si mesmo a responsabilidade de ser um portador, uma voz que ecoa, que grita em favor do povo. Percebemos que o seu ponto de vista, mesmo implícito, enseja olhares sobre a

realidade, e com isso, faz com que o leitor, de alguma forma, tenha uma nova postura. Dessa forma entram em ação duas funções da literatura, a função cognitiva, ou seja, de passar conhecimento, e a função político-social, que é a que interfere no senso crítico do leitor, formando uma opinião. São evidentes essas duas qualidades na poética de Paulo de Tarso Correia de Melo.

O escritor Ferreira Gullar, nos anos 60, já havia ressaltado a importância da responsabilidade social da poesia. O poeta criticou o caráter puramente estético da arte, defendendo a arte engajada, como instrumento de conscientização numa visão construtiva da sociedade.

Nesta mesma linha de pensamento, o escritor José Guilherme Merquior entende que a arte, de maneira geral, como forma de conhecimento da realidade, deve refletir a condição nacional; o artista e seu trabalho devem influenciar direta ou indiretamente as pessoas. A arte obriga também a uma reflexão sobre situações e acontecimentos da nossa vida e do nosso mundo, segundo Merquior.

Paulo de Tarso, mais uma vez demonstrando sintonia com as teorias expostas, deixa patente em seu trabalho poético, além de temas diversos, uma preocupação com situações e pessoas mais simples da sociedade, gerando no leitor uma atitude reflexiva, como no poema a seguir:

ROCAS- QUINTAS

*Vive no subúrbio, a moradia
alugada, o trabalho extraordinário,
o ônibus, o dia a dia
e a aventura do crediário*

*A novela- poesia
ao alcance do salário
A televisão – fantasia
e a mágica do mobiliário*

O poema Rocas-Quintas é um exemplo dessa preocupação do poeta, com os mais simples, marginalizados, pessoas e situações banais do cotidiano.

Voltando a Merquior: a ideologia do artista está, na maioria das vezes em discordância com a realidade que lhe é apresentada, e cabe a ele a responsabilidade social pelo simples fato de fazer arte. Ainda com base nas ideias do crítico, acreditamos que é exatamente a função cognitiva da arte que pode conferir ao artista condições para tratar de assuntos sérios, importantes, como instrumento de transformação social. Paulo de Tarso torna-se um mediador de informações na medida em que, tratando da temática social, consegue unir o popular ao erudito.

Vejamos a propósito o poema a seguir:

AQUARELA

*Lulu era um santo
Não teve mulher, não ligava pra dinheiro,
Morava de favor em casa de parente.*

*Era habilidoso pra tudo,
mas vivia mesmo de fazer
balões de São João.*

*Como foi bonito, de tardezinha,
quando ele enterrou-se e soltaram de uma vez
todos os balões que tinha prontos.*

Pode-se dizer que, efetivamente, a poesia de Correia de Melo é social, pois sofre ação do meio e exerce influência sobre este, e liga-se a valores ideológicos vigentes, que o poeta utiliza em determinados poemas e causa algum impacto no leitor.

Para Antonio Candido a literatura é um instrumento poderoso de mobilização social. O estudioso louva as produções literárias nas quais o autor deseja passar um posicionamento em face dos problemas. Mas ele também alerta para o perigo de acharmos

que a literatura só se realiza quando tem essa função. Idêntico o pensamento de Merquior, quando diz que a arte pode e deve ser engajada, mas não, de maneira alguma, rebaixar-se a uma mera indicação de tarefas, ou seja, ser panfletária, partidária. Paulo de Tarso Correia de Melo tem consciência disso. Vejamos um trecho do seu poema

SALA DE JANTAR.

(...)
*Sala de jantar
onde se resume:
nem só de pão
vive o homem.*

No poema “Sala de Jantar”, o poeta versa novamente sobre um tema corriqueiro, demonstrando preocupação em falar de figuras, fatos e coisas comuns, deixando implícita a necessidade que o ser humano tem de fruir a arte.

Concluimos com a seguinte frase da escritora Lygia Fagundes Telles, bastante significativa: “Penso que uma das funções do artista é testemunhar o seu tempo, sua sociedade. Escrever por aqueles que não sabem escrever...”.

Referências:

BOSI, Alfredo. *Poesia e resistência*. In: _____. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 163-227.

CANDIDO, Antonio. *A Educação pela Noite e Outros Ensaios*. São Paulo: Ática, 1987.

_____. *O Direito à Literatura*. In: *Vários Escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1995. p. 235-263.

_____. *Literatura e Sociedade: Estudos de Teoria e História Literária*. São Paulo: Ouro sobre Azul, 2008.

ELIOT, T. S. *A função social da poesia*. In: _____. *A essência da poesia*. Rio de Janeiro: Artenova, 1972. p. 28-42.

MELO, Paulo de Tarso Correia de. *Talhe Rupestre*. Natal: Editora da UFRN, 2008.

MERQUIOR, J. G. *A responsabilidade social do artista*. In: _____. *A razão do poema*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996. p. 237-242.

Thiago Gonzaga é escritor e pesquisador de literatura potiguar, autor dos livros, *Impressões Digitais- Escritores Potiguares Contemporâneos Vol 1 & 2*.

O conto engajado de Lygia Fagundes Telles

Midiã Ellen White de Aquino

E resistimos, testemunhas e participantes deste tempo e desta sociedade com o que tem de bom. E de ruim. E tem ruim à beça.

Lygia Fagundes Telles

O texto literário é considerado de natureza engajada quando apresenta ideias que transmitem uma escolha e conseqüentemente uma participação ativa do escritor nas discussões de ordem social, histórica e política que envolvem a sociedade da qual ele faz parte. Nesse caso, o artista da palavra se recusa a apenas assistir passivamente aos eventos sociais e políticos de sua época e, por essa razão, coloca-se, por meio de sua obra a serviço de um ideal, de uma causa.

Assim é o perfil da paulista Lygia Fagundes Telles (LFT). De uma acentuada consciência social, a escritora não perde o ensejo, em suas entrevistas, de dizer o quanto sua obra é engajada, isto é, comprometida com a sociedade da qual ela é testemunha. A prosa de Lygia nos faz vivenciar as consternações dos que jazem à margem de uma sociedade discriminatória, opressiva, repressora, racista, desigual. Constantemente abordando temas nos quais põe em discussão a situação da classe oprimida, sua obra é marcada por uma lucidez e uma sensibilidade que mostram as mazelas sociais sem abrir mão da beleza estética.

Nos contos reunidos em *Invenção e Memória* (2000) o engajamento literário de Lygia é uma marca constante. Fruto de sua maturidade artística, nessa obra a invenção não se deixa reprimir pela memória, ao contrário, elas fundem-se pairando sob o mistério da criação literária ao ponto de não sabermos o que de fato é real e o que é ficção. A única certeza é, segundo a autora, que “a ficção vira realidade e a realidade vira ficção” (TELLES, 2009, p. 139).

Mas, como essa realidade é representada na prosa lygiana? Ora, com a efervescência das palavras, que são escolhidas com esmero para conceber quer seja a voz do opressor, quer seja a voz do oprimido. Isso porque a prosa de LFT reúne uma privilegiada heterogeneidade linguística; diversidade que é social e se concretiza por meio das vozes particulares que formam o enredo. É o que podemos observar nos contos presentes em *Invenção e Memória*, como em *Que se chama solidão*, narrativa que aborda a história de duas jovens pajens (da própria autora?) órfãs e pobres, cada uma arraigada ao peso da marginalização: Juana, a “preta desgarrada” que reagia contra as ordens da pequena patroa dizendo que os negros não eram mais escravos – “Fui perguntar ao meu pai o que era isso, escravidão. Ele [...] começou a recitar uma poesia que falava num navio cheio de negros esfaimados, presos em correntes e chamando por Deus. Fiz que sim com a cabeça e fui oferecer à Juana a melhor manga que colhi naquela manhã” (TELLES, 2009, p.12).

A escravidão que parecia tão distante da realidade da menina narradora, não era distante da realidade da negra órfã que em busca da libertação foge sem deixar vestígios e no seu lugar assume outra pajem “também órfã, mas branca”, a Leocádia. Contudo, o fato de ser branca não liberta a nova agregada da família da subalternidade e o desfecho da moça não poderia ser mais trágico: ela falece por causa de um aborto mal feito. E o pai da criança? E os motivos do aborto? Quem o fez? Não se sabe, é um mistério que morre com a jovem mulher.

Militante da causa feminina, LFT não abre mão de em seus livros abordar sobre a situação da mulher brasileira ante a sombra do patriarcalismo, seja para desvelar a opressão feminina ou para revelar o surgimento da sua nova face, isto é, a de mulher livre dos estereótipos patriarcais. Assim, a autora escreve em *Invenção e Memória* além de temas como o aborto em *Que se chama solidão*, também sobre a liberação sexual, a educação e participação política das mulheres, assuntos presentes nos contos *A dança com o anjo* e *Nada de novo na frente ocidental*.

Esses dois últimos contos mencionados são narrados em plena Segunda Guerra Mundial e mostram que enquanto o planeta

era definhado pelo sangue e a paz parecia perdida, as moças não podiam pensar em participar da luta armada, elas deveriam lutar sim, mas para não perder a virgindade antes do casamento: “o mito da castidade ainda na plenitude, nem o mais leve sinal da bandeira feminista hasteada nestas palmeiras. E o nosso sabiá ainda não sabia da pílula, não sabia de nada. O anunciado mercado de trabalho para *O segundo sexo* (que Simone de Beauvoir ainda nem tinha inventado) estava apenas na teoria” (TELLES, 2009, p. 25). Mesmo que a revolução feminina caminhasse lentamente, as protagonistas de *A dança com o anjo* e *Nada de novo na frente ocidental* sabiam o que queriam e não era só o casamento, mas a conquista dos seus direitos como cidadãs, a conquista da liberdade. E para isso era necessário ingressar no universo dos homens, apesar das reações contrárias: “o que significava aquilo? As mocinhas também iam combater?” (TELLES, 2009, p. 116). Não bastava ser escritora e estudar em uma escola só de homens? Não! Para a heroína de *Nada de novo na frente ocidental* era preciso também ser soldado, se necessário ir à guerra, defender a pátria e ser capaz de fazer a diferença.

Sabendo que o que nos torna capazes de fazer a diferença em favor do outro (aqui entendido como aquele que está às margens da sociedade) é o movimento que paira entre a vontade e a mudança, chamado *ação*, LFT nos faz o convite: És capaz? És capaz de fazer como o Príncipe Feliz e a pequena Andorinha, do conto de Oscar Wilde recordado em *O Cristo da Bahia*, que se doaram em favor dos miseráveis e mesmo assim não foram reconhecidos pelas suas boas obras? Ou apenas és capaz da indiferença como as autoridades desse conto que ao verem o Príncipe sem ornamentos e riquezas e a Andorinha morta os resumiram a lixo?

Há quem prefira a segunda opção ou o caminho mais fácil, como o protagonista do conto *Se és capaz*. Nesse texto, Lygia usa como fio condutor da narrativa o poema *Se*, de Rudyard Kipling, que como uma carta de princípios para a formação de um virtuoso Homem é dada de presente pelo velho avô ao neto adolescente. Mas o rapazinho logo percebe que a virtude é algo complexo, “coisa de bombeiro” e ele opta pela política: “Entrou firme na política e com um único objetivo, enriquecer. Tinha um nome decorativo, boa aparência e sabia seduzir quando falava. Então,

enriquecer rapidamente, mas sem prejudicar ninguém, é evidente, teria que visar apenas os cofres públicos” (TELLES, 2009, p. 33). E foi assim que um moço que fora tão bem instruído para não se corromper, deixou-se contaminar pela política, deixou-se dominar pelo poder, pelo enriquecimento ilícito oriundo da corrupção. Para o protagonista não há arrependimentos para os seus erros, nem mesmo quando a lembrança do velho e ético avô lhe vem à memória, porque a canalhice lhe era intrínseca. Restava-lhe apenas a dúvida: “foi no poder que me perdi ou eu já estava perdido?” (TELLES, 2009, p. 36).

Ora, estar perdido e entregue ao mal, a crueldade do mundo moderno é uma realidade da qual as personagens de *Invenção e Memória* não têm como se esquivar, especialmente os jovens. Isso é perceptível no conto *O menino e o velho* no qual uma criança é prematuramente dominada pela criminalidade ao assassinar e roubar o seu benfeitor. Representação de uma geração reprimida pela violência, pelo ódio, pelo descaso das autoridades políticas, que assim como o “mar pesado, cor de chumbo” ruge rancorosa (TELLES, 2009, p. 73)?

Como testemunha de uma sociedade afligida pelo fantasma do subdesenvolvimento, LFT que sempre apostou nos jovens para a mudança do país no decorrer de sua trajetória literária, em *Invenção e Memória* fica mais reservada quanto ao futuro. Contudo, ao utilizar a literatura como discurso social e político desvelando as mazelas sociais, Lygia deixa transparecer a esperança e por meio da sua palavra engajada arrisca-se mais uma vez dando à sociedade a oportunidade de se auto-analisar e, por conseguinte mudar. Sobre isso, o filósofo Sartre em *Que é Literatura?* (2004, p. 65) nos diz que se a sociedade se vê na literatura “e sobretudo se ela se vê *vista*, ocorre, por esse fato mesmo, a contestação dos valores estabelecidos: [...] o escritor lhe apresenta a sua imagem e a intima a assumi-la ou então a transformar-se”.

Tudo isso pode parecer utópico se consideramos o público de leitores do nosso país, visto que na nossa realidade de terceiro mundo a leitura ainda é privilégio de poucos e a grande massa não tem o hábito de interagir com o universo literário. Como então alcançar

esse público tão distante para que possamos acreditar, de fato, em uma transformação social? Segundo Sartre, para que isso aconteça, é preciso escrever para esse público, aproximá-lo da literatura.

O escritor se lançará então no desconhecido: falará, no escuro, a pessoas que desconhece, a quem nunca ninguém falou, a não ser para mentir-lhes; emprestará a sua voz às cóleras e inquietações dessa gente; através dele, homens que nunca se viram refletidos em espelho algum, e que aprenderam a sorrir e a chorar como cegos, sem se ver, encontrar-se-ão de súbito em face da própria imagem (SARTRE, 2004, p. 198).

O escritor engajado lança-se então a uma “esperança cega”, como afirma Lygia, que resiste às adversidades do subdesenvolvimento, protestando e participando da realidade do seu tempo com tudo o que há de positivo e negativo na sociedade: “inspiração para os escritores é o que não falta” (TELLES, 2009, p.138). E é inspirada no cotidiano, na história do seu país que LFT traça os seus enredos, em cada frase, em cada período é o fôlego do povo brasileiro que brada. Sua linguagem é compreensiva, mas densa; sem hermetismo, mas lírica e assim ela vai construindo personagens tão humanas que a linha entre o real e a ficção torna-se tênue.

Além dessa forte inspiração na contemporaneidade histórica do país, em *Invenção e Memória* outra marca muito presente na construção dos enredos é a presença da intertextualidade. Em todos os contos há referências diretas a outros textos e a partir deles as ações vão sendo encadeadas: seja à cantiga de roda *Se essa rua fosse minha* em *Que se chama solidão*, ou mesmo ao romance *Nada de novo na frente Ocidental*, de Remarque, no conto homônimo, muitos outros grandes textos e escritores são citados como elemento estético para o desdobramento e compreensão das narrativas.

Dentre esse diálogo intertextual destacamos o conto *Dia de dizer não*, um dos mais engajados do livro, que faz alusão à *Cidade de Deus*, de Santo Agostinho e também ao poema *A flor e a Náusea* de Carlos Drummond de Andrade (2003, p. 27). Dessa relação

dialógica entre esses textos LFT vai delineando a sua indignação ao “invasor da vontade”, isto é, o “político-invasor” que não respeitando os nossos direitos invade a nossa liberdade, comprometendo-a. E ante o sim do “comodismo e da servidão” dos que não conseguem reagir ao invasor resta apenas a desesperança e o medo nessa “cidade dos homens” maus, inescrupulosos de onde não se pode fugir: “Mas fugir para onde se a Miséria e a Violência (as irmãs gêmeas) estão em toda parte num só galope, montadas nos pálidos cavalos do Apocalipse”. E daí paira a dúvida “o homem ficou mais cruel ou ele foi sempre desse jeito mesmo?” (TELLES, 2009, p. 59-60). A isso podemos também acrescentar a indagação de Drummond: “Devo seguir até o enjôo? Posso, sem armas, revoltar-me?”.

Contra a ênfase ao capitalismo dessa nauseante sociedade materialista, nesse conto, LFT dá à narradora a oportunidade de dizer “*Não!*”. *Não* ao político falando na rádio. *Não* ao hospital sem estrutura para acomodar os doentes. Um *não* que urge como uma revolta à marginalização do outro. Uma pequena palavra que é usada como “resistência de ferro” às injúrias da opressão política, um *não* que representa uma ação contra o sistema desumano que assola o terceiro mundo: “Não, Não... vou repetindo e no cansaço faço agora apenas um gesto meio vago para o mendigo que me aborda na calçada e que fixa em mim um olhar interpelativo” (TELLES, 2009, p. 65).

Por conseguinte, o *não* em evidência nesse conto lygiano reflete não somente uma resistência do ser perante a desordem social, também é uma forma de resistência da palavra artística, ou seja, é a própria literatura reagindo contra a ideologia dominante tal como uma flor que brota no asfalto e vai perfurando-o ao mesmo tempo em que abraça “o tédio, o nojo e o ódio”, conforme escreveu Drummond.

E é por meio dessa palavra de resistência que LFT constrói em *Invenção e Memória* uma prosa de impacto e de ânsia, mas que também deleita-nos por sua intensidade e profundidade ao escrever tão bem sobre a condição humana. Assim sendo, a narrativa de Lygia faz jus às palavras de Alfredo Bosi (2002, p. 135) quando afirma que a literatura “descobre a vida verdadeira, e que esta abraça e transcende a vida real”, uma vez que “por ser ficção, resiste à

mentira. É nesse horizonte que o espaço da literatura, considerado em geral como o lugar da fantasia, pode ser o lugar da verdade mais exigente”.

Referências

- 1] ANDRADE, Carlos Drummond de. **A rosa do povo**. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- 2] BOSI, Alfredo. **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- 3] SARTRE, Jean-Paul. **Que é a Literatura?**. São Paulo: Ática, 2004.
- 4] TELLES, Lygia Fagundes. **Invenção e Memória**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

Midiá Ellen White de Aquino é graduada em Letras e especialista em Linguística Aplicada pela UERN. Atualmente cursa mestrado em Literatura Comparada pela UFRN.

Opereta em dó maior a um humanismo decadente:

O riso em Laurence Sterne e Machado de Assis

Paulo Caldas Neto

1 Introdução

Para alguns, a tarefa que será empreendida aqui poderá estar locupletada de riscos aparentes, pois que realizar-se uma análise comparativa entre dois autores, cujas obras pertencem a contextos diferentes, é assumir a responsabilidade crítica sobre possíveis conexões estéticas existentes entre eles; para outros, uma pertinente atividade a serviço do que é inédito ou quase original na iminência de se fazer sólida. Os autores da literatura universal que serão objeto do presente estudo são Joaquim Maria Machado de Assis, brasileiro nato e, conforme classificam os historiadores, um dos maiores nomes do Realismo em nossas terras; o outro, um inglês da era do militarismo no Reino Unido, Laurence Sterne, precursor de um estilo que depois viria a influenciar Machado.

Desde que escreveu os primeiros volumes da obra *A vida e as opiniões do Cavalheiro Tristram Shandy*, Laurence Sterne destituiu a visão do leitor de que uma narrativa precisa seguir o modelo clássico: começo, meio e fim. Na verdade, há vários intertextos dentro da narrativa central a questionarem a temporalidade dos fatos, a veracidade e a organização destes. Por que não dizer também que esses acontecimentos, da forma como são relatados, não seriam a contestação do próprio curso da vida, na qual nada é por acaso? Muitos dos capítulos do romance, que têm como elo o nascimento do personagem Tristram Shandy, aparentemente não estão norteados por ele, como aparentemente as situações que permeiam cada capítulo de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, fogem ao liame. Parece até que um capítulo que retrata uma borboleta negra não tem, a princípio, relação com toda a condição humana do personagem Brás Cubas, autor da própria autobiografia

e autocrítica desenhadas ao longo do livro. No *Tristram Shandy*, impressiona-se o leitor com a história entrecortada por outras histórias e com a visita à narrativa original de outros discursos para explicarem determinados fenômenos científicos, dentre os quais como se faz um parto e a maneira de se administrar a propriedade de Walter Shandy. Este, pai de Tristram, pretendia cuidar de um pedaço de terra, intitulado *A charneca do Boi*, salvando-o com isso da ruína. Quanto a tal apontamento, nos concebe uma reflexão o trecho a seguir, retirado do prefácio *Sterne ou o horror à linha reta*, escrito por José Paulo Paes, e que acompanha a edição lida para a elaboração deste artigo:

Shandy Hall, a propriedade hereditária da família, fora ampliada ao longo dos anos pelo recurso ao cercado ou encerramento (enclosure) mediante o qual os grandes proprietários se apossavam das áreas de terras comunais, não cercadas, a que, desde o Medievo, tinham livre acesso os camponeses pobres, e no final do volume IV do *Tristram Shandy* vemos o pai do narrador a cogitar se aplicaria ou não o dinheiro de uma herança providencial para cercar e cultivar a Charneca do Boi, terra comum cujo título legal de posse fora obtido por um antepassado seu. A essa condenável mas generalizada técnica de grilagem, que vinha sendo praticada desde o século XV sob o acicate do desenvolvimento da Indústria da lã, não teve escrúpulos de recorrer o próprio Sterne para formar a sua propriedade rural de Coxwold e com os rendimentos dela aumentar seus modestos ganhos de pároco. (PAES, 1998, p. 16)

Em Machado, o mesmo acontece quando o personagem Brás Cubas cita em seu discurso memorialístico a fascinação por encontrar um emplasto que trataria a humanidade de sua decadente condição melancólica; humanidade esta inconsciente do esfacelamento de suas próprias questões morais. Esses assuntos são delineados com uma dose de desconfiança, causando ao mesmo tempo o desmerecimento por parte do narrador em relação ao próprio

discurso sobre o futuro do homem. Brás Cubas, nesse ponto, se assemelha a Tristram Shandy ao proferir uma ideia, que, em seguida, irá pôr em dúvida. Em tal estratégia narrativa, encontramos até um tom paródico. É como se nascesse um novo *gentleman*, consciente de uma certeza que não é absoluta ao desenvolver uma teoria, e que nos é um verdadeiro enigma, porque não sabemos se o que ele fala é autêntico ou se é um conceito parodístico. De certa forma, a linguagem culta empregada pelo narrador machadiano é um falsete, porquanto satiriza em tom arrogante toda uma Cultura oficial, que compreende o conhecimento erudito das classes burguesas da época, e totalmente inflexível, a ponto de rebaixar o próprio saber do povo, ou melhor, da Cultura popular, mais aberta a qualquer questionamento de si mesma ou dos valores da sociedade. Não deixa de ser às avessas a quebra de uma dicotomia ainda muito forte nas fronteiras do Capitalismo.

Uma abordagem, voltada para se entender o funcionamento e os efeitos que tal discurso ora satírico, porque recorre à autoanálise como forma de autojulgamento *post-mortem*, ora puramente cômico, na medida em que diverte corrigindo-se leves vícios, com objetivos reparadores da moral humana, desperta interesse por ser também o riso elemento do qual se apropriam Laurence Sterne e Machado na compreensão do papel do homem na sociedade capitalista, conforme acabou de se pincelar superficialmente. Os detalhes ficarão por conta da discussão sobre tal ponto caracterizador do estilo dos dois autores, cuja estética ajudará no desvendamento de questões ainda a se fazerem elucidadas.

Em relação à escolha do título, deve-se à semelhança de ambos os enredos à ópera-bufa, derivada do teatro musical. Com um pouco de perspicácia, o leitor perceberá em nossa investigação crítica o destaque às narrativas cortadas por outras e que vão diferenciar ambas as obras, talvez, de outras conhecidas, apresentando-se aos seus olhos a natureza cômica e sentimental dos personagens protagonistas e secundários num verdadeiro concerto, no qual as notas mais agudas, como o Dó maior, intensificam nossas emoções ao limite de nossas forças.

2. O riso que faz bem

As páginas do romance *A vida e as opiniões do Cavaleiro Tristram Shandy*, à primeira vista para quem as percorrer, provocaram estranheza em face de suas inúmeras reviravoltas organizadas assim para romper com a diretriz da temporalidade. Isto é: malabalismos na linguagem, recortes de uma cena para que outra seja inserida no lugar da primeira, o tom cientificista do narrador que, às vezes, substitui um nível mais corriqueiro de se expressar, além de uma série de ilustrações que invadem o relato do narrador-personagem, complementam outros capítulos, em que se descobre uma total subversão ao discurso verbal (sinais de pontuação suprimindo falas ou demais informações). Ao parar o relato de uma cena para se discutir outra, mesmo que aparentemente não tenha relação, usa-se uma técnica narrativa que se conhece por *digressão narrativa*. Não foi Sterne o inventor desse artifício, contudo pode-se dizer que foi quem melhor soube usá-lo a serviço da comicidade. A digressão ocupa quase boa parte da narrativa principal, o que se leva a crer que o livro é mais um corpus textual repleto de opiniões do narrador sobre sua própria existência do que sobre sua existência em si. Pouco se fica conhecendo a vida de Tristram, a não ser alguns rápidos episódios acerca de seu nascimento atrapalhado, logo entrecortado por um longo debate científico entre o Dr. Slop, o tio Toby e Walter, pai de Tristram; a circuncisão sofrida acidentalmente pelo menino ao abrir uma janela que o atingiu nas partes íntimas; a adolescência cheia de peripécias e curiosidades; a viagem à França já na maturidade em companhia do pai; os amores do tio Toby e o famoso *Cavalinho de pau*, bem como a necessidade de registrar todos esses eventos que o próprio Tristram reconhece importantes em uma autobiografia para se explicar a condição humana em decadência moral.

Algumas fugas do texto em si para se citar um outro texto paralelo, porém, facilmente encaixado no principal, são conhecidas, linguisticamente falando, por digressões *extratextuais*. E encontramos o tom parodístico delas no episódio do romance em que, antes do nascimento do personagem, se discute a licitude de seu batismo, fazendo-se utilidade de uma injeção. A criança seria batizada ainda no ventre materno. Aparece, ademais, a passagem

em que o cabo Trim, serviçal do tio Toby, lê um sermão no qual o próprio Sterne havia lido na Catedral de York, enquanto exercia sua profissão de pastor anglicano. Aí, acaba-se buscando a referência ao personagem Yorick, que seria possivelmente o autor do sermão e o *alter-ego* do autor do romance. O exemplo mais engraçado de digressão extratextual provavelmente seja o da excomunhão redigida pelo bispo Ernulphus no século XI. Se não, vejamos:

Maldito seja ele (Obadiah), maldito em todas as faculdades do seu corpo!

Maldito seja interna e externamente. — Maldito seja nos cabelos da cabeça. — Maldito seja no seu cérebro e no vértice (eis uma praga terrível, disse meu pai) nas têmporas, na frente, nos ouvidos, nas sombrancelhas, nas faces, na mandíbula, nas narinas, nos dentes incisivos e molares, nos lábios, na garganta, nos ombros, nos pulsos, nos braços, nas mãos, nos dedos.

Maldito seja na boca, no peito, no coração e frescura, até o próprio estômago.

Maldito seja nos rins e nas virilhas, (Que Deus do céu não permita, disse o tio Toby) — nas coxas, nas partes genitais, (meu pai sacudiu a cabeça) e nas ancas, e nos joelhos, nas pernas, e pés, e unhas dos pés.

.....
.....

Declaro, disse o tio Toby, que meu coração não me deixaria maldizer com tamanha amargura ao próprio diabo. — Ele é o pai das maldições, replicou do dr. Slop. — Mas eu não, replicou meu tio. — Mas ele já está amaldiçoado e danado por toda a eternidade, — replicou o dr. Slop.

Sinto muito por isso, disse o tio Toby. (STERNE, 1998, p. 190-191)

É evidente que a linguagem do baixo corporal se apresenta em Sterne nas referências às partes do corpo humano (pés, virilhas, dedos, genitália etc.), parodiando o discurso litúrgico, que passa a ser cômico. Dois textos caminham paralelos e, da relação entre um e outro, tira-se um conjunto de ideias pelo avesso. O dr. Slop, nesse trecho, mantém o tom sacrossanto da oração e o mistura à alocação científica como forma de questionar a própria linguagem e torná-la mais clara e acessível a quem a buscar. O formalismo do palavreado religioso, às vezes, é fonte de subversão linguística pela maioria dos literatos e com o *Tristram Shandy* não é diferente. Sendo o riso em François Rabelais muito presente na narrativa do autor inglês, não só nesse extrato, mas também em quase toda a obra, é fácil perceber que essa prática de apropriar-se de um gênero como a liturgia para imitá-la às avessas teve sua origem em textos qual o próprio *Gargântua e Pantagruel*, escrito no século XVI. As alusões aos *Evangelhos*, por exemplo, em pleno século XVIII, já eram feitas desde a Idade Média durante as festividades, e um jogo cômico a respeito de aspectos voltados para a doutrina e os cultos oficiais funcionavam com a meta de tornar as formas de comportamento sério frente ao mundo em estruturas e maneiras de pensar e agir mais maleáveis. Com isso, enfatiza-se a urgência em se ver a vida em sua mobilidade e mudança, pois certas situações ou até mesmo interpretações da realidade são passíveis de intenso questionamento.

Geralmente o *pastiche* é a forma mais comum de se parodiar um texto. Ao se valer de uma palavra ou frase da homilia original, o autor da homilia parodiada trabalha a ambiguidade, e esta é que vai gerar a comicidade. Em se tratando de alguma referência ao baixo material e corporal, o efeito de sentido é ainda mais significativo, uma vez que fornece a quem tem contato outra percepção acerca da mensagem lida. É só observar a ludicidade com que certas expressões ou vocábulos do *Tristram Shandy* são empregadas, contendo outro significado. Tomemos por exemplo a palavra *Hímen*, proferida pelo narrador. A referida expressão, se interpretada literalmente, designava o deus grego do matrimônio; porém, no enredo, adquire uma conotação sexual, que é aparentemente a mais conhecida. No capítulo 07, do volume III do romance, o vocábulo aparece com tal sentido justamente numa sucessão de duas cenas, nas quais se

dão os preparativos para a cirurgia obstetrícia da mãe de Tristram, a senhora Elizabeth, com destaque para o rompimento do fórceps para a passagem do feto e, em seguida, o esforço de Obadiah, criado da família, em trasladar a cavalo os instrumentos cirúrgicos a serem usados durante a operação. O movimento dos instrumentos e a comparação do tilintar deles com a mobilidade do órgão feminino Hímen, reforçam a comicidade ao lembrarem o ato sexual, que leva à reprodução humana e ao parto atrapalhado “... quando Obadiah acelerou a velocidade e de um trote comum tentou passar a pleno galope esporeando seu cavalo de tiro, — pelos céus! senhor, — o tilintar tornou-se inacreditável.” (STERNE, 1998, p. 179)

Mais digressões do tipo *narrativas* são comuns na história e servem de base à edificação do humor. Contos exuberantes, como o que é de autoria do erudito Slawkenbergius, escrito parte em latim, abordando a relevância dos narizes grandes, obsessão explícita do pai do personagem, Walter Shandy, vão construir a gargalhada no leitor. Além deles, historietas sobre bigodes, anedotas repletas de implícitos e termos chulos sempre relacionando a imaginação à sexualidade entrecortam o enredo principal como marca forte de estilização. Por outro lado, não se deve esquecer de que tamanhas digressões são cortadas pela história-modelo e também por outras digressões, o que produz o processo de fragmentação ilimitado. O próprio narrador Tristram Shandy, de quando em quando, se perde nos seus comentários e colocações diante de tantas pausas no fio da trama para que outras tramas se desenrolem. Numa delas, teremos as explicações do tio Toby a respeito da guerra nos países baixos que o levou a se ferir gravemente na virilha e a suspeita da viúva Wadman, cortejada por ele, sobre esse ferimento, imaginando que este tenha atingido as partes íntimas do futuro pretendente, inutilizando-o como homem. Na sequência, o episódio da massagem no joelho do cabo Trim por uma freira, com a ideia de que fora acima dos joelhos, torna a cena digna de um comentário a mais a respeito da teoria do baixo corporal de que tanto fala o formalista russo Mikhail Bakhtin em seu ensaio *A cultura popular na Idade Média*. Nele, o crítico discute que as proposições ligadas ao corpo e à matéria expõem risibilidade, porque desenham a imagem grotesca do corpo sempre em analogia ao sagrado. O objetivo é, através do

riso, minimizar as fronteiras entre o profano e a sacração, o que vai garantir o hibridismo das visões sobre a anatomia humana. É o que acontece nessa cena do toque da religiosa na ferida do cabo; tal situação na narrativa oferece ao leitor a quebra de tabus por meio da diversão.

A extravagância dos nomes dos personagens, chamados ao batismo de Tristram, é praticamente mais um indício da influência de Rabelais sobre o pároco escritor. Os teólogos são nomeados por termos próprios vindos do grego e do latim. Vão integrar um banquete, do qual participam o pai e o tio Toby, com a finalidade de alterar o nome de batismo do nosso personagem-herói. Um dos teólogos se denomina Kysarcius, e os demais convidados, Phutatorius, Gastripheres e Somnolentius. Se repararmos, esses nomes designam partes ou necessidades fisiológicas do ser humano, revelando, com isso, o trabalho do romancista a respeito do tema do grotesco e do fescenino, que, como vimos, é ingrediente para a máquina do riso. Da mesma forma que em Rabelais, Sterne ridiculariza bastante os membros da escolástica, que todos sabem que na Idade Média eram considerados pela Aristocracia “os donos do saber.” Foi graças à concepção de que na Índia se podia encontrar o legítimo paraíso terrestre que, na Idade Média, o conceito do corpo grotesco ou a imagem que se fazia deste ajudou no entendimento sobre o hibridismo das formas anatômicas³⁶. Isto é: nas artes, na literatura e na cultura oriental, as adorações extravagantes ao sagrado em função dessas imagens primitivas misturadas ao que aparentava ser mais civilizado criaram uma atmosfera exótica e bela, habituando o olhar do homem medieval a violar as barreiras entre o corpo e o mundo. Essa nova maneira de ver o que antes não era possível trouxe de volta à cultura popular medievalista a oportunidade de se recuperar alguma clareza referente a muitas dúvidas do que acontecia em nossa vida orgânica e sexual, desmistificando ideias obscuras da nossa existência. As lendas indianas também contribuíram para que tal visão estética do baixo material e corporal se sedimentasse no inconsciente coletivo como forma de sustentar o fantástico, o sublime.

36 BAKHTIN, Mikhail. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Trad. Yara Frateschi Vieira. 2.ed. São Paulo: HUCITEC; Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1993. p. 302-304.

Sterne tenta fazer essa corrente entre o feio e o belo suavemente através da digressão que garante o incremento do conto de Slawkenbergius no volume IV de seu romance, dessa vez relatando a história da cidade de Estrasburgo, onde a chegada de um forasteiro de nariz esquisito desperta vários comentários entre toda a gente do povoado. Enveredam-se no relato dessa narrativa os teólogos católicos e luteranos que aparecem no banquete a fim de quererem provar a fonte daquele fenômeno, espalhando controvérsias as mais variadas. É claro que nesse caso, quando se fala do grotesco, ao lado deste, convive-se com a noção de exagero, o que fortifica o risível. A partir do momento em que se narra uma história como essa, mexe-se com a ilusão a tal ponto, que parece até que nada passou de um sonho dos personagens, sem o menor elo com a realidade dos fatos, muito menos com o próprio sobrenatural. Contudo, o retrato grotesco de um membro da anatomia fica bem destacado e pode valer como peça exemplar no trato com o tema aqui discutido.

Ao mesmo tempo em que o *Tristram Shandy* é um divertimento, há, sem dúvida, aí uma preocupação do autor com a morte. Para fugir a ela, nada melhor do que rir. Rabelais foi um dos pioneiros a considerar o riso qual válvula de escape de todas as dores físicas e espirituais. Em *Gargântua e Pantagruel*, a quantidade de cenas cômicas permeia praticamente todo o romance; Laurence Sterne adota a risada com esse mesmo objetivo. A razão esteja em se desviar do caminho que leva a melancolia. Se esta aniquila qualquer tentativa do homem de ainda continuar vivendo e enfrentando as truculências do cotidiano, o melhor a fazer é reacender a chama que possa garantir a cada um de nós um pouco de esperança no futuro. Por que não lembrar aqui o que Miguel de Unamuno costumava dizer?: o riso suaviza o sentimento trágico da vida. Eis o resumo do que pensa o autor inglês e que reproduz em sua narrativa shandiana, pois as peripécias de Tristram e de sua família se fazem ainda mais presentes nas passagens do enredo que são classificadas como as mais trágicas. Basta ver, por exemplo, o modo como foi encarada a morte do irmão de Tristram pelo pai Walter no volume V do livro: “... que chorar pela perda de nossos amigos ou filhos é uma paixão natural e irresistível — e Sêneca (estou certo disso) diz-nos algures que tais pesares são mais bem evacuados por esse canal específico” (STERNE,

1998, p. 340). O próprio *alter-ego* do autor nos denuncia em sua obra a necessidade que sempre teve de apaziguar os problemas financeiros e familiares por meio do folguedo. A doença mental da esposa foi por ele retratada com muito humor na passagem que trata do conto *A história do rei da Boêmia e de seus sete castelos*. Reza a lenda que durante o delírio esquizofrênico, Elizabeth, como assim se chamava, dizia ser a Rainha da Boêmia, um reino encantado que só existia em sua imaginação. O nome da esposa também foi aproveitado pelo autor para compor a personagem Elizabeth, mãe de Tristram. Eis o extrato que tem como narrador o cabo Trim:

Havia um certo rei da Boêmia, mas em qual reinado, a menos que seja o seu próprio, não poderei informar a Vossa Senhoria. —

Não desejo isso de ti, Trim, absolutamente, exclamou meu tio Toby.

— Foi um pouco antes da época, perdoe-me Vossa Senhoria, em que os gigantes começaram a deixar de procriar; — em que ano de Nosso Senhor foi isso —

— Eu não daria um tostão furado para sabê-lo, disse meu tio Toby.

— Mas é que as datas, se Vossa Senhoria me permite, dão melhor aspecto a uma história.—

— Ela é tua, Trim, e cuida pois de ornamentá-la à tua maneira; pega qualquer data, prosseguiu meu tio Toby, olhando-o com ar divertido — pega qualquer data do mundo, a que preferas, para a pores em tua história — eu a aceitarei de bom grado.

[...]

No ano de Nosso Senhor de 1712, havia, com permissão de Vossa Senhoria —

— Para te dizer a verdade, Trim, interrompeu-o meu tio Toby, qualquer outra data me teria agradado mais, não somente por causa da deplorável mancha em nossa história que esse ano representa, pois foi nele que as nossas tropas se retiraram e se recusaram a cobrir o sítio

de Quesnoi, embora Fagel estivesse levando a cabo as obras com incrível vigor — como também por causa de tua própria história, porque se vão aparecer gigantes — e pelo que deixaste perceber, suspeito que sim — se vão aparecer gigantes nela — (STERNE, 1998, p. 522-523)

Aquele que se embrenhar nas páginas do *Tristram Shandy* vai perceber, outrossim, que a morte não é levada a sério. Antes é um tema polêmico, mas simultaneamente engraçado. O protagonista tenta se livrar dela por meio de uma longa viagem pela França nos volumes VII, VIII e IX do livro, mas sabe que terá que enfrentá-la mais cedo ou mais tarde e, nesse ponto, lembra um pouco a narradora de *As mil e uma noites*, tecelã de seu próprio destino a compor histórias e mais histórias para vencer o terror do fim. Tristram, muitas vezes, até brinca com a morte a fim de neutralizá-la no volume VII no momento em que seu amigo Eugenius conta uma piada sobre um monge que cometeu o pecado da gula e que o levou a falecer, indo parar nas zonas infernais. Com isso, ignora-se a presença da morte que naquele instante batera à porta do herói, desejando abatê-lo repentinamente.

3 O riso que faz mal

Nosso exame agora já nos permite traçar um espaço paralelo entre o romance sterniano e o machadiano. A um leitor que tenha o conhecimento da estética shandiana repara influências marcantes na escrita de dois homens que viveram em contextos distintos. Machado se não pecava enquanto escritor, não era diferente na condição de autor ao criar um personagem-defunto que também escrevia. A audácia de Brás Cubas foi maior por ter se aventurado a escrever as suas próprias memórias, as quais subvertem a lógica aparente e a temporalidade dos fatos. Iniciar uma autobiografia, às vezes fazendo até uso de uma doutrina filosófica como o Humanismo do amigo Quincas Borba para justificar as suas próprias teorias e atitudes para com os outros e para consigo mesmo, classifica o narrador na categoria dos mais debatidos pela crítica brasileira e estrangeira. É o

que se pode chamar de ilusionismo narrativo, porém, se contrapõe pouco à estética aplicada nos romances da 1ª fase de sua prosa, mais caracterizada pelo atenuado Romantismo.

Porque só viria a mostrar sua verdadeira forma de compor arte literária em 1880, com a publicação das *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, conforme anteriormente se deixou explícito, o escritor, nascido no Morro do Livramento no Rio de Janeiro em 21 de junho de 1839, vem nesse novo trabalho inovar tanto em aspectos linguísticos como estilísticos. A obra se declara desde o início que é ela em si mesma, carregada de artimanhas metafóricas e organizadas de uma maneira bem sistemática, o que nos remete a pensar no predomínio da função poética da linguagem. Se a mensagem é explicada a partir de si mesma, então o lirismo machadiano choca ao mesmo tempo que desperta o porquê de tanta nudez. A dedicatória do romance antecipa o que mais ou menos o leitor pode esperar dos capítulos que seguem: “Ao verme que primeiro roeu as frias carnes do meu cadáver, dedico como saudosa lembrança estas memórias póstumas”. É o cheiro da morte que se aproxima, mas que parece já ser íntima do narrador, só sendo encarada tal qual a dona do destino de Brás. A lírica aí é mais presente para provar o domínio do autor pela língua portuguesa; domínio este que justificará, ademais, o sarcasmo pela manutenção da dicotomia entre a Cultura Oficial, da qual o narrador-personagem faz parte, e a Cultura popular ou de massa.

Esta história é curiosa por ter um narrador em 1ª pessoa, que destaca a sua alteridade para nos provar que o morto se sobrepõe ao vivo, avaliando, comentando e envaidecendo-se de seus feitos e, principalmente, do fato de nunca ter tido filhos para lhes transmitir “o legado da nossa miséria”. Brás Cubas, durante a avaliação dos acontecimentos que mais marcaram sua passagem pela vida terrena, escarnece de si mesmo e do leitor, como se este realmente duvidasse de tudo relatado por um morto e até da capacidade deste em ainda permanecer questionando um mundo ao qual não pertence mais. A possível desconfiança do leitor em relação ao que o narrador afirma chega a atingi-lo em alguns momentos. Não é à toa que há momentos em que ele dá inúmeras explicações sobre o ato de escrever, debate com aquele que lê o estilo, a textura dos capítulos, o conteúdo do

livro e até outros textos devidamente encaixados em sua narrativa. Um exemplo disso é o trecho do enredo em que temos o relato da travessia de Brás pelo oceano até chegar à Europa e bacharelar-se. A bordo do navio, o capitão é poeta e lhe recita versos, aos quais o protagonista não parece dar muita atenção. Com isso, fica claro o profundo narcisismo em que se acha. Um narcisismo que não merece muita credibilidade.

O protagonista, em alguns instantes, demonstra até perceber o receio do leitor e brinca com a credulidade quando lança mão de teorias filosóficas para acentuar o próprio escárnio. É evidente aí a estratégia também aplicada no *Tristram Shandy*, no qual o lado excêntrico de Walter Shandy, pai do narrador, constrói cenas engraçadas que exageram na comprovação científica acerca da influência dos nomes de batismo no comportamento humano, bem como no tamanho dos narizes. Em Machado, isso é observado na teoria das edições humanas, indo mais adiante se repetir na lei da equivalência das janelas, só que em um tom apologeta. Contudo, o emprego desse artifício cômico na narrativa sterniana tem fins puramente medicinais, o que não acontece na prosa de Machado, em que a comicidade não parece vencer a melancolia. A concepção de vida de Brás Cubas a cada capítulo adquire ares mais pessimistas, descrentes. A recorrência ao discurso da Filosofia ou do cientificismo é um condutor digressivo que é útil para dar significado e convergência à defesa do seu egotismo. À proporção que vai ilustrando seus pensamentos e ideias com exemplos e máximas, vai configurando a personalidade que alimenta o seu egocentrismo. E, assim, pesam comentários críticos que justificam sua autocrítica para que a ideologia sobre si mesmo e a condição humana se firmem como teoria base. A busca incessante por isso se constata no capítulo VII – O delírio, em que a viagem onírica e as demais alusões à psicanálise colocam o personagem num jogo de espelho, ou melhor, de imagem. O seu outro eu estaria representado na figura de Pandora ou Natureza:

[...] Tudo nessa figura tinha a vastidão das formas selváticas, e tudo escapava à compreensão do olhar humano, porque os contornos perdiam-se no ambiente,

e o que parecia espesso era muita vez diáfano.[...]
— Chama-me Natureza ou Pandora; sou tua mãe e tua inimiga.
Ao ouvir esta última palavra, recuei um pouco, tomado de susto. A figura soltou uma gargalhada, que produziu em torno de nós o efeito de um tufão; as plantas torceram-se e um longo gemido quebrou a mudez das coisas externas.
— Não te assustes, disse ela, minha inimizade não mata; é sobretudo pela vida que se afirma. Vives: não quero outro flagelo.
— Vivo? Perguntei eu, enterrando as unhas nas mãos, como para certificar-me da existência.
— Sim, verme, tu vives. Não receies perder esse andrajo que é teu orgulho; provarás ainda, por algumas horas, o pão da dor e o vinho da miséria. Vives: agora mesmo que ensandeceste, vives; e se a tua consciência reouver um instante de sagacidade, tu dirás que queres viver.
(ASSIS, 1994, p. 26)

O que a visão onírica faz é simplesmente formentar o orgulho de Brás Cubas. Um lado dele é desconhecido e só se manifesta por causa do sonho. Todos nós possuímos duas forças em nossa alma: o instinto de dor e o instinto de amor. Mas é preciso se experimentar essas pulsões pelo próprio transcorrer da vida corpórea do que depois da morte, período para o qual só cabem as lembranças e as reflexões. A ignorância do defunto-narrador é objeto de escárnio por sua interlocutora, e a risada dela denuncia até um ridículo doentio, quase beirando o patológico. A moral aí é contestada porque Brás descobre a inutilidade de sua experiência enquanto vivo: o cargo de ministro que não ocupou, o casamento com Virgília que não se concretizou, o romance com Marcela inteiramente frustrado, a fracassada carreira política que só lhe rendeu a proeza de propor a diminuição do tamanho da barretina da Guarda Imperial etc. Ele mesmo escarnece disso no capítulo CXXXVI-Inutilidade, no qual reconhece a dificuldade de escrever uma linha a mais sobre sua vida já privada de qualquer sentido. Os raciocínios (alguns até

filosóficos) são esfacelados como a própria moral e a intelectualidade dele, que parecem não tê-lo esclarecido em relação aos seus atos. Mas antes da zombaria desse capítulo, o exterto anterior revela por intermédio de uma alegoria do Inconsciente humano o lado cômico do protagonista — a sua pseudomoralidade. O ridículo, então, se declara pela figura do homem, suas ideias e suas aspirações sem que o personagem tenha se esforçado para pô-las em prática. No romance de Sterne, o escárnio também se faz a partir das colocações científicas do dr. Slop, algumas até ridicularizadas pelo tio Toby, com a diferença de que nas *Memórias Póstumas* o riso depreciador é mais pesado, tenso, tem a finalidade de apenas demonstrar o lado negativo e obscuro do anti-herói.

Essa última afirmação diz respeito também a uma espécie de riso que tem na melancolia sua complementação estética. O melancólico, segundo o que, a princípio, já se explicou, para Machado não traz benefícios, só estimula a noção de que a loucura cômica é a autêntica cura da humanidade. Sobre isso, vejamos o que ensaia a citação a seguir:

Como seus predecessores, Machado cumpre conscienciosamente seu dever de suprir o leitor com tiradas cômicas, para fazê-lo rir. Mas, ao contrário, de Sterne, não tem ilusões sobre os benefícios terapêuticos desse riso. Ao contrário, a função do riso parece ser a de desacreditar a ideia de que a melancolia possa de todo ser curada. (ROUANET, 2007, p.220)

E a temática do fim vem acompanhada desde o prólogo em tom de pilhéria no instante em que o narrador anuncia as referências literárias que o inspiraram a escrever o livro e conclui com a certeza de um possível piparote caso o leitor não se agrada da composição. A verdade é que o fato de o narrador negar maiores esclarecimentos sobre a natureza dos traços empregados na forma de compor a obra se deve, em parte, ao motivo de que se trata de um texto literário, e este só pode se aclarar partindo de si mesmo. Por isso, evita mostrar o processo de escrita utilizada na organização da narrativa. Por outro

lado, gaba-se da eloquência e do grau de retórica que, enquanto bacharel em Ciências Jurídicas, modificam a seu favor o discurso o tempo todo, fazendo o leitor duvidar da própria capacidade de compreender o que ele explana. Tem-se, assim, um palhaço-tirano que joga com dois dados: o da seriedade e o da tranquilidade. Falar de morrer para qualquer pessoa é algo muito sério, mas para Brás Cubas, que já não crê mais em nada, porque a vida é efêmera, é estímulo à graça. Ele não tem mais nada a perder, muito menos a vangloriar-se de algum feito extraordinário, posto que sempre teve tudo facilmente através da ociosidade e de muito poder. Como ilustração desse raciocínio, ter-se-á a cena em que a relação amorosa entre Brás e Virgília termina, e a luta entre dois insetos serve qual metáfora. Uma sensação de mesquinhez e egoísmo toma conta do personagem, pois ele não se entrega à derrota nem mesmo quando esta parece evidente. Se o homem está destinado à melancolia, nada mais ameno que galhofar também dela sem, por sua vez, deixar-se abater totalmente. A melancolia pode ser proveitosa para equilibrar os instantes de hilaridade a formar uma coesão, e o que melhor alavanca tal coesão é o sentimento de voluptuosidade.

4 Conclusão

A abordagem de um assunto de origem filosófica, psicossocial e sociológica rende muito proveito a quem reconhece o efeito científico que possa produzir. Almejar alguma repercussão sobre o que dá fonte à comicidade e ao humor sempre foi uma obsessão desde outra atividade ensaística que, assim como esta, exprimiu vestígios do esteticismo da linguagem risível. Vimos que há toda uma história, um contexto em que a arte e a cultura caminham juntas, e esse pacto auxiliou a que se entendesse na obra inglesa do Tristram Shandy, de Sterne, a intertextualidade e os fenômenos estéticos e as diferenças entre contextos históricos com o romance machadiano. É pertinente uma investigação como essa, porque nos põe diante de dicotomias temporais, levando-nos a ter consciência do passado e do presente. O que mudou quanto ao modo de rir? Como a sociedade capitalista encara sua condição, seu papel, seu dever? Lapsos de memória têm liame com a historiografia, estudando

criticamente costumes que orientam a uma diretriz sobre o riso, contrabalançado por instantes de melancolia para que o homem tenha ciência de sua natureza contraditória e, a partir disso, possa progredir enquanto sujeito numa atmosfera de disparidades.

A reflexão aqui feita deixa veredas a serem cada vez mais trilhadas àquele que desejar meditações profundas acerca de como se processa o cômico no ser humano e qual a sua representatividade sociocultural pelo viés do olhar crítico de Sterne e Machado, um autor britânico e um brasileiro que possuem conexões, sendo que o último teve uma alma mais sensível ao reaproveitar um material de uma época anterior a sua e mostrar que tal época ainda é viva, porquanto a humanidade pouco mudou. O tempo passado não pode ser esquecido por ser a justificativa do presente e, assim, se compreender o progresso. No caso do riso, fica bem mais fácil se repensar valores culturais e sociais por ser universal, e o Universalismo é o que torna a linguagem também una a todos os povos. Mesmo que haja um engajamento sociopolítico, conforme se constatou primeiramente na prosa de Laurence em comparação depois à de Machado, o perfil universalizador deve prevalecer em função da unidade; nós, seres de um processo histórico, somos marcados por nossas atitudes e vícios, registrados depois ou por um historiador ou por artista. O intercâmbio entre os discursos fortalece a visão de que todos estamos num palco, guiados por uma educativa comédia a qual assinamos com a pena da galhofa e a tinta da melancolia. Eis o equilíbrio que rege quem podemos ser.

5 Referências

ASSIS, Machado de. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. 19 ed. São Paulo: Ática, 1994.

BAKHTIN, Mikhail. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Trad. Yara Frateschi Vieira. 2.ed. São Paulo: HUCITEC; Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1993.

PAES, José Paulo. A armadilha de Narciso. In: *Gregos e baianos — ensaios*. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 37-48.

_____. Sterne ou o horror à linha reta. In: STERNE, Laurence. *A vida e as opiniões do Cavalheiro Tristram Shandy*. Trad. José Paulo Paes. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 7-38.

PROPP, Vladímir. *Comicidade e riso*. Trad. Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Ática, 1992.

ROUANET, Sergio Paulo. *Riso e melancolia: a forma shandiana em Sterne, Diderot, Xavier de Maistre, Almeida Garrett e Machado de Assis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SCHWARZ, Roberto. *O mestre na periferia do capitalismo*. São Paulo: Duas Cidades; Ed.34, 2000.

STERNE, Laurence. *A vida e as opiniões do Cavalheiro Tristram Shandy*. Trad. José Paulo Paes. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Paulo Caldas Neto é escritor e professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte. Autor dos livros *No ventre do mundo e Do picadeiro ao céu: o riso no teatro de Ariano Suassuna*.

De bicho que voa

Paulo Bezerra

De bicho que avoa, caboco, tudo por aqui anda escasso. Até faz pena...

De outros tempos a esta data vê-se o arranca milho, do tupi *guira-una* que quer dizer ave preta, de canto muito apreciado; a andorinha comum nas igrejas com seu piar característico; o andorinhão-de-coleira-falha (*Streptoprocne biscutata*), do Bico d'Arara que derna dos outros tempos ninguém sabe donde vem nem pra donde vai conquanto pesquisado, à exaustão, pelo acariense Luís GM Bezerra; o anum preto e o branco (*Crotophaga ani*), a se alimentarem de insetos e a asa branca (*Columba picazuro*) ave migratória de canto belo e penoso, imortalizada por Luís Gonzaga na canção “Asa Branca: (...) Até mesmo a asa branca / bateu asas do sertão / então eu disse adeus Rosinha / guarda contigo meu coração (...)” e depois, noutra bela música de louvação “A volta da asa branca: (...) já faz três noites / que pro norte relampeia / a asa branca / ouvindo o ronco do trovão / já bateu asas e voou pro meu sertão / ai, ai eu vou me embora / vou cuidar da plantação (...)” No Parque Asa Branca, no Exu, onde Gonzaga viveu, um amplo viveiro havia com algumas delas.

O bem-te-vi (*Pitangus sulphuratus*) colorido e belo; o beija-flor que faz o ninho nos pés de urtiga (*Urtica urens*), de língua comprida para alcançar o néctar das flores, veloz no voo e pondo-se parado no ar pela alta frequência do bater de asas; o concriz (*Icterus jamacaii*), preto e amarelo, a casaca de couro de bonito canto em ninho enorme feito de garranchos.

O canário da terra (*Sicalis flavoela*), amarelo-ouro, belíssimo e cosmopolita, já sumido. Oswaldo Lamartine (1919-2007), em sua fazenda Acauã, no município de Riachuelo, fez um criatório livre a partir de um casal que lhe mandou Monsenhor Expedito, o qual se acostumou à gaiola aberta, entrando e saindo, inclusive pondo e tirando ninhada. Nas vezes em que lá estive havia dezenas deles saltitando nas árvores, porém não dou notícia de como anda agora depois que a moça Caetana levou o bom amigo.

O canção (*Cyanocorax cyanopogon*) tem o canto que lhe repete o nome, vive em bando, graúdo e vestido de preto e branco. É criado em casa por quem portador de asma para dar cura à doença, crença ainda viva. A acauã (*Herpetotheres cachinnans*), ave de rapina cujo canto onomatopaico se tem como agourento no que diz respeito a inverno, comedora de cobra, vista em pleno voo com sua presa pendurada na unha, quadro que Dimas Ferreira – um mestre da arte de cantaria no Acary – traduziu no tico-tico dos seus ferros de trabalho num marco comemorativo da virada do século e do milênio, mas que nunca chegou à praça pública para ser admirado.

O galo de campina (*Poroaria gularis*) numeroso, aos pares, ciscando nos terreiros e currais, pondo e tirando ninhadas, às vezes preso em gaiolas a soltar o canto para deleite dos seus donos.

O João de barro (*Furnarius rufus*) que faz ninho de barro, esterco e vegetais na forquilha de galho seco, pesando em média cinco quilos, com vestíbulo e câmara, seu ninho propriamente dito, onde põe, choca e tira ninhada até de quatro. Fala-se do casal fiel até a morte, no entanto, se diz que o macho sentindo-se traído prende a fêmea na câmara e abandona o ninho.

A mãe da lua (*Nyctibius griseus*), rodeada de lendas, cabeça chata e grandes olhos, de canto triste, a se alimentar de insetos à noite e dormir durante o dia. Pousada numa estaca seu corpo não se define parecendo ser a própria madeira por força do mimetismo.

Apareceu, no entanto, um ninho em arbusto do terraço da casa das Pinturas feito somente de cabelo, diferente dos ninhos conhecidos, mas que foi abandonado; no mesmo pé, um segundo ninho foi construído e nele a postura de quatro ovos com manchas escuras, mas que a ventania da noite arrancou e os ovos se espatifaram no chão. Depois, em novo ninho com um ovo apenas e o abandono definitivo. Recolhemos os três ninhos e o ovo choco. Fotografamos. Um passarinho preto de cauda comprida e mancha amarela nas asas, arisco, fora visto em voo, deixando o ninho. E nunca ninguém deu roteiro nem dele, nem de ninho feito de cabelo. Aí me falaram em pega, em rouxinol-de-encontro-amarelo, em soldado, em xexéu de bananeira (*Icterus cayanensis*) e em outros mais de plumagem parecida, dando os traços. Só não se falou em ninho feito de cabelo,

mas há de se imaginar, na circunstância presente, cabelo oriundo da crina e do rabo dos cavalos e da maçaroca dos bois.

O Pinica-pau (*Campephilus robustus*), tem bico forte para martelar a madeira abrindo um abrigo onde põe e mora. Das rolinhas a branca (*Columbia picui*), a caldo de feijão (*Columbina talpacoti*), a fogo-apagou (*Scarfadela squammata*), cuja produção neste ano de 2014 foi fora do comum, voando em bando. Até Luís Gonzaga em música penosa cantou: “Tive pena da rolinha / que o menino matou / mas depois que torrou a bichinha / comeu com farinha gostou (...)”. Quando a parede de fora da casa das Pinturas era caiada de branco, vez por outra, a rolinha voando no sentido poente/nascente, encandeada com a claridade, se chocava com ela e morria. Também muitas são as ribaçãs (*Zeneida auriculata*) a servirem de ração proteica e renda à gente sertaneja.

De hábitos noturnos o socó, (*Tygrisoma lineatum*), habitante dos açudes a se alimentar de peixe, répteis e moluscos. Tem o tetéu (*Vanellus chilensis*), que canta de noite e de dia e ataca no voo, com o esporão das asas, o intruso que se aproxima do seu ninho.

E por aí vai. E tem mais, muito mais. Inda bem não chegou o pardal (*Passer domesticus*), um almofadinha da praça, da Europa trazido há cem anos.

Na espera de melhores dias se assina um velho seridoense.

Paulo de Balá Bezerra

Paulo Bezerra é médico e escritor, autor de “Cartas do Sertão” e outros livros. Ocupante da cadeira N° 12 da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

Orixás & encantamentos

Anna Maria Cascudo Barreto

Embora católica romana praticante, desde criança fui levada pelo meu pai, Luis da Câmara Cascudo, estudioso dos rituais do Candomblé e da Umbanda. Ele solicitava respeito, não credulidade. Habituei-me a orar diante do peji, a entoar os cânticos e comer os pratos favoritos dos orixás, a assistir a evolução e a coreografia ritualística, com a mesma atenção dedicada ao espiritismo kardecista e ao Budismo, cujos ensinamentos igualmente sempre me fascinaram. Admiro aqueles que amam a Deus, a Nossa Senhora, e seguem os ensinamentos de figuras próximas à perfeição no setor moral. Encanta-me observar a religiosidade do povo. Vibro quando alguém se persigna, já que creio na Santíssima Trindade.

A Umbanda é hoje reconhecida não apenas ritualisticamente, mas na essência doutrinária. Em São Paulo temos a Faculdade da Filosofia Umbandista, onde já tive a honra de dar aulas, narrando experiência pessoal, e depondo o quanto era perseguida pela polícia, que encarava qualquer manifestação diferenciada como vadiagem. Meu pai muitas vezes foi retirar da prisão dedicados componentes de batuques, de danças folclóricas, cantores populares que eram confundidos com desocupados ou até bandidos. Voltando à Faculdade, ela hoje congrega mestres estudiosos da Protosíntese cósmica e da numerologia sagrada, denominada Aumbandan. Surpreendeu-me o quanto de numerologia existe na Umbanda. São sete as vibrações originais. O número um é Orixalá, associado à unidade geométrica, ao princípio, a condensação. O número dois é Iemanjá, equilibrando-se geometricamente; é a linha singela, o princípio feminino. O número três corresponde a Yori, o triângulo, símbolo dos três reinos, do perfeito, o princípio dos planos manifestos. O número quatro é Xangô, associado ao equilíbrio kármico, aos elementos da natureza, símbolo da coesão. O número cinco é Yorimá, associado aos elementos dinâmicos, ao sintético. É o símbolo da Protosíntese masculina. Geometricamente representado pelo Pentagrama. Número seis, Oxóssi, fixação das forças da

natureza. É o símbolo ligado às correntes mágicas. Geometricamente associa-se ao hexágono. Número sete, Ogum, é a expansão da Lei, a magia em ação. Associa-se ao Heptágono. Número oito, Exu, é o oposto que domina os elementos, símbolo da execução e da justiça. É uma força composta de $7 + 1$, a unidade movimentando a magia. Associa-se ao Octógono. Número nove, triplo ternário, movimenta os planos mental, astral e físico. É o símbolo da perfeição. É também o número da movimentação mágica superior dos espíritos ancestrais. Associa-se geometricamente ao Eneágono. Número dez representa a Lei, o máximo da década. Infinitos são os pontos que o compõem. É também o número da realização, sendo associado aos mistérios superiores. Geometricamente associado ao círculo. Pelo exposto, Umbanda é também numerologia. Os sacerdotes do alto Nilo e os brâmanes da Índia guardaram suas morfologias-sonoras expressando quantidade e qualidade, sendo um alfabeto considerado a própria ciência do verbo vivo. Mas deixemos as leis do karma, reencarnação, planos de evolução do ser espiritual. Tratemos dos encantamentos.

Os mais legítimos umbandistas são os filhos da fé. Quando em lua de mel com Camilo Barreto, meu inesquecível marido durante quarenta e quatro anos, estivemos com Jorge Amado, sua Zélia e a filha Paloma longamente. Todos amigos do meu pai. Fomos ao terreiro da famosa Mãe Menininha do Gantoá que nos mostrou muito do ritual autêntico. O Terreiro deverá ter uma casinhola, intitulado tronqueira. Eles não aceitam Exu como entidade maléfica, mas um emissário da luz para as sombras, serventia de uma entidade que pode ser caboclo, preto velho ou criança, servindo-se dessas entidades para frear as cargas e os magos oriundos do submundo astral. A tronqueira deve estar bem firmada na terra, e nos seus quatro cantos fazem-se buracos; em cada um deles enterram-se sal grosso, carvão e sete agulhas de aço. Chama-se congá as dependências internas do templo, recinto para o santuário e uma sala para os consulentes. Na parede onde se assenta a mesa do congá colocam-se sete pedaços de compensado de cedro, relacionados com as sete vibrações originais dos sete orixás planetários. Sobre a mesa deve haver sete pires ou sete castiçais, onde serão acesas as sete velas do congá. Antes do ritual o mestre da iniciação ou Babalorixá fará uma prédica, visando elevar o tónus vibratório dos presentes, em nome

de Oxalá. Após a evocatória, firmam-se os pontos, cantados pelos médiuns. No centro, segurando o incensório de barro nas mãos, o Mestre pede aos Senhores da Natureza que permitam a purificação astral do ambiente. Depois da defumação, feita só pela frente dos médiuns, eles se dirigem à mesa do congá, pegam suas guias (cujas cores correspondem aos orixás) e bebem a água consagrada, cantam um mantra de acordo com as guias e vestimenta ritualística e os atabaques iniciam os pontos mágicos.

O movimento umbandista, filo-religioso, surgiu no início do século XX através da congregação das várias heranças culturais. Sincretismo de diferenças sociais, culturais e étnicas, expresso pelos ritos os mais diversos. Podemos citar, na raça amarela, o orientalismo, budismo e taoísmo, além do bramanismo. Da raça negra, pajelança africana, egípcios, merões, cultos da nação. A raça vermelha concorre com a pajelança indígena e cultos da jurema. Pela raça branca, fundamentos cristãos, judaicos, islâmicos, kardecismo. Assim é a história dessas forças maravilhosas que chamamos orixás, que movem o mundo secreto e mágico. Ori é cabeça, e xá é a fonte, origem. A alma, guiada pelo seu Ori, procura uma entidade para encarnar, Aiyê. O orixá não é perfeito, carrega as virtudes e os defeitos que nos servirão de lição nesta vida através dos nossos sentimentos e ações nascidos desta raiz. Assim acreditam os umbandistas.

Setembro vai ser regido por Omolú, Obaluaiê e Egum – ou Egugum (as almas), e por ser segunda feira seu primeiro dia, Exu também estará presente. Obaluaiê significa Rei dos espíritos do mundo material. Senhor dos mistérios, é também chamado de Omolú e Xapaná, inspirando medo e respeito. Veste-se e cobre rosto e corpo com palha da Costa, usada nos ritos fúnebres na África. Senhor da cura, leva as doenças ou as atira com uma praga. Pode tirar a vida ou restitui-la. As almas, Egum, são de várias classificações: há as santas, as benditas, as aflitas e as perdidas, angustiadas. Na religião católica, segunda feira também é o dia dedicado às orações para as almas.

Outubro vai começar na quarta feira, dia de Xangô e Iansá. Raios, fogo e pedras são domínios desse orixá orgulhoso e autoritário, associado a São Jeronimo, São Pedro e São João Batista. Senhor

da justiça, Xangô atua para que a verdade prevaleça sempre. Iansã, guerreira e senhora dos eguns, é esposa de Xangô. Sensualidade, beleza, coragem e dinamismo são seus atributos. Tem nas mãos uma espada, símbolo de guerra, e o irôxim, espécie de chicote, usado para impor respeito. Está associada à Santa Bárbara.

Algumas receitas de magias dos deuses, segundo uma Babalorixá. Para afastar dificuldades, estoure um pouco de pipoca com azeite de dendê numa segunda feira pela manhã, e arrume num alguidar forrado com folha de mamona. Ofereça na mata com sete velas brancas e uma quartinha de barro sem alça com água. Se desejar, arrume sete frutas – menos abacaxi – e sete cravos brancos. Ofereça a Obaluaiê a seguinte oração: *“Atotô, **Atotô**, meu pai Obaluaiê. Salve querido pai da vida e da riqueza. Venho humildemente pedir (faça seus pedidos). Mas grande Obaluaiê se meus pedidos forem injustos e não merecidos, não me puna, pai, mas me conceda o que for do meu merecimento.”* Para ter boa saúde: Em uma segunda feira, ao meio dia, vá ao pé de uma árvore frondosa na mata levando um alguidar com pipoca estourada em areia da praia, nove ecurús (canjica branca cozida e triturada, enrolada numa folha seca de bananeira em forma de pirâmide), nove acarajés, nove velas brancas e nove pretas. Faça a oração a Omolú, reze um Pai Nosso e vá embora sem olhar para trás. A oração é assim: *“Atotô babá mim orisá, Senhor das almas e dos vivos. Que nenhuma doença se instale em meu corpo, em meu sangue e em minha alma. Ilumine minha vida com seu amor misericordioso. Amém!”*

Para resolver qualquer problema na Justiça – Em uma quarta feira, corte quarenta e dois quiabos na diagonal. Coloque-os de molho em suco de limão e frite-os com um pouco de camarões e cebolas. Forre uma gamela com folhas de goiabeira e ponha seus pedidos por escrito – até números de processos e nomes. Coloque a comida dentro dela. Leve a oferenda a uma pedreira, ofereça a Xangô e acenda doze velas: seis brancas e seis marrons. Faça seus pedidos e reze: *“Kaô Kabiesilê Xangô! Deus do fogo e do trovão. Senhor do raio e da justiça divina. Olhe para mim com seus olhos justos e benditos, e não permita que ninguém me faça mal. Que nenhuma injustiça me abale. Salve deus do machado sagrado! Pelo seu axé eu peço (faça seus pedidos). Faça-me forte como as rochas que governa. Proteja-me para*

que meu ser seja a própria vida de seu amor e da sua justiça. Que assim seja!” Para vencer batalhas, em uma quarta feira de manhã, vá a uma mata e leve uma cesta forrada com murrinho branco e nove acarajés. Enfeite-a com fitas vermelhas e brancas. Deixe nove palmas e acenda nove velas também nessas cores. Eis a oração para Iansã: *“Eparrei Oyá mesolorum! Rainha do tempo e senhora dos raios, dos ventos e das tempestades. Faça-se presente em minha vida. Com sua espada me defenda. Abra meus caminhos e me proteja. Que eu alcance meus objetivos com sua graça e ajuda. Axê!..”*

Outra fonte me revelou o **Talismã da prosperidade e da fatura o ano todo**. Material: Um saquinho na cor amarela, três paus de canela, três moedas douradas de 25 centavos, uma cópia do Salmo 23. Modo de fazer: Abra o saquinho amarelo e coloque dentro dele os paus de canela, as moedas e a cópia do Salmo 23 que diz: *“O Senhor é o meu pastor e nada me faltará.”* Em seguida, feche o saquinho com uma fita amarela de cetim, acenda três varetas de incenso de canela e passe-as sobre o talismã. Depois, mentalize seu crescimento material e espiritual. Mantenha seu talismã sempre próximo. Eis o **Ritual Para realizar sete pedidos**: Compre uma vela do seu tamanho e sete fitas fininhas de cetim nas seguintes cores: azul, branco, rosa, verde, amarelo, lilás e vermelho com cerca de meio metro cada. Na vela, escreva a lápis, da base para o pavio, seu nome e os sete pedidos. Mentalize um pedido escrito para cada fita colorida e amarre uma a uma ao longo da vela. Leve a uma igreja de um santo ou santa de sua devoção. Acenda-a no velário pedindo a Deus, seu anjo da guarda, ao padroeiro da igreja e a todos os santos que seus pedidos sejam atendidos. Reze e agradeça a Deus a sua concretização! **Ritual de Limpeza Energética**: Pela manhã, encha com água um recipiente de vidro e coloque-o num canto discreto da casa, mentalizando que aquele líquido irá absorver todas as vibrações negativas do ambiente. À noite, deixe do lado de fora. Repita o ritual diariamente e aos domingos, acenda uma vela branca, agradecendo pelas coisas positivas acontecidas durante a semana.

Essas receitas do talismã, sete pedidos e de limpeza energética misturam o poder dos Orixás com os Santos Católicos e possuem algo de magia. São bem diversas daquelas fornecidas pela Babalorixá. No entanto, demonstram que os ebós (pedidos, advinhas) solicitam

fatos positivos. Há o reconhecimento de que não existe uma oração mais poderosa do que aquela cujas palavras foram ditadas por Jesus, o “Pai Nosso”. Falamos por símbolos, vivemos quase que simbolicamente, e cerramos nossos olhos rodeados por enigmas, como registra o poeta Paulo Bonfim, no livro “O Colecionador de Minutos”. Oremos com Santo Inácio: “Alma de Cristo, Santificai-me”!

Anna Maria Cascudo Barreto é escritora, ocupante da cadeira nº 13 da Academia Norte-rio-grandense de Letras, Presidente do Instituto Câmara Cascudo.

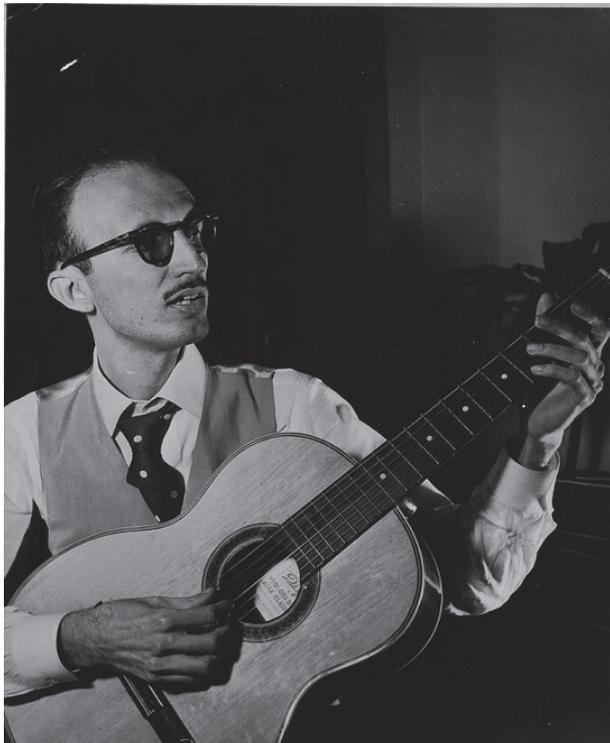
Hianto de Almeida é o compositor potiguar mais gravado nacionalmente

Leide Câmara

A obra musical de Hianto de Almeida é um legado precioso para o Rio Grande do Norte e para a história da música brasileira. Foi um dos precursores da bossa nova, movimento que saiu do Brasil para o mundo, que particularmente considero bonito e cheio de graça, como a Nação Brasileira. Hianto, viveu apenas 40 anos, no dia 2 de junho do corrente ano completaria 90 anos de idade e no dia 27 de setembro completou 50 anos de sua morte.

Hianto Ramalho de Almeida Rodrigues, nasceu em Macau-RN a 2 de junho de 1924, e faleceu no dia 27 de setembro de 1964, em Natal. Filho do pianista Fernando D' Almeida Rodrigues (RJ-1900 e Natal-1948) e Maria da Glória Ramalho Rodrigues, já falecida. Seus irmãos, Gilson Ramalho, pianista, Newton Ramalho, compositor e cantor, Haroldo de Almeida (Macau-1932 e RJ-1983), compositor e cantor. Aos nove anos de idade, Hianto, compôs a sua primeira música e já tocava piano, com seu pai, no cinema de sua cidade. Veio morar com a família em Natal, em 1942, para continuar os estudos. Dedicou-se também ao rádio onde cantou nos programas de calouros da Rádio Educadora de Natal-REN que depois veio a se chamar, Rádio Poti, entre outros programas musicais da cidade, embora, sua habilidade maior sempre tenha sido de compositor. Viajou de navio, para o Rio de Janeiro, em 1951, em busca do grande sonho, que foi a carreira musical. A bordo do navio, cantou, com sucesso, suas primeiras músicas. No Rio, concluiu o curso Técnico de Contabilidade e, nas horas vagas, fazia o que mais gostava de fazer, compor. Desfrutou da amizade de importantes músicos, como João Gilberto, Tom Jobim, e Johnny Alf, entre outros, frequentou vários guetos musicais, entre eles do "sambalanço". Foi um batalhador e o maior divulgador de suas músicas, fez de seu tempo uma caminhada incansável ao mapear, distribuir e arrecadar as vendas dos discos nas lojas do ramo. De férias em Natal, no ano de 1957, conheceu Fabíola (Maria Fabíola Gonçalves dos Santos)

no dia primeiro de março, no dia 9 noivou, e no dia 15 casou. Tiveram duas filhas; Fernanda Santos Rodrigues de Medeiros e Fabíola Santos de Almeida Rodrigues. Nessa época, Hianto tinha um sinal no tornozelo que machucou ao subir num ônibus, como o ferimento não sarava, consultou um médico, que diagnosticou ser um câncer e lhe deu uma previsão cinco anos de vida. No ano de 1961, resolveu voltar para Natal, e no ano seguinte viajou para os Estados Unidos em busca de um tratamento mais especializado e sem sucesso. Tomou a decisão de levar a família para morar em Macau, em julho de 1963, e no ano seguinte, com o agravamento da doença, internou-se no Hospital Médico Cirúrgico, em Natal, onde veio a óbito, sendo sepultado no cemitério de Macau. Hianto correu contra o tempo, sabia que o destino lhe reservara uma vida breve até mesmo em seu leito, consumido pelo câncer e pela dor, não deixou de compor. Deixou com a esposa, as últimas composições num gravador de rolo além de várias letras inéditas. A sua filiação à Ordem dos Músicos do Brasil, Conselho Regional do RN, se deu no ano de 1961.



Obras

São 237 composições, sendo: 81 gravações em discos de 78 rotações, 7 em discos de 10 polegadas, 7 em compactos, 89 em LPs e 23 em CDs, nas gravadoras, Odeon, Mocambo, Continental, RCA Victor, Columbia, Sinter, Copacabana, e Elite Especial.

Gêneros

Marchas, fox, fox-trot, beguine, samba-consagração, valsa, bolero, baião, rojão, samba-cantiga, toada-rojão, rancheira, batucada

e choros, mas os gêneros que marcaram a sua carreira foram o samba e o samba-canção, este foi seu caminho na bossa nova, em razão da inovadora maneira como fazia suas músicas na década de 1950.

Intérpretes

Suas composições foram gravadas por mais de 100 cantores e por diversos instrumentistas, entre eles:

Ângela Maria, Anísio Silva, Carlos Gonzaga, Carlos José, Cauby Peixoto, Cyro Monteiro, Dalva de Oliveira, Elizete Cardoso, Elza Soares, Ivon Curi, João Gilberto, K-Ximbinho, Leny Andrade,



Humberto Teixeira, Dalva de Oliveira e
Hianto de Almeida



Hianto de Almeida e Veríssimo de Melo

Lúcio Alves, Marlene, Maysa Matarazzo, Miltoninho, Nana Caymmi, Orlando Silva, Os Cariocas, Pery Ribeiro. Trio Irakitan, Waldir Calmon, os potiguaras, Francineth, K-Ximbinho, Silvinha, Haroldo de Almeida, Enéas, Lucinha Lyra, Carlos Zens, Renato Tito, Trio Irakitan, Trio Marayá, e tantos outros do cancionero nacional.

As cantoras, Tânia Soares (Itânia Lúcia de Azevedo) e Khrystal (Khrystal Glayde Saraiva dos Santos), incluíram em seus repertórios músicas de Hianto.

Hianto de Almeida compôs o samba-canção “Meia luz”, em parceria com João Luiz, que foi a primeira gravação de João Gilberto, em 1952.

A música “Eu vim morar no Rio” em parceria de Hianto com Chico Anysio, fez parte da trilha sonora do filme “Quem roubou meu samba”, na voz do Trio Irakitan.

Parceiros musicais

Entre os seus parceiros musicais estão Francisco Anysio (Chico Anysio), Macedo Netto, Octávio Teixeira e Jurandi Prantes, Veríssimo de Melo, Edson Borges, Sebastião Barros (K-Ximbinho), entre outros.

Maestros que gravaram e fizeram arranjos para músicas de Hianto

Maestro Astor Silva (que fez luxuriantes arranjos do LP “A bossa negra de Elza Soares”, que gravou “As polegadas da mulata” de Hianto de Almeida e Macedo Netto.

Peruzzi e sua Orquestra - 1952

Roberto Inglês e sua Orquestra – Londres 1952 e 1953

Vero e sua Orquestra – 1953

Jorge Kenny e seu Conjunto – 1954

Mesquita e seu Conjunto – 1954

Conjunto Melódico (direção Antônio Carlos Jobim – 1955

Guaraná e seu Conjunto – 1955

Maestro Chiquinho (Francisco Duarte) – 1955

Renato de Oliveira e sua Orquestra – 1955

Romeu Fossati e sua Orquestra – 1955

Tom Jobim (Antônio Carlos Jobim e sua Orquestra – 1955

Coral de Severino Araújo – 1956

Coral de Severino Filho – 1956

K-Ximbinho e seu Conjunto – 1956

Radamés Gnattali e sua Orquestra – 1956

Severino Filho e sua Orquestra – 1956

Coro das Meninas de Lázaro – 1960

Orquestra Direção Guio de Moraes – 1960

Oswaldo Borba e sua Orquestra – 1960

Orquestra e Coro Direção Alexandre Gnattali – 1961

Monteiro de Souza e sua Orquestra – 1963

Orquestra de Severino Araújo, entre outros.

Algumas Homenagens

Hianto de Almeida é nome de rua no bairro de Santos Reis, em Natal.

Nome do Projeto Musical no Sebo Vermelho, idealizado por Abimael Silva, em 1999.

Nome do Teatro Municipal de Macau pela Prefeitura e o Ministério da Cultura, inaugurado, em 2003, em homenagem ao filho ilustre, na gestão do Prefeito José Antônio Menezes, que na ocasião distribuiu um CD com composições do músico, gravadas por artistas da cidade.

Publicação do livro, *A bossa nova de Hianto de Almeida*, que trata de sua trajetória musical, com o apoio do Sesc-RN, em 2010, de Leide Câmara.

Veríssimo de Melo (recorte de um jornal sem identificação)

“A cidade do Natal tinha uma dívida de gratidão para com Hianto de Almeida, a expressão máxima de nossa música popular, o jovem artista que aqui iniciou a sua atividade no broadcasting e que em apenas quatro anos de Rio de Janeiro conquistou, pelo seu talento e pelo seu esforço, uma posição de destacado relevo no cenário musical do país. Faz dois anos, por exemplo, que Hianto de Almeida é quem mais grava no Brasil. E não é só na quantidade de produção que ele se destaca. Algumas das suas últimas gravações, como “A Carne” e “Toda só”, estão sendo consideradas pela crítica especializada como das melhores que já se fizeram no país, artisticamente....”

Letra da música Coisa boa

Hianto de Almeida e Veríssimo de Melo

(toada)

*Coisa boa é querer bem,
Ter alguém,
Namorar.*

*Coisa boa é um xodó,
Um fobó,
Vadiar.*

*Coisa boa é o mar,
O luar,
É caju com pitu,
Cafuné, cochilar.*

*Coisa boa é tudo isso
Que se diz e que se faz
Na hora que a gente quer.
Coisa boa é uma noite,
Numa praia, num alpendre,
Numa rede, uma mulher...*

Música gravada por Lucinha Lira (1983), Enéas (1996),
Newton Ramalho (2004).

Por Woden Madruga

O Caju e o pirão de Vivi

Tribuna do Norte, Opinião. Terça-feira, 22 de junho de 2004

“Hortêncio Pereira de Brito Sobrinho, acariense exilado em Goiás, tem comparecido aqui e acolá com seus romeiros em nossa “caixinha das almas”, fiel leitor desta Tribuna do Norte na banda oeste de Goiânia”. Me fala agora da coluna de domingo 12 que tem Veríssimo de Melo como principal mote, crônica aliás que o Valério Andrade, também da velha guarda, fez repeteco em sua página “Luzes da Cidade” de anteontem.

Hortêncio passou inteirinha a letra de “Caju nasceu pra cachaça”, a que me referi na coluna do dia 12, parceria de Vivi com Hianto de Almeida:

“Caju nasceu pra cachaça / pirão pro peixe nasceu, / mulher nasceu pro amor / que é bom / do amor também nasci eu”. São 17 versos. Sabe de tudo de Vivi e de Hianto, passeando pela bossa nova e outros desvãos da música brasileira.

- Hianto, rio-grandense do norte de Macau, foi um dos precursores da Bossa Nova. Com ele foi também inovador do bonito ritmo o querido Trio Irakitan que, na pessoa de Edinho (Edson Reis França), ensinou violão a Roberto Menescal. Hortêncio lembra ainda Haroldo de Almeida, irmão mais moço de Hianto, grande cantor fazia parte do elenco de Carlos Machado, um dos donos da noite carioca nos dourados anos de cinquenta. “Possuo o único LP gravado por Haroldo, com o título Nosso Romance, gravado em 1961 pela Columbia e ter assistido a um show dele na boite do ABC, quando ainda eu morava em Natal”. E passa a contar uma história de “Caju nasceu pra cachaça”:

- A música foi composta em outubro de 1956 e em dezembro foi gravada pela primeira vez por Cauby Peixoto. Esta música trata-se de uma história dramática, dentro da monumental história da MPB que, na voz de Cauby, indiscutivelmente ele o maior intérprete da década de 50 e toda década de 60, deu vida à composição de Hianto e Veríssimo, principalmente naquele “hum” no final do verso “mulher nasceu pro amor”. O Cauby já havia colocado um “hum” desses interpretando uma canção de Alcyr Pires Vermelho, “Almas de Violino”: “vem ao meu amor, meu grande amor, nesses versos que componho, vive em meus sonhos...” Aí, conta Hortêncio, Cauby entoou um belíssimo huuuummmm. Hortêncio termina oferecendo cópia em fita K-7 dos dois huuunnsss de Cauby. Pode mandar mestre. É o que está faltando na música brasileira de hoje”.

Por Chico Anísio

...O humorista Chico Anísio, parceiro de Hianto de Almeida em cerca de 34 composições, ao ser entrevistado pela revista Playboy novembro de 1987, respondeu ao repórter que lhe perguntou se tinha alguma música composta em parceria com Tom Jobim: “Tenho a grande honra de dizer que o primeiro arranjo do Tom foi em cima de uma música com letra minha, Conversa de sofá”. E continua Chico Anísio: “Acho que até foi aí que ele aprendeu a compor, porque descobriu que a música de Hianto tinha uma sequência, e foi em cima...”

Leia mais sobre a obra de Hianto de Almeida

Dicionário da Música do Rio Grande do Norte - 2001
A Bossa Nova de Hianto de Almeida -2010
Instituto Acervo da Música Potiguar – AMP.

Natal-RN, 4 de novembro de 2014

Leide Câmara é pesquisadora da música brasileira, autora do Dicionário da Música do Rio Grande do Norte e outros livros. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras. Em 1996 fundou o Instituto Acervo da Música Potiguar. É diretora da ANASPS/RN.

Macaíba: 137 anos

Valério Mesquita

O ponto alto das comemorações dos 137 anos da emancipação política e administrativa de Macaíba continua sendo o bicentenário de nascimento do seu fundador Fabrício Gomes Pedroza, cujas cinzas foram trasladadas do Rio de Janeiro para a igreja matriz de Nossa Senhora da Conceição. A vinte e sete de outubro de 1877, pela lei nº 801, Macaíba – que antes se chamava Coité – desmembrou-se de São Gonçalo. Aí amplia-se o período de esplendor comercial do porto de Guarapes que irradiou energia econômica a todos os quadrantes. Monopolizou o sal para o sertão, incentivou a indústria açucareira do vale do Ceará-Mirim, financiou a produção adquirindo as safras das fazendas de algodão, cereais, couros e peles. Fundou a “Casa dos Guarapes” e do alto da colina comandou o seu mundo de transbordamentos, onde tudo era rumor, vida, agitação, atividade.

É nesse vácuo de duzentos anos que reside a minha perplexidade. Um silêncio dominado pelo abandono e a indiferença. Ninguém coloca em cena a coragem de contemplar restituído o universo oculto de Fabrício que fez brilhar o nome de Macaíba dentro e fora do Rio Grande do Norte, na segunda metade do século dezenove. Não basta, apenas, reprisá-lo com lendas e narrativas, como tivesse sido um mundo de ficção. Melhor que a dispersão da palavra solta é ouvir o eco de suas paredes reerguidas, das vozes trazidas pelo vento das vidas que não se pulverizaram mas renasceram pelas mãos das novas gerações. Esse universo semidesaparecido, clamo por ele, aqui e agora, afirmando que a melhor imagem de um homem, após a morte, não são as cinzas, mas a obra que legou à posteridade, revivida e restaurada como reconfortante e fiel fotografia de sua história e vida.

Como guerreiro solitário, luto há quinze anos pela restauração dos escombros do empório dos Guarapes. Como membro, àquela época, do Conselho Estadual de Cultura do Estado, consegui o tombamento. De imediato, no desempenho do mandato parlamentar obtive do governo a desapropriação da área adjacente. Batalhei,

em alto e bom som, junto aos gestores públicos a elaboração do projeto arquitetônico, que, até hoje, dormita em armário sonolento da burocracia. Foi uma agitação, apenas, que não se moveu nem comoveu. Sai dos movimentos da superfície oficial, para as janelas da imprensa e outras vozes, em coro uníssono, oraram comigo pelas ruínas da mais reluzente história da economia do Rio Grande do Norte: os Guarapes. Todo esse conjunto de verdades fixas foi ilusão imaginar que a lucidez jamais se disfarçaria em surdez. Como enfrentei e venci no passado, partindo de perspectivas débeis e precárias, óbices quase intransponíveis para a restauração das ruínas do Solar do Ferreiro Torto e da Capela de Cunhaú, sinto que não perdi os laços entre a fragmentação do sonho e a fé incondicional no meu pragmatismo, de que tudo, até aqui, não foi em vão.

Reproduzir a realidade, tal que se imagina que fosse, o burburinho comercial e empresarial daquele tempo de Fabrício, faz-nos refletir e aprender para ensinar aos jovens de hoje através de exemplos, imagens e ritmos, a saga de que vultos como o dele iniciaram uma figuração, nova, nítida e luminosa, pouco tempo depois, numa Macaíba que começava a nascer com Auta de Souza, Henrique Castriciano, Tavares de Lyra, Augusto Severo, Alberto Maranhão, João Chaves, Octacílio Alecrim e outros que construíram em modelos de vidas o prestígio da terra natal – que não se evapora, nem se desmancha. Essa realidade para mim é tensa e inquieta, porque cabe hoje revivê-la em todos nós. É imperioso que os nossos governantes tracem esboços para uma saída, uma superação, criando-se fendas e passagens, para juntos, todos, respirarmos o oxigênio da convivência com os nossos antepassados. Se todos nós pensarmos assim, com cada palavra significando labareda, lampejo, no centésimo trigésimo sétimo aniversário, derrubem, pois, os obstáculos que impedem as luzes da memória dos Guarapes refletirem sobre a posteridade. Se assim não agirmos tudo será cinzas.

Valério Mesquita é escritor, membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras e presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte.

Verdades cruzadas

Carlos Roberto de Miranda Gomes

I – DA INDEPENDÊNCIA AO GOLPE DE 1964

Artigo I - Fica decretado que agora vale a verdade, agora vale a vida e de mãos dadas marcharemos todos pela vida verdadeira;

Thiago de Mello: Estatuto do homem

Após uma vivência sob o jugo Português, o espírito de brasilidade foi cultivado nas academias européias e chega ao Brasil com o histórico “Grito do Ipiranga” no dia 07 de setembro de 1822 através de D. Pedro I, Príncipe Regente, ganhando a adesão da juventude e da comunidade pensante de então.

Composto o Império brasileiro, sequenciado com o governo de Pedro II, assim caminhou até a sua deposição em 15 de novembro de 1889, com o golpe militar de Deodoro, que nos fez ingressar inseguramente nos braços da República, sempre permeada por intervenções militares – revolucionárias as de 1888-1889; reformistas em razão do inconformismo patente nos movimentos tenentistas de 1922, governo de Artur Bernardes, que durou até 1926, em sua maior parte sob estado de sítio, 1924³⁷ e 1930. Neste último ano inaugurando um governo herdeiro da crise econômica do ano anterior, fazendo emergir a contestação da revolução social tendo como ponta de lança os partidos comunistas, organizados sob disciplina militar e se espelhando no modelo da União Soviética.

Diametralmente em contrário surgem os movimentos fascistas na Itália com Mussolini e o nazismo na Alemanha com Adolf Hitler, facções que abraçam um aspecto de nacionalismo e de racismo que, no Brasil, se abrigaram no movimento integralista de Plínio Salgado.

³⁷ Em 1924 teve início a Coluna Prestes, liderada por Luiz Carlos Prestes, percorrendo 13 estados e 25 mil quilômetros na busca de angariar adesão para as causas tenentistas, contando com o apoio de militares como Cordeiro de Farias e Juarez Távora e culminando com a sua destituição em fevereiro de 1927 com a deposição de armas na Bolívia.

A repressão policial, do clientelismo e a corrupção desembocam em revoltas à semelhança de 1922 e 1924 até o fato mais grave do assassinato de João Pessoa, à época Presidente da Província da Paraíba, fato ocorrido em 26 de julho, estopim para a implantação de um outro momento político, com a chamada Revolução de 1930, e a deposição do Presidente Washington Luiz em 24 de outubro, dando começo do novo regime em 31 do mesmo mês e ano, assumindo o Senhor Getúlio Vargas no dia 3 de novembro subsequente, ali se estabelecendo. “Getúlio nunca aderiu a qualquer doutrina ideológica. Conforme as conveniências, manipulava este ou qualquer aspecto de todas elas afastado de ambos os extremos”. Otávio Frias Filho - Folha de São Paulo 18/8/2013 (Crítica)

O novo mandatário, segundo registram alguns historiadores, teve dúvidas sobre a viabilidade da revolução. Houve tempo em que pairavam no ar notícias de conspiração e já então ventilava pagar uma eventual derrota com a própria vida.³⁸

Mais uma vez a repressão policial renova os desencantos e protestos acontecem no mês de março de 1932 nas ruas de São Paulo, notadamente em 07 de julho, com resultado de quatro estudantes mortos.

Em 1935 eclode novo e mais forte movimento de rebeldia, conhecido como Insurreição Comunista em novembro de 1935 nas cidades de Natal – que instalou durante quatro dias um governo comunista, Recife e Rio de Janeiro, também conhecido como “Intentona Comunista...”

Por deficiência na condução das ações por Carlos Prestes e Agildo Barata, resultou num movimento efêmero, tendo como resultado 22 mortes, deixando um lastro sempre aproveitado para servir de marco forçado de um fantasma e pretexto contra a esquerda e que perdura até os dias presentes fazendo, imediatamente (10 de novembro), nascer o Estado Novo em 1937, com duração de 8 (oito) anos (1937-1945). Estava implantada a ditadura getulista, marco de um período reacionário.

O mundo vivia momentos difíceis, com o crescimento afrontoso do fascismo e do nazismo no continente europeu do que

38 Murilo Melo Filho – Testemunho Político, Ed. Bloch, 1997/7.

motivou a deflagração do 2º Grande Conflito Mundial em setembro de 1939, contando com o apoio do Japão.

Getúlio, que pendia para o movimento nazista, episodicamente, voltou a se alinhar com os Estados Unidos a partir de 1942, tornando o Brasil um protagonista nos campos da Itália ao lado dos aliados, que ainda contaram com outras grandes potências europeias - Inglaterra, França e Rússia até o seu findar em 1945, que coincide, igualmente, com o fim do Estado Novo.

A Constituição de 1946 nos traz a certeza de que toda a ditadura, por mais longa e sombria, está determinada a ter um fim. E, no caso da ditadura de Vargas, pode-se dizer que a luz que se segue às trevas foi de especial intensidade: o liberalismo do texto de 46 deve ser motivo de orgulho para todos os brasileiros.

Paulo Bonavides-Paes de Andrade. História Constitucional do Brasil, 3d. Paz e Terra (Política). R.J. 1991

Um nome vinha sendo preparado para iniciar um novo momento político, na pessoa do brigadeiro Eduardo Gomes. Eram inevitáveis as eleições. A muito custo, em 22 de fevereiro de 1945 Getúlio referenda a Lei Constitucional nº 9 e anuncia para dentro de três meses a divulgação de um calendário eleitoral.

Finda a ditadura getulista em 1945, em nome da democracia e ainda por força dos militares, inaugurou-se uma época de restauração da liberdade, porém ainda sob o comando de um militar – o Marechal Eurico Gaspar Dutra, “Presidente do Livrinho”, vencedor do pleito pela legenda do PSD com maioria absoluta sobre o candidato Brigadeiro Eduardo Gomes, da UDN; Yeddo Fiuza do PCB e Mário Rolim Teles, do Partido Agrário Nacional. O eleito, que fora Ministro da Guerra do governo decaído e avesso ao Estado Liberal, no entanto dotou o País de uma nova Constituição, promulgada no dia 19 de setembro de 1946, restaurando os direitos civis e políticos, embora haja praticado atos típicos de um governo autoritário, pondo na ilegalidade os partidos de esquerda e perseguindo suas lideranças.

O velho caudilho gaúcho, contudo, foi eleito para o Senado da República e trabalhou para retornar ao poder com discurso populista, logrando êxito pelo voto popular em 1951, através da legenda do Partido Trabalhista Brasileiro - PTB, apesar do inconformismo dos militares, suplantando os seus adversários brigadeiro Eduardo Gomes (UDN), mais uma vez e Christiano Machado (PSD). Mas o seu governo não conseguiu evitar a crescente onda de denúncias, corrupção e violência e de uma oposição ferrenha do jornalista Carlos Lacerda, que terminou sendo ferido em um atentado em 5 de agosto de 1954 na Rua Toneleros, em que foi trucidado o major Rubens Tolentino Vaz, situação que se tornou insustentável e provocou o suicídio do Presidente Getúlio Vargas em 24 de agosto de 1954, gerando uma comoção geral no País, sobretudo pela divulgação de uma “Carta Testamento” de incomensurável valor para a nossa História, tendo assumido o Vice-Presidente João Café Filho, entre um interminável movimento de rebeldia política e conspiração da qual também participou, que não permitiu terminar o governo em 31 de janeiro de 1955.³⁹

O Brasil sem Vargas era uma incógnita eleitoral nas semanas que se seguiram ao suicídio. Alguns pensavam que Getúlio continuaria a eleger ‘post-mortem’. O udenismo tinha esperanças de que o poder bem manipulado poderia alterar o rumo dos acontecimentos, extirpando as raízes do PTB órfão e retirando a motivação do PSD, que não se privaria das condições de se beneficiar do poder.

Claudio Bojunga. JK o artista do impossível. RJ: Objetiva, 2001

Nesse clima de incerteza foi realizado o pleito para escolher o novo Presidente da República, saindo vencedor Juscelino Kubitschek de Oliveira, pela legenda do PSD, contra Juarez Távora (UDN-PDC), Adhemar de Barros e Plínio Salgado. Com ele assume o Vice-Presidente João Goulart (PTB).

Sua gestão é iniciada em pleno estado de sítio, com a deposição do Presidente interino Carlos Luz e substituição por Nereu Ramos. Mas, apesar de muita turbulência, inclusive de duas rebeliões

³⁹ O Brasil naquela ocasião era um país realmente único em todo o mundo, pois tinha quatro presidentes da República: um impedido, Café Filho; outro no exercício, Nereu Ramos; um terceiro, de fato, General Lott; e o último, de direito, JK. (Apontamentos obtidos em Murilo Melo Filho, ob. Cit., p. 233).

armadas – Jacareacanga, no Estado do Pará, provocada por militares da Aeronáutica e Aragarças, no Estado de Goiás, respectivamente, em 1956 e 1959, conseguiu chegar ao final do seu governo com grande aplauso do povo e reconhecimento da Nação, transferindo a Capital da República para Brasília em 21 de abril de 1960, de onde, em 31 de janeiro do ano seguinte, no Palácio do Planalto (DF) transferiu a faixa presidencial ao seu sucessor Janio Quadros, vencedor da eleição pela coligação UDN/PR/PL/PDC/PTN, tendo como Vice-Presidente o Senhor João Goulart (PSD/PTB/PST/PSB/PRT) que fazia parte da chapa do seu principal opositor Henrique Teixeira Lott (PSD/PTB/PST/PSB/PRT), Marechal do Exército brasileiro e que se apresentava como exceção à regra dos militares de alta patente.

Concorreu nesse pleito, ainda, o conhecido político paulista Adhemar de Barros (PSP).

Jânio Quadros assume o governo num clima de democracia e com a presença de grande concentração popular, iniciando uma gestão marcada pela expedição de atos excêntricos e procedimentos contraditórios, que abreviaram o exercício do seu mandato, abruptamente terminado com a sua renúncia no dia 25 de agosto de 1961 – Dia do Soldado, cuja solenidade marcou o seu derradeiro ato presidencial, pois logo no início da tarde anunciava a renúncia: “Forças terríveis levantam-se contra mim e me intrigam ou difamam, até com a desculpa de colaboração.”

Seu gesto foi comunicado aos três ministros militares pelo General Pedro Geraldo e em seguida ao Senador Moura Andrade pelo Ministro Oscar Pedrosa Horta, sendo encarregado ao jornalista Murilo Melo Filho fazer a entrega de cópia à Câmara Federal na pessoa de Abelardo Jurema.⁴⁰

Nessa emergência assume o governo o Deputado Ranieri Mazzili, uma vez que o Vice-Presidente João Goulart encontrava-se em viagem ao exterior, gerando expectativas durante treze dias de incertezas, pois forças militares se opunham à sua investidura, tendo em contrário movimento sob o comando do Marechal Lott e incontrolável pressão das forças populares lideradas por Leonel

⁴⁰ Registram os historiadores que a renúncia de Jânio seria um golpe, para, em seguida desistir dela, e retornar mais forte ao governo, oportunidade que não lhe foi dada.

Brizola e pelos estudantes. A solução política encontrada naquela ocasião foi a aprovação, em regime de urgência urgentíssima, no dia 2 de setembro, da Emenda nº 4 à Constituição, restringindo os poderes da Presidência da República e a instauração de um regime de gabinete (parlamentarismo), inteiramente fora das tradições republicanas.

Com esse novo formato, João Belchior Marques Goulart assume a Presidência da República Federativa do Brasil no dia 7 de setembro de 1961, tendo como seu Primeiro Ministro o político mineiro Tancredo Neves, que permaneceu no cargo até 1962, quando voltou a ocupar uma cadeira na Câmara dos Deputados...

O novo Presidente era pressionado para formar um governo à esquerda, com projetos de reformas de base no campo agrário – organizam-se ligas camponesas com atuação no nordeste através de Francisco Julião e da nacionalização de empresas e bancos; criação da SUDENE e da CHESF, apontando para o início da industrialização do Nordeste. Para isso Leonel Brizola percorria todo o Brasil em pregação dessa ideologia.

Em 6 de janeiro de 1963 um plebiscito derruba o regime parlamentar e restaura o presidencialismo dando ao Presidente o maior respaldo de que ansiava para complementar as suas ideias reformistas, que foram o estopim para o início de um clima de violência política, com realização de comícios inflamados – um dos quais em 26 de fevereiro de 1964, promovido por Brizola com resultado de pessoas feridas – era a radicalização inevitável.⁴¹

A luta do velho contra o novo que não era novo – disputas entre Dinarte Mariz e Aluizio Alves pela liderança política do Rio Grande do Norte.

Carlos H.P. Cunha e Walclei de A. Azevedo – Podres Poderes-política e repressão. Natal: Infinita imagem, 2013.

Experiências isoladas no RN: Escola de Pharmácia e Odontologia de Natal, 1920 – depois Faculdade de Farmácia e Odontologia, 1947: Outras escolas – clima universitário com os estudantes

41 Os analistas políticos apontam o pouco preparo político e ideológico de JG – “latifundiário com saudável preocupação social”, porém vacilante, fraco, apavorado, demagogo, corrupto, populista de pouco talento, ambíguo – herdeiro do legado de Getúlio.

potiguares em férias de outras faculdades fora do Estado. Escola de Serviço Social, 1945; Universidade Popular, 1948; Faculdade de Direito, 1949; Faculdade de Medicina e Faculdade de Filosofia, 1955; Escola de Engenharia e Faculdade de Ciências Econômicas, Contábeis e Atuariais, 1957; Criada a Universidade do Rio Grande do Norte, 1958, transformada em UFRN, 1960 pela Lei nº 3.849, de 18/12/1960.

Veríssimo de Melo e Carmen Lúcia de Araújo Calado (Síntese cronológica da UFRN – 1958-2010. Natal: EDUFRN, 2011).

No Rio Grande do Norte a vida corria num diapasão de estado conservador, apesar de circunstancial alteração ao tempo da “Insurreição comunista de novembro de 1935”, retornando em seguida ao acomodamento de um cosmopolitismo em contraste com os vizinhos, que defendiam um padrão municipalista, de “bairrismo” e preservação de suas mais recônditas tradições.

Aqui surgiu um clima universitário emprestado, a partir dos encontros dos nossos jovens em período de férias dos cursos frequentados em Recife, Maceió, Salvador e Rio de Janeiro, principalmente, oportunidade em que trocavam informações e vaticinavam pela criação de cursos superiores em nosso estado.

Experiências isoladas – *Escola de Pharmacia e Odontologia de Natal* nos idos de 1923 e após a 2ª Guerra Mundial com o Instituto Filosófico São João Bosco (1941); Escola de Serviço Social (1945); Faculdade de Farmácia e Odontologia (1947); Faculdade de Direito (1949); Faculdade de Medicina (1955); Faculdade de Filosofia (1955); Faculdade de Engenharia (1957); entre outras.⁴²

Segundo registra o Professor Paulo de Tarso Correia de Melo⁴³ foram precursores da Universidade Federal do Rio Grande do Norte Dinarte de Medeiros Mariz, Onofre Lopes da Silva, Luís da Câmara Cascudo, Januário Cicco ao que acrescentamos Luiz Soares de Araújo.

A 8 de março de 1958, durante a passagem do Diretor do Ministério da Educação e Cultura Jurandyr Lodi, José Teixeira – chefe de Seção do MEC que o acompanhava, sugere a Onofre

42 SOUZA, Itamar de. *Universidade para quê? Para quem?* Natal: Clima, 1984 (apud Portal da Memória – UFRN, 2005). P. 19.

43 Portal da Memória – UFRN, 2005, p. 35-43.

Lopes, então Diretor da Faculdade de Medicina, a criação de uma universidade para o Estado. Deste para o Governador Dinarte Mariz que remete mensagem à Assembleia Legislativa em 3 de junho que no dia 25 do mesmo mês e ano aprova a Lei nº 2.307, sancionada no Palácio Potengi.

Estava criada a Universidade do Rio Grande do Norte composta das Faculdades já mantidas pelo Estado e as agregadas mantidas por entidades de caráter privado, tendo como primeiro Reitor o Professor Onofre Lopes e Vice-Reitor o Professor Otto de Brito Guerra. Instalação solene em 21 de março de 1959 no Teatro Alberto Maranhão com memorável discurso proferido pelo Professor Câmara Cascudo.⁴⁴

Daí por diante foi a luta sem fronteiras para a federalização afinal obtida através da Lei nº 3.849, de 18 de dezembro de 1960, sancionada pelo Presidente Juscelino Kubitschek (DOU de 21.12.60).

Já existia, então, o clima universitário próprio, com o engajamento de jovens sonhadores e promissores que fizeram a história da UFRN.

A literatura histórica registra acontecimentos que marcam “sinais dos tempos”, assim explicitados nas percepções do Papa João XXIII, motivados pelo grande aumento demográfico, da reordenação da economia mundial, com reflexos, também, na América Latina, face à ascensão da burguesia industrial e suas alianças com as camadas médias urbanas.⁴⁵

A administração de Djalma Maranhão na Prefeitura de Natal será a mais democrata que a cidade já teve. Destacam-se entre as suas realizações a ‘Campanha de Pé no Chão Também se Aprende a Ler’, o Centro Popular de Cultura e o Fórum de Debates, que trouxe a Natal intelectuais de nomes renomados para discutir temas relevantes da conjuntura nacional e internacional.

Homero Costa (Caderno de História), 1996 apud Carlos

⁴⁴ Carlos Newton Júnior. Portal da Memória – UFRN, 2005, p. 17-31.

⁴⁵ “...havia dificuldade de se formular uma resposta aos anseios participativos dos estudantes católicos na vida política. E foi o padre Almerly quem formulou a teoria do Ideal Histórico, apresentada no Encontro da JUC em 1959...” MARIA CONCEIÇÃO PINTO DE GÓES, *A aposta de Luiz Ignácio Maranhão Filho*, p.129. Depois desse Encontro da JUC em 1959, tudo ficou claro. Não se abriria mão do Evangelho nem da História.

H.P.Cunha e Walcei de A.Azevedo – Podres Poderes-política e repressão. Natal: Infinita imagem, 2013.

Durante esse período os segmentos políticos da Igreja Católica Apostólica Romana e da administração do Estado tomam iniciativas marcantes na direção da difusão do ensino e conscientização da população, surgindo campanhas em três frentes - inicialmente distintas, mas que se entrelaçaram no idealismo dos seus construtores: o **Prefeito Djalma Maranhão** e a campanha “***De pé no chão também se aprende a ler***”, na defesa da dignidade da pessoa humana e pela opção libertária “é caminhando que se faz o caminho”, incrementando vários núcleos de Cultura Popular, como grupos de Teatro, Rádio, de Cinema, de Alfabetização e Educação de Base, de Canto e Música Popular, de Dança, desenvolvimento de habilidades manuais e profissionalizantes, prática de Ecologia e outros, com localização nos bairros periféricos.

A ideia era também de interiorização, o que teve início com a adesão de algumas prefeituras. Registram-se, até então, cerca de nove acampamentos e 300 escolinhas e a procura por outros Estados brasileiros, Conchas Acústicas, Galerias de Arte, Museus, Coral.

Faziam parte, ainda do revolucionário Projeto a construção de Teatrinhos do Povo.

Para bem difundir o perfil da Campanha “De Pé no Chão Também Se Aprende a Ler” foi composto um hino pelo potiguar Dôsinho:

*Povo pobre, Natalense!
Chegou a vez para quem quer aprender.
Como sofre o ser humano,
Quando o seu nome não sabe escrever.
A Prefeitura abre a campanha,
Para ajuda de ensino e do saber.
Pela meta do Prefeito Maranhão,
De Pé no Chão Também se Aprende a Ler.*

Tinha, também, uma bandeira, outro fator de orgulho da campanha, apresentando dois pés impressos a preto sobre um pano branco, com a legenda em azul: “De Pé no Chão Também

se Aprende a Ler”. Projeto e desenho do pintor Newton Navarro e tudo isso, quando não gratuito, era realizado com recursos nativos.

Foram criadas Praças de Cultura com o apoio dos novos intelectuais da terra, como Newton Navarro, Sanderson Negreiros, Zila Mamede, Nísia Bezerra, Paulo de Tarso, Marcelo Fernandes, Yaponi Araújo, Nei Leandro de Castro, Berilo Wanderley, Ticiano Duarte, Luis Carlos Guimarães, Moacyr Cirne, Miguel Cirilo, sob a coordenação de Mailde Pinto, dentre outros.⁴⁶

Para todo esse trabalho o Prefeito contava com o apoio dos seus auxiliares Moacyr de Góes, Professoras Mailde Pinto, Denise Felippes, Zilda Lopes, Lourdes Varela, do Pastor da Igreja Presbiteriana do Alecrim Herly Parente. Ainda, Omar Pimenta, Hélio Xavier de Vasconcelos, Olívia Marinho, Lia Campos, Severino Fernandes de Oliveira, Eunice Rocha, Eulina Agra, Osvaldo Carlos, Ilza Soares, Maria das Dores, Cleomar Dantas, Isabel Alves, Nandí, Maria Salviano, Lenira de Souza, como também de estudantes universitários como Margarida de Jesus Cortez a quem foi confiada a coordenação pedagógica e, ainda, Maria Laly Carneiro, Diva da Salete Lucena, Josemá Azevedo, Geniberto Campos, Juliano Siqueira, Ivis Bezerra, Edisio Pereira, Icleiber Calife, Olindina Santos, Anaíde Dantas, Francisco das Chagas, Alberto Pinheiro, Antonio Campos, Berenice de Freitas, Terezinha Braga, Danilo Bessa, José de Ribamar, Francisco Ginani, Socorro Barreto, Gileno Guanabara, Carlos Lima, Carlos Lyra, Padre Manoel Barbosa, Pastor José Fernandes Machado e outros.

Também estiveram compondo essa gama de atividades os Sindicatos, a UFRN através de convênios com as Faculdades de Farmácia, Odontologia, Medicina – tudo na direção do futuro.⁴⁷

A citação de tantos nomes não representa exagero porquanto o projeto era de uma vastidão nunca vista, tendo como fundamento o ensino e a cultura, representados em expressões próprias da época: “Nenhum povo é dono do seu destino se antes não é dono de sua cultura.”

⁴⁶ Trabalho de Djalma Maranhão ‘De Pé no Chão Também Se Aprende a Ler’, 1964, concluído no exílio no Uruguai. Cap. V, n. 1.

⁴⁷ Idem Cap. III, 7, ‘e’.

Várias foram as fases em que se desenvolveu, daí a arregimentação de tanta gente. Outro construtor desse ideário foi **Dom Eugênio Sales**, fundador da Rádio Rural e Escolas Radiofônicas, responsável pelo projeto do “*Movimento de Educação de Base*” (*MEB*), arregimentando universitários, como Marcos Guerra, Ney Lopes, Jardelino Lucena, Safira Bezerra, Otomar Lopes Cardoso, Marco Antônio Rocha, Francisco de Assis Câmara, Pedro Neves Cavalcanti e a Professora Maria Rodrigues, contando com o apoio do português Manuel Chaparro, dos religiosos José Penha Filho e Nivaldo Monte e do Professor Otto de Brito Guerra, com a direção do jornal “A Ordem”, contando com um corpo de redatores como Otomar, Ney, Marco Antônio, Tarcisio Monte, Jardelino, Arlindo Freire e outros. Compunham o que se conhecia por “Movimento de Natal”.

Um terceiro segmento era arregimentado pelo **Governador Aluizio Alves**, que mandou buscar em Recife o **Professor Paulo Freire**, criador de um método revolucionário de alfabetização de adultos, implantando um Projeto de Alfabetização de Adultos no Município de Angicos, também com o recrutamento de jovens universitários, como Ivis Bezerra, Geniberto Campos, Arruda Fialho, Francisco Ginani e outros, aquele movimento revolucionário no campo educacional, que tantos benefícios trouxe para a população daquela região.

A tônica era, igualmente, a tarefa de alfabetização pelo rádio e presencial, numa ação paralela com os ideais da Campanha do Prefeito Djalma Maranhão e do Movimento de Natal comandado por Dom Eugênio Sales e auxiliado pelo estudante João Faustino Ferreira Neto diretor do SAR – Serviço de Assistência Rural.

Esses movimentos pioneiros, que tiveram até o reconhecimento da UNESCO e OEA, foram interrompidos com o golpe de 31 de março de 1964, por terem sido considerados como de caráter subversivo e aqueles que emprestaram o seu entusiasmo e engajamento foram presos, perseguidos e processados pelo governo militar e, estranhamente, também pelo Governo do Rio Grande do Norte e até pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, embora tenham contribuído para o desenvolvimento daquelas

experiências, seja diretamente executando programas ou mediante a celebração de convênios.⁴⁸

Pode-se considerar que o agravamento da crise de populismo no Brasil que levou a ascensão dos militares, em 1964, ocorreu a partir do breve governo do Presidente Janio Quadros, que só durou alguns meses do ano de 1961.

Carlos H.P. Cunha e Walclei de A. Azevedo – Podres Poderes-política e repressão. Natal: Infinita imagem, 2013.

Depois de passar 19 anos sendo convocado por políticos para debelar crises, o Exército interveio mais uma vez em 1964, desta vez num golpe de Estado que exilou o presidente João Goulart. O governo não foi entregue aos civis: os militares resolveram exercer eles mesmos o poder, acreditando que seriam os únicos a ter a disciplina e a honestidade necessárias para a função. Foram tragados para um turbilhão de autoritarismo, disputas internas, guerrilha, inflação, tortura nos quartéis e atentados que desmoralizaram a instituição e seus generais-presidentes, apesar da censura imposta à imprensa. No governo do último general-presidente, João Figueiredo, a ditadura havia se tornado um labirinto cuja saída foi a devolução do poder aos civis, com a eleição indireta de Tancredo Neves em 1985.⁴⁹

Começava no Brasil o caminho dos tanques, um período de mordada dos segmentos sociais e a censura à imprensa sob uma divulgação de combate à subversão e corrupção – temas profundamente contraditórios em razão da história do País, usando-se para isso a força bruta e a grotesca ostentação de armas, torturas, perseguições e mortes, com a conivência e o apoio de parcelas importantes da sociedade – empresários, proprietários rurais, parcela da imprensa, a igreja católica e influentes governadores de estados e o silêncio do Supremo Tribunal Federal.

Os golpistas sabiam que teriam problemas a enfrentar e para tanto não usaram o diálogo, mas o convencimento pela repressão, pela truculência, manipulando o processo democrático, cassando mandatos e orquestrando uma farsa eleitoral de dois partidos apenas – ARENA e MDB.

48 Djalma Maranhão, ob. Cit., Cap. II – Apresentação; 7. Uma experiência de Educação de Massas.

49 DN Especial – (8) Anos de Chumbo 12/7/2005.

A moldura do governo militar passou a ser “o milagre econômico” com projetos de mega dimensão como a Transamazônica e a Perimetral Norte, fomentando um ufanismo nacionalista retratado no slogan “Brasil – ame-o ou deixe-o”.

O Ato Institucional nº 5, em 1968, recrudescera a ditadura e as forças democráticas repeliriam a violência de todas as maneiras que podia, ostensivas ou alternativas, estas desenvolvidas no Teatro, no Cinema e na Música.

Entretanto, as conquistas vão acontecendo paulatinamente no percurso dos governos Castelo Branco, Costa e Silva, Garrastazu Médice. A partir do general Ernesto Geisel foi anunciado um programa de “abertura lenta, gradual e segura”, num processo político que passou a ser o ponto fundamental da luta nacional pela transição do regime no caminho da verdadeira Democracia, com a revogação dos atos institucionais e reforma da Lei de Segurança Nacional, das eleições legislativas de 1974, com as manifestações da sociedade em favor da redemocratização do país, do Movimento Feminino pela Anistia em 1975, o Comitê Brasileiro pela Anistia em 1978, que permitiram efetivamente a sua aprovação na Lei 6.683, de 28 de agosto de 1979, no Governo João Figueiredo, e finalmente com a emenda Dante de Oliveira que, mesmo sendo rejeitada pela Câmara dos Deputados em 25 de março de 1984, fazendo permanecer a eleição indireta, abriu o caminho da restauração do processo político, afinal consagrado com a Constituição da República aprovada em 1988. Registre-se que estes últimos Presidentes já trabalhavam no sentido do cumprimento das promessas de retorno à normalidade democrática

Forças reacionárias ainda tentaram reverter o processo de abertura, mas mesmo com o atentado fracassado no Riocentro, em 1981, não foi suficiente para interromper o movimento das “Diretas Já” que preparou a eleição indireta de Tancredo Neves em 1985.

“A ditadura terminara – e o novo desafio era consolidar a democracia.”⁵⁰

As eleições se sucedem. Tancredo Neves – a velha raposa mineira que se tornara símbolo da redemocratização ao derrotar

50 Diário de Natal, 12/7/2005.

o candidato Paulo Maluf, coincidentemente, adoece e é internado na véspera de sua posse, em seu lugar assume interinamente José Sarney, em solenidade no dia 15 de março de 1985, um político comprometido com a ditadura, assustado com o encargo que não cogitava.

Não foi um recomeço fácil. A fatalidade de Tancredo deixa atônito o País, notadamente com o seu falecimento em 21 de abril de 1985 – Dia de Tiradentes.

A economia atinge patamar de inflação nunca antes ocorrido, produzindo drástica corrida ao mercado de capitais, fomentando falências e concordatas.

Contudo, a penosa reconstrução da democracia contava com um grande aliado – Deputado Ulisses Guimarães, ganhando força na Nova República de Sarney, como Presidente do Congresso e da Assembleia Nacional Constituinte dando ao Brasil a sua nova Carta Política em 05 de outubro de 1988, denominada de “Constituição Cidadã”, com instrumentos jurídicos e políticos modernos para retomar o caminho da normalidade. Mas o destino fez desaparecer o “Senhor das Diretas”, num desastre de helicóptero em 12 de outubro de 1992.

Este texto faz parte do Relatório da Comissão da Verdade da UFRN, que será sistematizado e divulgado oportunamente para a sociedade brasileira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFFONSO, Almino. *1964 – Na visão do Ministro do Trabalho de João Goulart*. São Paulo: Imprensa Oficial Governo do Estado de São Paulo e Fundap, março de 2014.

ANISTIA, Comissão de. **Repressão e Memória Política no contexto Ibero-Brasileiro**: Estudos sobre Brasil, Guatemala, Moçambique, Peru e Portugal. Brasília: 2010.

ARANTES, Aldo e LIMA, Haroldo. *História da Ação Popular: da JUC ao PC do B*. São Paulo. Alfa Ômega. 1984.

BASTOS, Lucia Elena Arantes Ferreira. **Anistia**: As leis internacionais e o caso brasileiro. Curitiba: Juruá, 2009. 332 p.

BIBLIOTECA NACIONAL. *Revista HISTÓRIA* nº 83 – agosto de 2012.

BOJUNGA, Claudio. *JK – O Artista do Impossível*. Rio de Janeiro, Ed. Objetiva, 2001.

BONAVIDES, Paulo & ANDRADE, Paes. *História Constitucional do Brasil*. Rio de Janeiro: 3ed. Paz e Terra (Política), 1991.

CAFÉ FILHO, João. *Do Sindicato ao Catete – 2 volumes*. Rio de Janeiro, Liv. José Olympio Editora, 1966.

CASTELO BRANCO, Carlos. Os militares no poder. Rio de Janeiro. Nova Fronteira. 1977.

CHAGAS, Carlos. *113 Dias de Angústia*. Rio de Janeiro, Ed. Agência Jornalística IMAGE, 1969.

_____. *A Ditadura Militar e Os Golpes Dentro do Golpe 1964-1969*. Rio de Janeiro-São Paulo: Editora Record, 2014.

CORTEZ, Margarida de Jesus. *Memórias da Campanha “De Pé no Chão Também se Aprende a Ler”*. Natal: EDUFRN, 2005.

CUNHA, Carlos Henrique Pessoa & AZEVEDO. Walclei de Araújo. *Podres Poderes – política e repressão*. Natal: Infinita Imagem, 2013.

D’ARAÚJO, Maria Celina e CASTRO, Celso. *Ernesto Geisel*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 1997.

DE DECCA, Edgar Salvatori. *1930 – O Silêncio dos Vencidos*, São Paulo, Ed. Brasiliense, 2004.

FEMENICK, Tomislav Rodrigues. *A consciência política de Aluizio Alves*. Natal: TN edição de 04.8.2013.

FERREIRA, Jorge. *João Goulart – uma biografia*. Rio de Janeiro. Ed. Civilização Brasileira, 2011.

FRIAS FILHO, Otávio. *Caderno ‘Crítica’*. SP: Folha de São Paulo, 18/8/2013.

GALVÃO, Mailde Pinto. *1964. Aconteceu em abril*. Natal:EDUFRN, 2004.

GERMANO, José Willington. *Estado Militar e Educação no Brasil (1964 – 1985)*. São Paulo, Cortez Editora, 2011.

_____. *Lendo e Aprendendo – A campanha de pé no chão*. Natal: Palumbo, 2010.

GÓES, Maria Conceição Pinto de. *A aposta de Luiz Ignácio Maranhão Filho – cristãos e comunistas na construção da utopia*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/Revan, 1999.

GÓES, Moacyr. *2 Livros de Djalma Maranhão no exílio*. Natal: Prefeitura Municipal do Natal, 1999.

_____. *Da Fidelidade e do Risco*. Natal: Sebo Vermelho Edições, 2000.

_____. *Sem Paisagem – Memórias da Prisão*. Natal: Sebo Vermelho Edições, 2004. Rio de Janeiro: Europa, 1991.

GOMES, Carlos Roberto de Miranda. *Traços e Perfis da OAB/RN*. Natal: Sebo Vermelho, 2008.

_____. *Manifesto do COMITÊ DA VERDADE*. Natal: OAB/RN, 1989.

INTERNACIONAL. Corte Interamericana de Direitos Humanos. Sentença. **Caso Gomes Lund e Outros (“guerrilha do Araguaia”) Vs. Brasil**. Nova Iorque, Disponível em: <http://www.corteidh.or.cr/docs/casos/articulos/seriec_219_por.pdf>. Acesso em: 03 jun. 2014. REPÚBLICA, Secretária de Direitos Humanos da Presidência da. Resgate da Memória, da Verdade: Um direito histórico, um dever do Brasil. Brasília: [sine nomine], 2011. p. 120.

LEITE FILHO, FC. *El Caudillo Leonel Brizola – um perfil biográfico*. São Paulo: Editora Aquariana, 2008.

LIRA NETO. *Castello – A marcha para a ditadura*. São Paulo: Editora Contexto, 2004.

MARANHÃO, Djalma. *De Pé no Chão Também se Aprende a Ler*. Natal: Editora Civilização Brasileira S/A (não editado), com prefácio de Darcy Ribeiro, 1963.

MATTOS, André Luiz. *Uma história da UNE (1945-1964)*. Campinas, SP: Pontes Editores. 2014.

MELO FILHO, Murilo. *Testemunho Político*. Rio de Janeiro. Ed. Bloch, 1997.

_____. *Tempo Diferente*. Rio de Janeiro, Ed. Topbooks Editora e Distribuidora de Livros, 2005.

MELLO, Thiago de. *Estatuto do Homem*. Santiago do Chile, abril de 1964.

MELO, Veríssimo & CALADO, Carmen Lúcia de Araújo (atualização).

- SÍNTESE CRONOLÓGICA DA UFRN 1958/2010*. Natal: Edufrn, 2011.
- MEMÓRIA VIVA. Natal, Nossa Editora, 1987.
- MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Incômoda Memória – Os arquivos das ASI universitárias*. Rio de Janeiro: Acervo, v. 21, nº 2.
- _____. *As Universidades e o Regime Militar*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.
- PEREIRA, Anthony W. *Ditadura e Repressão*, São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2010.
- PORTAL DA MEMÓRIA – (UFRN). Brasília. DF, Senado Federal, 2005.
- SILVA, Hélio. *Um tiro no coração*. Porto Alegre, L&PM, 2010.
- SILVA, Juremir Machado da. *1964 – Golpe Midiático-Civil-Militar*. Porto Alegre-RS: Editora Sulina, 2014.
- SOUZA, Gileno Guanabara de. *Faculdade de Direito de Natal: Lutas e Tradições (1949-1973)*. Natal: Rn Gráfica e Editora Ltda, 1988.
- TAVARES, Flávio. *1964 – O Golpe*. Porto Alegre-RS: L&PM, 2014.
- _____. *Memórias do Esquecimento*. Porto Alegre-RS: L&PM, 2012.
- VILLA, Marco Antonio. *Jango: um perfil (1945-1964)*. São Paulo: Globo. 2004.
- WILLIAM, Wagner. *O soldado absoluto – uma biografia do marechal Henrique Lott*. Rio de Janeiro, Editora Record, 2005.

Jornais:

- DIÁRIO DE NATAL, *edição especial de 12 de julho de 2005*.
- FOLHA DE SÃO PAULO, *18/8/2013 – O lado escuro de Getúlio*.
- NOVO JORNAL. Natal: *edição de 25/8/2013 – caderno “Cidades”*.

Carlos Roberto de Miranda Gomes é advogado, professor e escritor. Presidente da Comissão da Verdade da UFRN. Eleito membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

Contos e Crônicas

Um punhadō de areia

Japeri Araújo

Muito antes do nascer do sol, a gente sentia a movimentação dos homens dissimulada na pouca luz do amanhecer. O cerco era tão bem feito que até as luzes azuis e encarnadas dos carros estavam apagadas. As sirenas com seu zum zum, zum zum, deixaram de tocar bem uma meia légua antes. A madrugada era bem fria. Dormira mal, com uma coisa insistindo na minha cabeça. Sei que era, não. Uma angústia, uns sobressaltos. Era como um aviso de que alguma coisa iria acontecer ali, no povoado. Mal o galo do terreiro cantou o primeiro brilho da luz do sol, me levantei da rede e fui banhar o rosto no fundo da casa. Foi aí que avistei os homens, se escondendo por trás das cercas de varas, nos oitões das duas outras casinhas de taipa que formavam o arruado do Saco.

Mesmo antes do sol se mostrar todo por trás dos serrotes, eles já estavam prontos, uns agachados, outros deitados e mais outros de cócoras, todos com umas armas modernas apontando prá casa de Zelúcio, pegada a minha.

Tudo parecia uma fita de cinema. Nada se mexia. De repente alguém gritou, acho que um “Ôôôô”. Não sei quem. Acho que um policia. Talvez o cabo que estava quase no vão de minha porta que parece comandava a tropa.

- Saia de mãos prá cima, caba.

Nem sei se Zelúcio tava em casa. Fazia bem uns quatro a cinco dias que eu vira. Chegara tarde da noite, desassombrado, apenas com uma bermuda e um boné escuro na cabeça. Lá de longe, assoviava uma cantiga. No começo da rua, parou de assoviar e passou calado prá casa.

- Saia de mãos prá cima, caba!

Insistiu o policia. Pela falta de resposta, parecia que não tinha ninguém em casa. Um tempinho depois, a gente ouviu um tiro saindo pela janela do meu vizinho. Tiiiiim, chega arrancou barro da quina de minha casa. Daí prá diante foi só pá,pá,pá. Era tiro de

num acabar mais. A fumaça encobriu até a luz do sol. Ficou tudo escuro que nem breu.

Quando a desgraça diminuiu um pouco, Zélucio quis parlamento.

- Exijo o benefício de deixar sair a mulé. Ela num tem nada com isso.

Como a proposta era fatível, quase na mesma hora o tiroteio estancou.

- Pode sair que ninguém bole com ela.

A porta da casa foi aberta bem devagarinho e Mariinha botou a cabeça de fora. Depois passou o corpo pelo vão da porta e foi saindo.

- Alevante as mãos, alevante as mãos.

Ela aí fez o que eles pediam e quando dobrou a quina da minha casa, foi puxada com violência pelo braço. Numa distração deles, que tavam mesmo vigiando Zelucio, Mariinha se livrou deles e correu pro mato. Tenho certeza que foi direitinho na casa da mãe de Zelucio, prá contar o acontecido.

Quando pensei que tudo ia se acabar com aquela trégua, Zelucio mandou bala de novo. Os meganhas responderam com força. Base de uma meia hora de tiroteio e a gente já se sufocando tudo com a fumaça e o cheiro de pólvora, a zoada parou assim de repente. Os tiros de Zelucio não respondiam mais a artilharia dos homens. Pensei logo. Será que ficara sem munição ou tinha sido morto?

Os cabras aí, saíram se arrastando pelo chão até fecharem o cerco. O cabo, mais atrevido, estourou a porta da casa com um chute. Os homens invadiram a casa como um bando de cachorro doido. Foi aquela zoada de quebra quebra e no fim, uns três a cinco tiros. Pá,pá,pá,pá,pá.

O silêncio que se fez depois foi tão pesado que até os bichos do mato ficaram calados.

Quando a fumaça baixou, o povinho foi saindo de casa, baixeiros. Uns correram pro mato. Outros foram se chegando à porta da casa de Zelucio, nessa hora cheia de soldados.

O homem tava morto, com as mãos crispadas, pretinhas de pólvora. No lusco fusco da manhã que já tinha chegado, a fumaça do tiroteio pairava assim, um pouco acima de sua cabeça derreada prá trás. Acho que no meio da testa tinha um buraco de bala por onde saía um veeiro de sangue que contornava o pau da venta e sumia no pescoço, pelas costas. Me abaixei de cócoras prá vê-lo bem. Uma réstia de sol passava pelo seu olho esquerdo, agateado. Mesmo sem sinal de vida, a biloca do olho brilhava como uma moeda de ouro.

Um soldado me enxotou da casa com um chute.

Depois, saíram arrastando o corpo deixando uma mancha de sangue no chão, misturado com areia. Foi quando chegou a mãe. Desesperada, gritava pelo filho, puxando os cabelos e apontando com seu dedo magro cada um dos soldados. Me lembro que espraguejava. Alguns empurraram a velha que acabou no chão. Sem se incomodar com a reação dos polícias, ela aproximou-se do corpo e sentada no barro, colocou a cabeça do filho morto no seu colo. O choro e os gritos, de repente se transformaram numa cantiga de ninar. Um canto meio anasalado que mais parecia uma cantiga de morto. Uma incelença.

Um camburão preto que o povo depois chamou de besta-fera saiu levando o corpo. A mãe pressurosa saiu catando a areia suja do sangue do filho, colocando os punhados no bolso. Cantava a mesma cantiga de ninar. Era como se ainda conservasse o corpo do filho morto no colo.

O sol já iluminava todo o povoado quando ela terminou sua missão. Cobriu a cabeça com o pano sujo que trazia sobre os ombros e saiu por dentro do mato, olhando prá frente, pisando duro.

Numa várzea lá mais adiante, um carcará piou raivoso e planando sobre o mato, procurou o ninho num oco de pau.

Iaperi Araújo é médico e escritor, autor de “Canções da Terra” (contos) e numerosos outros livros, o último dos quais, “MARIA DO SANTÍSSIMO, UMA CANÇÃO INGÊNUA” sairá em dezembro pela Editora Manimbu da Fundação José Augusto.

O Trem

Elder Heronildes

Escutava-se distante o apito do trem. Estava prestes a chegar, ou ainda faltava muito?
Sempre tivera, desde tenra idade, certo receio do tempo.

Por passar ou não passar. Por vir rápido ou não vir hora nenhuma, transformando a espera num verdadeiro martírio. Várias vezes sentira na pele, e por que não na alma?, aquelas inquietudes de incertezas. Vir ou não vir, é sempre uma questão, como a do ser ou não ser. Estático e inerte ali permanecia. Vislumbrando coisa nenhuma.

Novo, longo e distante apito.

Ouvira ou era pura ilusão? Quantas horas ali já estava e quantos cigarros fumara, mesmo contrariando as mais contundentes recomendações médicas!

Agora – pensou por um momento- todos os males, dos pequenos aos grandes, vêm do cigarro. Tentava dar nexos a tudo e nada...

- Se os males provocados pelo cigarro fossem tão intensos, nefastos e letais, como descobriram de uns tempos para cá, somente não fumantes estariam povoando a terra. E eu, certamente, não seria um deles.

Absorto em seus pensamentos não havia notado que em torno de si se formava um pequeno círculo que, cada minuto parecia comprimi-lo, a ponto de sentir-se asfíxiado. Não compreendia e nem sequer atentava para o objetivo de tão estranho comportamento.

Eram pequenos seres, de olhos grandes e esbugalhados, rostos ovalados, braços longos e disformes, pés que se mostravam mais avantajados que os minúsculos corpos, demonstrando, além disso, uma visível agressividade. Não podia e nem devia temê-los. Afinal de contas eram minúsculas criaturas, que dificilmente poderiam fazer-lhe qualquer mal.

De repente e inesperadamente, diante de si, numa velocidade impressionante e enchendo o ambiente de terríveis golfadas de

fumaça, passa um trem, resfolegando e em vibrantes sacolejadas.

Acompanhou com o olhar o trem preto que, quando menos deu por si, já se distanciava. Nem uma bala – pensou com os seus botões – teria tido uma passagem tão rápida.

Seria aquele o trem que ansiosamente aguardava? Procurou inteirar-se da exata situação.

Estranhamente, aquelas criaturinhas já não o estavam rodeando. Deu voltas no corpo e não viu ninguém, sequer para formular alguma pergunta. Antes, aquela pequena estação de trem lhe parecera bem movimentada. As idas e vindas das pessoas haviam lhe chamado a atenção.

Agora, por mais que olhasse e perscrutasse o horizonte, não sentia qualquer presença.

Outro apito, seguido de outros, numa repetição macabra que o fazia tremer, atingindo o mais íntimo do seu ser.

O pior é que ouvia os apitos e não via o trem.

Desde que ali chegara viu apenas um trem que, por conta da velocidade e do fumaceiro, quase não o distinguira.

Viu, de relance, que era uma máquina de cor preta. Nada mais. Não mais via a estação, antes apinhada de gente. As criaturinhas desapareceram como por encanto. O silêncio era total e enervante.

Quadro nauseante, penetrando-lhe.

Angústia e medo.

Algo macabro estava, ou ia acontecer. Tinha a impressão que sons horríveis saíam-lhe garganta a fora, incontrollavelmente.

De repente, uma mão, com firmeza, batia-lhe nas faces. E ao fazê-lo, repetia:

“Este menino está tendo de novo o pesadelo do trem preto” – disse a mãe tentando acordá-lo.

Elder Heronildes é escritor, autor de “A Rua de Jaime” e outros livros. Presidente da Academia Mossoroense de Letras e ocupa cadeira nº 37 da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

Sapatilhas de lantejoulas coloridas

Edna Rangel

Comeu o que tinha vontade até se sentir saciada, tomou um banho demorado e demorou-se na frente do espelho olhando sua figura bonita, com músculos já frouxos, pele um tanto flácida, aqueles malditos quilinhos a mais que teimavam em morar na região da cintura e uns cabelos brancos que se erguiam teimosos sob a cabeleira loira, sonhada desde a infância.

Escolheu um vestido leve que deixava os joelhos descobertos. Num canto do quarto, entre a cama e o guarda-roupa, a sapatilha de lantejoulas coloridas espiava a nova mulher. O pensamento foi visitar o passado.

Agora era uma menina desengonçada sonhando com uma Melissinha com glitter. Passava horas olhando de pertinho, com o nariz grudado naquele brilho, a Melissinha de uma amiguinha. Se tivesse uma daquelas nem precisava calçar, se contentaria em ficar olhando bem de perto aquele brilho mágico, pensou a menina desengonçada. Podia não! Muitas filhas para vestir e calçar, só poderia sonhar com um Conga herdado da irmã mais velha e com o pé já do mesmo tamanho do seu. Calçava o Conga pequeno para o seu pé. Prisão!

Mocinha, já trabalhando e dona de seu próprio dinheiro, comprou um tamanquinho Francesinha, lindo. Mas, sem brilho, porque brilho em sapato nem se usava mais naqueles anos.

Adulta, já ganhando seu próprio dinheiro, sonhou com uma sapatilha cheia de brilhos que morava na vitrine de uma certa sapataria. Contou o dinheiro na bolsa. Dava folgado para comprar. Onde já se viu mulher casada e com filhos usar sapatilha brilhosa daquele jeito! Isso não era coisa de mulher direita! Podia não! Passarinho preso na gaiola.

No canto do quarto, o brilho da sapatilha de lantejoulas coloridas chamava a mulher de volta para o presente.

Vagarosamente, como menino pobre que come a sobremesa rara, foi enfiando o pé quase idoso na sapatilha de lantejoulas

coloridas. Ficou de pé um tempo longo e indeterminado olhando seus pés naquelas sapatilhas. Completude!

Ouviu a buzina lhe chamando. Saiu apressada. Era a primeira viagem sozinha com as amigas.

Chuvinha fina começava a cair, as amigas riam animadas enquanto ela, rindo também, se deliciava com o brilho da sapatilha que inundava todo o carro.

Caminhão carregado na pista, trancada estúpida, capotagens. No meio da noite escura, a sapatilha de lantejoulas douradas brilhava desavergonhadamente sob as ferragens.

Escuridão total. Só as sapatilhas brilhavam. De fora do carro, a mulher observava, confusa, o brilho das sapatilhas ainda nos seus pés, dentro do carro.

Turbilhão de curiosos ao redor do carro. “Não escapou ninguém”, gritou uma mulher histérica. Uma outra menina desengonçada, descalça, agachada entre os destroços, retirou dos pés inertes as sapatilhas de lantejoulas coloridas. Um pouco grande para os seus pequenos pés, as sapatilhas brilhavam na noite escura. A mulher estremeceu. “Minhas sapatilhas!” Desolação!

A menina ganhou o caminho de casa apressada, com as sapatilhas de lantejoulas coloridas a iluminarem a noite e o seu pequeno coração. Dormiu agarrada às sapatilhas, sob o olhar revoltado da mulher.

Tinha que resgatar suas sapatilhas. Tentou de tudo, mas sem sucesso. A sapatilha brilhosa continuava a iluminar a vida e o coração daquela outra menina desengonçada.

Quanto tempo tinha se passado? Ela não tinha a menor noção, mas o brilho das sapatilhas de lantejoulas coloridas continuava, dos pés da outra menina desengonçada, a aquecer seu coração.

Uma luz diferente inundou o ambiente, uma paz inexplicável invadiu o coração da mulher. Ela olhou as sapatilhas de lantejoulas coloridas, que brilhavam nos pés e no coração da mocinha já não tão desengonçada. Indecisão, livre arbítrio.

Seguir um novo caminho, sem as sapatilhas de lantejoulas coloridas, ou ficar presa àquele brilho, que já nem era seu? O coração

bateu acelerado, um turbilhão de lembranças invadiu sua mente. A infância, a mocidade, o casamento, a vida madura... e as sapatilhas de lantejoulas coloridas.

Era chegada a hora. As sapatilhas, com seu brilho mágico, foram ficando cada vez mais distantes. Sossegou.

Abriu os olhos em paz. Olhou para os seus pés e todo seu corpo brilhava, bem mais do que as sapatilhas de lantejoulas coloridas. Completude!

Edna Maria Rangel de Sá é professora doutora em literatura comparada pela UFRN. Diretora do núcleo Câmara Cascudo de Estudos Norte-rio-grandenses.

Uma visita surpreendente

Mulsio Azevedo Júnior

Hoje são 27 de outubro. Meu filho, tento disfarçar a inquietação. Não é um dia como outro qualquer. Fico com a impressão que todos vão chegar, de surpresa. Meus 89 anos me compenetraram. Como se estivesse naquela rede, virado de lado, tocando levemente o chão. Eu balanço, para sentir a brisa de minhas lembranças. Como você sabe, eu não gosto de ligar para esse negócio de celular. Até esqueço que não é mais possível. Mas, não posso negar a saudade.

Há muito tempo, não consigo conversar. Quais são as novidades? Vejo que tem olhado para mim, para minha imagem, com um ar triste. Vem pelos corredores, fingindo que vai checar cada janela, apagar todas as luzes do prédio, e prostra-se diante de minha imagem. Percebo que seus olhos se perdem, marejam. O olhar quer atravessar a grande foto, numa busca por movimentos, gestos, palavras. Imaginando, talvez, possibilidades tão transcendentais, como a minha visita à livraria. Até me arrepio, ao concebê-la.

Certamente, eu dirigiria meu carro, estacionaria na minha vaga. Puxaria o freio de mão, estralando suas catracas de forma estridente. Escancararia a porta, para melhor me posicionar e sair do veículo. Sentando-me, lateralmente, puxaria a indispensável muleta, sempre bem encaixada na lateral do banco. Nesta chegada imaginada, antes de finalizar meu ritual para levantar-me do banco, já percebo sua aproximação. É real, meu filho! Caminhamos, juntos, com pequenos passos. Você me oferece, como sempre, apoio para andar. Acompanha-me em marcha branda. Noto que consegue sentir o peso de minha mão a tocar-lhe o braço. Seu olhar cuidadoso varre o chão que pisamos. Abre-se a porta de vidro. Meu livro de memórias está bem destacado, logo na entrada. Aproveito para fazer festa. Mas, antes de qualquer conversa, eu perguntarei pelo movimento, com certeza. Está dando certo, meu filho? Sabe como eu me preocupo.

Vou cobrar a banda de música. Que toque Royal Cinema, de Tonheca Dantas. Eu saudarei a todos, daquele jeito. Uma palavra, tratamento especial para cada um. Elegerei muitos diretores, superintendentes, coronéis, almirantes na Nobel, em cada um de seus recantos. Você conhece minha empolgação. Nada consegue detê-la.

Da mesma forma, como nada conseguirá me afastar da sua vida. Lembre-se disso.

Perceba que o sentir dos aromas, das cores, dos sons; o folhear de um livro; ou o recontar de uma velha história; tudo restabelecerá minha memória, e relembrará o amor que une pai e filho.

Assim, exatamente dessa forma que está imaginando, o seu coração e suas lembranças me trazem de volta. Não quero repreender o seu choro. Toda saudade carrega um resquício de dor. Mas, estou aqui! Você sabe que sou meio desajeitado para beijos e abraços. Seus acenos e olhares abandonados, seus gestos amorosos parecem encontrar, somente, o vazio. Mas, tenha a certeza de que posso retribuí-los. Sou seu pai.

Nós, os pais, temos a capacidade de estar onde os filhos querem e precisam que estejamos.

Aluísio Azevedo Júnior é livreiro e escritor. Autor de “Um Punhal Feito de Escuridão” e outros livros. Filho do escritor Aluísio Azevedo que ocupou a cadeira Nº30 da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

Tarde no cemitério

Manoel Onofre Jr.

No Rio, diante do hotel, tomo um táxi e mando seguir para o Cemitério de São João Batista. O motorista, mal educado:

- Cemitério, votes!

Mando parar para descer, mas ele se desculpa e tudo bem. Aí, como não consegue ficar calado, pergunta:

-Vai à capela do velório?

-Não, vou visitar o túmulo de Machado de Assis – respondo mal humorado.

- Seu parente? – ele não desiste.

- Um amigo - resolvo inventar – Um grande amigo que morreu faz tempo.

- Ah! bom...

Já agora, percorrendo as alamedas do cemitério, à procura do túmulo do meu amigo, deixo-me fascinar pela beleza dos mausoléus, muitos destes em mármore branco, ornados com figuras – anjos, santos, alegorias -, outros também de mármore, porém negros, assustadores, ostentando enfeites de bronze dourado. Em meio àquela parafernália, destacam-se trabalhos escultóricos de inegável interesse histórico e artístico. É a chamada arte cemiterial.

Vou caminhando sem pressa, o olhar alvoroçado. Ali está o mausoléu de Floriano Peixoto – altaneiro, parece em posição de sentido, só falta fazer continência – a cara do marechal, com certeza. Não muito longe, o jazigo de Francisco Alves, simples caixão de mármore branco, tendo em cima o busto do cantor e vestígios de um violão (de bronze?), provavelmente furtado. Uns versos de David Nasser servem de epitáfio:

***TU, SÓ TU, MADEIRA FRIA,
SENTIRÁS TODA A AGONIA
DO SILÊNCIO DO CANTOR***

Mais adiante vejo outros nomes famosos da música popular: Carmem Miranda (a assinatura dela, em bronze dourado, destaca-se, enorme, no mármore cor de salmão) e Antonio Carlos Jobim. São dos poucos que têm o carinho de umas flores. Flores poucas e murchas, mas flores...

Já faz meia hora, a noite vai chegando, e nada do jazigo do “bruxo do Cosme Velho”, o mesmo onde também dorme a sua amada Carolina.

Recito em voz baixa:

*“Querida, ao pé do leito derradeiro
Em que descansas dessa longa vida,
Aqui venho e virei, pobre querida,
Trazer-te o coração do companheiro”.*

Um guarda passa e estranha, com certeza pensa que estou falando sozinho. Ele também não sabe onde fica o jazigo de Machado de Assis, mas aponta um grande e rebuscado mausoléu, e diz:

-Rui Barbosa está ali.

Imagino que o mestre da “Oração aos Moços” deve sentir-se contente – se é que defunto sente – com a grandiosidade da sua última morada – tão de acordo com o seu estilo.

Não desisto da busca, e sigo, atento aos epitáfios, alguns comoventes, outros ridículos. Almirantes e mais almirantes. Parece que mesmo depois de mortos, fazem questão da patente. Mas, por que tantos almirantes?

Num dado momento, um enterro, o único com que me deparei. Enterro de anjo. Uma mulher traz nos braços o caixãozinho branco. Deve ser a mãe, mas não vejo nela nenhum sinal de dor ou tristeza. Em todo o pequeno cortejo, só uma pessoa parece sofrer: é um negro ainda jovem, com ar decidido, enérgico. Seus olhos refletem algo indefinível. Seria raiva? Revolta diante da morte prematura? Comoveu-me aquela expressão; por muito tempo não me saiu da cabeça.

Ainda andei um bocado. De repente estremeço. Já é quase noite. E se fecharem os portões? Receio ficar preso aqui, muito embora não sinta um tico de medo. Bem, é melhor apressar o passo. De relance vejo o pequeno obelisco, ou coisa que o valha, onde jaz o nosso Augusto Severo, a efígie dele num medalhão de bronze, e logo abaixo, um quadro, no mesmo material, figurando o balão Pax.

Transponho o grande portão da entrada principal do cemitério no momento mesmo em que um guarda começa a fechá-lo. Sinto-me um tanto frustrado. Não vi o túmulo do meu amigo Machado de Assis.

Março de 2007.

Manoel Onofre Jr. é escritor, autor de *Chão dos Simples*, *Ficcionistas Potiguares* e outros livros, ocupante da cadeira nº 5 da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

De brinde

Armando Nogueiras

O brinde é o momento de uma celebração em que os convidados levantam e entrechocam as taças para manifestar bons desejos. A seguir é costume beber champanhe, espumante, sidra ou o vinho contido na taça. O termo procede da frase alemã *ich bring dir's* (ofereço-te), que se costumava pronunciar ao brindar. Em italiano é *brindisi*, em francês é *brinde*.

Pensa-se que o ato de brindar se originou no século IV a.C., mas se realizava por uma razão bem distinta da atual. Na antiga Roma, para se assassinar alguém, era usual que se envenenassem as bebidas. Por esse motivo, os anfitriões, como símbolo de confiança, chocavam fortemente as taças com as dos convidados, o que fazia com que os líquidos se misturassem, passando de uma taça para outra. Desse modo ficava claro que não havia nenhum tipo de envenenamento, pois os que faziam o brinde bebiam o mesmo.

Outra teoria afirma que na Roma antiga se dizia que do vinho se desfrutavam todos os sentidos (visão, olfato, paladar e tato), menos o ouvido. Com o chocar das taças esse sentido também participava do gozo da bebida.

O ato de brindar se divide em três partes. O brinde verbal, o acordo e o trago simbólico. Na parte verbal uma pessoa indica uma razão para o brinde. Todos os presentes ratificam o dito levantando suas taças ao ar. Tal ato frequentemente se acompanha de sonoros gritos ou murmúrios de aprovação, se repetindo as palavras do brinde (“saúde!”), ou confirmando o sentimento com termos como “pelos noivos!” ou similar, ao qual segue o choque dos copos e taças entre as demais pessoas ao alcance. O trago é uma forma de confirmar o desejo e não importa se é um pequeno trago ou um grande gole.

Em geral se considera de mau agouro brindar com água. Na Armada dos Estados Unidos se diz que quem brinda com água terá a sepultura na água.

O vinho é a bebida de eleição para se brindar. É uma bebida tão respeitada que um dos principais milagres de Jesus foi transformar água em vinho, nas bodas de Caná, na Galiléia; tão versátil que dá origem ao champanha, espumantes, tintos, brancos, rosados e conhaques; tão brava que tem resistido a toda espécie de enólogos...

Consta que o grego Aristófanes disse: “Rápido! Tragam-me vinho para que eu umedeça a minha mente e diga algo inteligente”. A máxima enófila “in vino veritas” (no vinho a verdade), ilustra esta crença e a de que, ao beber do cálice de outra pessoa, descobrimos seus segredos, a verdade.

Os franceses dizem “santé” ou “salut”; os espanhóis “salud”; os italianos “salute”; o universal “tin-tin”, ou “chin-chin”, para os chineses “chin” significa “felicidade”, e “chinchin”, “muita felicidade”; em japonês diz-se “kampai”, que quer dizer “copo vazio”.

Alemães dizem “prosit” se a ocasião for informal, e “zum wohl” se for a sério. Para os holandeses, um “proost” fará o serviço. Os russos dizem “na zdorov”, ou “felicidade”, semelhantes aos poloneses e búlgaros que gastam menos letras para dizer “na zdrve”. Entre os árabes se diz “fi sihitaek”. Em ídiche se diz “l’chayim!”, “à vida”. Em grego, pode-se dizer “steniyasas” (à saúde), enquanto em indiano brinda-se “aapki sehat”.

O mais curioso, contudo, vem dos nórdicos da Suécia, Dinamarca e Noruega. Ao brindar, dizem “skäl”, que significa, simplesmente, “caveira”. A origem vem do costume viking de beber cerveja nos crânios de seus inimigos, esvaziados e limpos como se fossem canecas.

Armando Negreiros é médico e escritor, autor de “Na Companhia dos Imortais”, “A Folga da Dobra” e outros livros. Ocupante da cadeira nº 14 da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

A última crônica

Lavoisier Nunes de Castro

Revirando livros e papéis do meu escritório de Natal encontrei a última crônica de Juarez da Gama Batista, publicada no Correio da Paraíba, edição de 3 de fevereiro de 1981, sob o título “A festa”.

O artigo fazia menção à posse de seu primo Mário Moacyr Porto, jurista e professor, na Academia Norte-rio-grandense de Letras, com a presença de renomadas figuras do mundo intelectual dos dois estados irmãos.

Juarez Batista, brilhante jornalista e escritor paraibano, foi professor universitário, ensaísta e homem de letras. Conheci-o na direção do vespertino “A Notícia”, nos anos 70, um dos melhores jornais de João Pessoa em todos os tempos.

Vejamos o texto da crônica:

“Fui a Natal ver o primo Mário Moacyr Porto tomar posse na Academia de Letras do R.G. do Norte – uma das poucas Academias que ‘existem mesmo’, neste país. Como a de Pernambuco, sob a batuta do querido Mauro Mota. Uma das poucas.

Lá estava, na sua ‘gola’ cinza e debrum escuro o Acadêmico, mestre Onofre Lopes, o presidente, que tem sido um dos grandes responsáveis pela cultura do estado do Rio Grande, vizinho, e todo seu desenvolvimento, nos últimos 13 anos. Lá estavam Newton Navarro, Alvamar Furtado, Enélio Petrovich, Waldir Espínola, Veríssimo de Melo, Meira Pires, Woden Madruga, Aluizio Alves, Américo de Oliveira Costa e mais as altas autoridades do estado, à frente seu governador.

Fomos a Natal, não em comitiva, mas numa revoada de cada um, para o encontro com a festa do primo Mário, os seus amigos, Antônio Dias, Ramiro Fernandes, Aurélio Albuquerque, Sílvio Porto, Haroldo Escorel e outros que perdi de vista e da lembrança.

Invadimos o amplo salão da Academia do Rio Grande, no prédio majestoso, testemunho do apreço que, nestas bandas, só os

norte-rio-grandenses e pernambucanos dão a essas coisas vãs e inúteis de cultura e arte. O primo Mário leu um estudo, de sensibilidade e meditação, sobre Auta de Souza e Palmyra Wanderley, que foram as maiores vozes femininas do seu tempo, patrona e primeira ocupante da Cadeira em que se empossava o novo Acadêmico.

Nilo Pereira fez a saudação. O também e muito querido Nilo, com seu ar malicioso e recolhido de Monsenhor de outros tempos, inteligentíssimo, manobrando com as emoções da gente como quem se diverte (e ele se divertia mesmo) com um brinquedo maior do que os outros. Duas horas de silêncio da plateia, respeitosa e “vidrada” nos oradores.

E a prima Giselda, com sua educação de grande dama, moldada pela Escola Doméstica de Natal, com mãos de fada, no sucesso do primo, que era também o seu sucesso de afeto dedicado.

Voltei de Natal, como sempre, deixando vontade de ficar”.

Lavoisier Nunes de Castro é advogado e juiz de Direito aposentado, e colaborador de jornais de Natal.

Natal daqui e de alhures

Damião Gomes

Nestes tempos globalizantes onde até a cultura – quem diria, é comoditizada, em qualquer de suas nuances –, o nosso tradicional carnaval de rua e de clubes há muito sucumbiu e se entregou aos cantos e santos que vieram da Bahia, destruindo-se antigas tradições desta terra de Poti. Talvez, a partir de agora, nós, os Potiguares, não sejamos mais chamados de comedores de camarão. Comeremos apenas acarajé, vatapá, etc., e passaremos a pedir as bênçãos ao Senhor do Bonfim, para que tudo ocorra bem nos dias endiabrados de carnaval, ou melhor, de Carnatal. Então, saravá meu pai!

Quase que da noite pro dia, trocaram as traças do carnaval natalense; ou melhor, as troças, pelas trilhas, e trios, do previsível ritmo soteropolitano. A capital potiguar viu-se invadida pela batida frenética e repetitiva do *axé music*, trazida pela baianada festiva que vem todo ano à cidade do Natal faturar horrores e fazer a mesmíssima festa. Então, a cidade despiu-se, despudoradamente, de seu rico passado cultural; e, se abraçou, desavergonhadamente, sem nenhuma camisinha de proteção, com a ginga importada. Tudo isso se converteu numa pajelança sonora, feita para engordar os bolsos de empresários, grandes e pequenos, da ampla cadeia de atividades ligadas ao turismo (inclusive, o pornoturismo) de massa. E também setores de uma sociedade civil desfigurada, inebriada e disposta a pagar qualquer preço para se divertir; inclusive, com a honra de suas belas filhas, transformadas que são em neogueixas tropicais, prontas para servirem a turistada ávida que vem pela diversão desmedida e pelos calores e odores das partes baixas deste lado do equador.

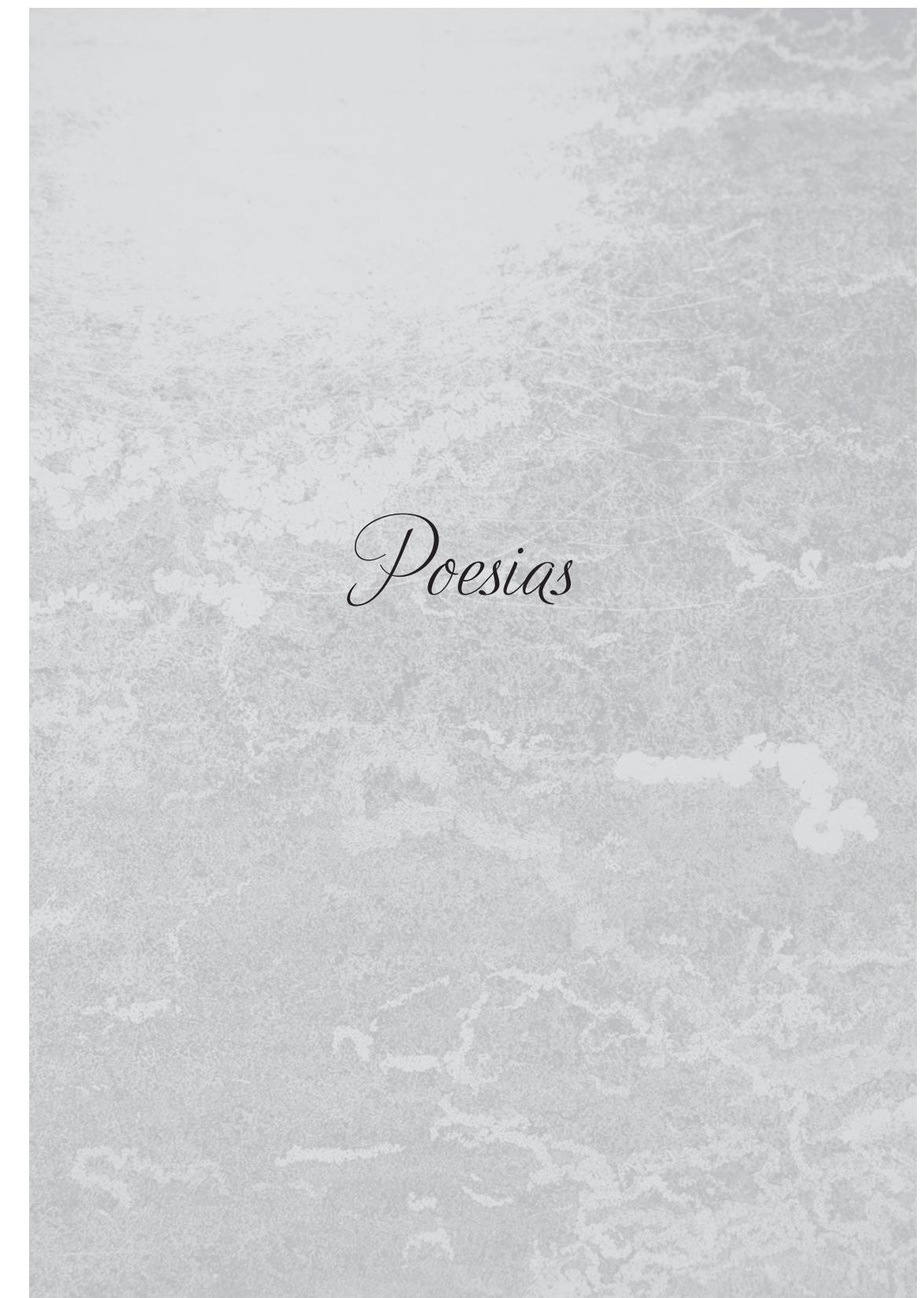
Uma vez que o nosso velho carnaval foi amordaçado, enjaulado e trocado pelo Axé top export, ao passo que, as tradições populares foram trancadas nos baús da história, aproveitem bastante a piração coletiva! Afinal, a carne é fraca e o espírito anda, há bastante tempo, anestesiado com os euros, os dólares, os pesos etc. Mas, caros conterrâneos, acima de tudo, cuidem de suas cabritas, enquanto os cabritos de cá, dali e de além-mar estiverem soltos por

aí. Este ano teremos os Bretões, os Vikings, os Ibéricos, os Sanchos – alguns destes, com enormes panças –, sem contar os Nórdicos, os Hermanos, os Fulanos, os Beltranos, os Sicranos e tantos outros gentis Manos. A consequência desse intercâmbio inconsequente é que a cidade tornou-se, mundialmente, conhecida pela beleza e suavidade das curvas e dunas particulares, de suas morenas meninas.

Queira Deus esteja errado em minhas conjecturas e nada disso aconteça desta vez. E, ao fim e ao cabo, o astro sol seja o único e verdadeiro rei a brilhar sobre nossas cabeças, dunas e praias. Assim seremos, tão somente, um povo feliz e hospitaleiro, que expõe com orgulho ao grande público mundial a careca de seus morros naturais, mas preserva a cabeleira púbica de suas filhas.

Portanto, nos dias em que as chaves da cidade serão entregues a um rei que, logo ao assumir seu trono, cairá na bagunça, e tudo ficará entregue às moscas –, acho que eu vou aproveitar a oportunidade para conhecer o tango de perto e respirar os bons aires culturais da capital portenha. Aí, quem sabe, quando os tambores silenciarem, voltarei para minha aldeia com a mente bem mais globalizada, depois que todos os reis, santos e santas tiverem voltado para a sua Salvador, e, a vida local retornar ao ritmo normal, neste solo, não somente daqui, de Cascudo, mas, e tanto mais, de alhures. Oxente! Perdoem-me, esqueci que agora a melhor despedida é: Axé, gente!

Damião Gomes é escritor e farmacêutico, autor do romance “O Futurista”.



Poesias

Primeiros versos

João Wilson Mendes de Melo

*“O homem é o ser poético”
Diógenes da Cunha Lima*

*Sonetos e poemas na juventude eu fiz,
Tu fizeste, eles fizeram,
Todos nós fizemos.*

*Tiveram vida breve,
Alguns rejeitados ao nascer
Como filhos concebidos sem amor
Em momentos ardentes,
Inconsequentes.*

*Fazem lembrar gestos antigos
Dos patriotas gregos de Esparta,
Tresloucados delinquentes,
Que, em sonhos de beleza e força,
Jogavam filhos recém-nascidos,
Aleijados ou doentes,
Nos desfiladeiros da morte
Batidos pelo mar.*

*Muitos versos tiveram, assim,
Destinos comuns.
Eu rasguei, tu rasgaste, eles rasgaram,
Todos nós rasgamos.
Pois não eram perfeitos
Como queríamos,
Na genética sem par
Da inspiração natural e humana.*

*Portanto eu sou,
Tu és, eles são,
Todos nós somos
Por natureza poetas,
Por tradição,
Inimigos confessos da imperfeição.*

João Wilson Mendes de Melo é professor e escritor. Membro da Academia Norte-riograndense de Letras.

Celebração

Diógenes da Cunha Lima

*Neste novo dia
Vamos celebrar a terra,
Nosso lar, somos humanos.
Vamos celebrar o ar
Que respiramos, a brisa dos alísios.
Vamos celebrar o fogo,
A chama que nos aquece e ilumina.
Vamos celebrar a água
De que somos feitos, o ritmo da água, o rio, o mar.
Vamos celebrar a poesia,
O poeta é irmão do simples, da magia.
Vamos celebrar a vitória,
Sem ela o mundo seria sem glória.
Vamos celebrar a derrota
Porque a ela sempre abrimos a porta.
Vamos celebrar a amizade
Que nos confere intimidade.
Vamos celebrar o mistério que nos cerca.
Vamos celebrar o amor, esse mistério,
E o mistério maior
Que é a vida.*

Diógenes da Cunha Lima é poeta e escritor, autor de “Os Pássaros da Memória”, “Câmara Cascudo – Um Brasileiro Feliz” e outros livros. Presidente da Academia Nortero-grandense de Letras, ex-reitor da UFRN e ex-presidente do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras.

Necrologio

Aluizio Alves

Ticiano Duarte

Ele foi uma espécie de menino prodígio. Aos 12 anos incompletos de idade, de calças curtas, participara da fundação do Partido Popular, em 1933, escrevendo a ata de sua fundação, ditada por Joaquim Inácio de Carvalho Filho, que reunia os políticos de oposição de sua terra, ao presidente Vargas e seus interventores, no Estado.

Aos 18 anos estreou como escritor ao publicar “Angicos”, trabalho precioso e exaustivo, na apreciação de Eloy de Souza, de pesquisa minudente e honesta e que o grande jornalista considerou merecedora de louvores.

E é o mesmo Eloy de Souza que revela que Aluizio Alves sempre demonstrara um feitio de caráter constantemente assinalado de persistência e coragem na busca de objetivos elevados, desde o seu primeiro contato com o menino, na redação de “A Razão”, “naquele vespertino partidário” disse o ex-senador em carta ao seu discípulo demonstrando combatividade proporcional aos ideais que defendiam, prometendo inteligência e talento, qualidades que o tempo confirmaria na sua trajetória de jornalista, escritor, político, administrador.

No jornal “A Razão”, o menino ainda de calças curtas escrevia, repete Eloy, em “linguagem de gente, vários tópicos antes de chegar à extensão do artigo assinado, que ninguém suporia fossem produtos de uma criança, em que o civismo madrugara, alvoroçando idéias e conceitos de perfeita madureza”.

Vinculando, desde essa época, seu destino político à liderança de José Augusto Bezerra de Medeiros. Foi estudante, participando da campanha antigetulista de 1934. Em 1937, foi preso distribuindo panfletos tidos como ofensivos à ditadura do Estado Novo.

Em 1939, por escrever um artigo violento contra à interventoria de Bertino Dutra e por pressões políticas foi obrigado a transferir-se para Fortaleza, onde encontrou o seu líder José

Augusto Bezerra de Medeiros, sem mandato, passando a auxiliá-lo na inspetoria regional da companhia de seguros “Equitativa” e cursando a quarta série ginasial.

Entre Fortaleza e Natal, com Hélio Galvão, Antônio Soares Filho, Rivaldo Pinheiro e Vingt-um Rosado, organizou a “Biblioteca Norte-riograndense de História” com dois projetos iniciais, divulgar os livros de história do Estado e a publicação da história de todos os municípios. Dessa instituição nasceu a publicação de “Angicos”, de sua autoria; “Famílias Seridoenses”, de José Augusto Bezerra de Medeiros; “Mossoró”, de Vingt-un Rosado; “Homens de Outrora” de Manoel Dantas e “Nísia Floresta”, de Aduino Câmara.

Em Recife, 1943, concluiu o curso clássico e em 1945 era eleito à Assembléia Nacional Constituinte, aos 24 de idade, o mais jovem parlamentar da época; dedicando-se à elaboração da Carta Constitucional, trabalhando como editorialista do “Diário de Notícias”, do seu conterrâneo Orlando Ribeiro Dantas. Relator da lei que criou a Previdência Social. Autor do projeto, transformado em lei, que transferiu a responsabilidade dos acidentes de trabalho das companhias particulares, para órbita da Previdência Social. Membro da Comissão Permanente de Legislação Social.

Articulador político, qualidade que iria demonstrar nos anos que se seguiram, diante das crises que abalaram o país, participando de entendimentos e decisões históricas; suicídio de Getúlio Vargas e ascensão à presidência da república do seu conterrâneo João Café Filho. Nas crises político-militares do governo Juscelino; na escolha do candidato Jânio Quadros, na condição de secretário geral da UDN, na célebre missão que realizou com Carlos Lacerda, em Londres, em agosto de 1959, para discutir a unificação do partido em torno do candidato, que ganharia no ano seguinte a suprema magistratura do país, com uma avalanche de votos.

Na renúncia de Jânio Quadros, 1961, fez parte do grupo de governadores que negociou com os ministros militares que vetavam a posse do vice-presidente João Goulart, a emenda parlamentarista, como cena final de uma crise que ameaçava as instituições democráticas. Depois, com o insucesso do modelo e a queda

constante dos gabinetes, foi um dos batalhadores para realização do plebiscito que aprovaria a volta ao presidencialismo.

Em 1960 realizou na oposição a mais empolgante campanha popular, da história eleitoral de nossa terra. Divergindo do seu então amigo e correligionário, Dinarte de Medeiros Mariz, teve como opositor nessa grande batalha política, outra figura digna do respeito dos seus conterrâneos, também, pelos dotes de inteligência e talento, que foi o ex-deputado Djalma Aranha Marinho.

No governo revolucionou a forma conservadora de administrar a coisa pública de muitos que o antecederam. Trouxe a energia de Paulo Afonso. Fundou a COSERN, TELERN, COHAB, Fundação José Augusto, com a Faculdade de Jornalismo Eloy de Souza, os cursos de sociologia e filosofia, depois absorvidos pela UFRN. Construiu a Cidade da Esperança. Na área de educação, o método Paulo Freire, modelo que desafiava as estruturas conservadoras do ensino público, custando-lhe poucos anos depois, no governo militar, a acusação de colaborar com o processo de subversão esquerdista, do governo de deposto.

Mário Moacir Porto, que o saudou nesta Casa, para ocupar a Cadeira número 17, sucedendo o escritor, político, intelectual, Deoclécio Dantas Duarte, enfatizou que o “Rio Grande do Norte”, é, decididamente, um inesgotável celeiro de juristas, historiadores, antropólogos, cientistas sociais, e ainda de líderes políticos que, pelo seu talento, combatividade, idéias próprias, firmeza de convicções, projetaram-se além das nossas fronteiras, ganhando notoriedade nacional. Amaro Cavalcante e Seabra Fagundes, no campo da atividade jurídica, Cascudo consagrado internacionalmente, José Augusto, Dinarte Mariz, Café Filho, Juvenal Lamartine, Aluizio Alves, no árduo terreno das competições políticas e lideranças conflitantes. Todos eles dotados, de nascença do atributo carismático de influenciar pessoas, abrir caminhos, ordenar o caos, manter a fé.

Na sua saudação, o jurista e escritor Mário Moacir Porto, acrescenta ainda que a Academia Norte-riograndense saudava o novo imortal, como um dos mais valorosos filhos da terra, “árida por fatalidade climática e fértil em lideranças, pela vontade de Deus”. Disse finalmente o mestre Moacir Porto: “a história guardará

o seu nome, sem as demasias sentimentais dos seus partidários e sem a injusta acrimônia dos seus desafetos. Ingressai nesta Casa de homens de letras senhor acadêmico Aluízio Alves, pela porta larga do talento. Não se aplica à V. Ex. o apelido de imortal por adulação estatutária, mas de quem alcançará, pelos seus feitos, um lugar destacado na admiração dos pósteros”.

Em 1949, assumia o cargo de redator chefe do jornal, “Tribuna da Imprensa”, de propriedade de Carlos Lacerda, e em 1950, fundava a “Tribuna do Norte”. Em 1958, escreveu “A recuperação do nordeste”, propondo já então nova e moderna política de crédito rural, para substituir, como ele sempre combatera, as frentes de emergência contra os efeitos da seca.

Escreveu três trabalhos de natureza técnica, “A previdência Social no Brasil”; “A Previdência Social no Brasil e no estrangeiro”; “A função social do acidente do trabalho”.

O livro, “A primeira campanha popular do Rio Grande do Norte”, sobre José da Penha, nasceu de uma conferência que a convite de Enélio Petrovich, proferira no Instituto Histórico, que foi seu membro honorário. Aliás, seria bom lembrar esse episódio do tempo da censura e da imposição autoritária de um passado não muito distante. Enélio Petrovich foi convidado a comparecer ao gabinete do então comandante da guarnição de Natal para recomendar-lhe que as autoridades militares não viam com bons olhos o convite formulado ao cassado Aluízio Alves para fazer pronunciamento naquela instituição. Enélio recusou-se a cumprir a recomendação militar argumentando que a conferência não era política e sim cultural, e Aluízio falou na data e no dia programados sobre a vida e obra da figura do militar, político e orador, nascido em Angicos.

Depois de punido pelo AI-5, Aluízio Alves passou a receber pressões e vetos dos poderosos da época. Para vir ao Estado, para onde trouxera grupos empresariais, de indústrias de confecções e de hotelaria, era obrigado a justificar as razões que o traziam para visitar sua terra, sua família e os negócios que empreendera.

Uma das vezes, testemunhei e o acompanhei até à delegacia da Polícia Federal, que era ocupada por um amigo e que me pediu que o levasse até a ele, sem precisar de notificação, livrando-o da presença de um agente qualquer para conduzi-lo até ao órgão, para lhe dar conhecimento de uma recomendação do ministro da Justiça. Aluízio relutou em atender a solicitação amigável, achando que era mais uma violência do governo militar contra sua pessoa. Após muita insistência, concordou em ir comigo, sem o alarde da diligência policial. Fomos bem recebidos e o constrangimento ficou superado. Foi um tempo difícil e atribulado, em que ele não perdeu a dignidade, a postura ativa, a força interior para enfrentar o ostracismo, uma espécie de degredo político, de marginalização da atividade que escolhera por idealismo, por amor a sua terra e sua gente.

Na redemocratização do país, com a eleição de Tancredo Neves, teve papel importante e destacado, de assessoramento ao candidato, eleito na eleição memorável do colégio eleitoral. Foi uma missão alta da história de um povo que não se abateu, que soube enfrentar o medo e não aceitou acolher o ódio como disse o próprio candidato em seu discurso de vitória. Uma das mais belas campanhas da história republicana onde reencontrou-se, depois das ilusões perdidas e pesados sacrifícios, o bom, e velho caminho democrático.

Aluízio, foi um dos mais competentes estrategistas dessa luta vitoriosa. Articulou missões de contatos com os militares que estavam abertos à conciliação do país, então dividido e ainda com cicatrizes de feridas profundas. Tancredo eleito foi nobre ao dizer que a “Pátria é escolha feita na razão e na liberdade”. Não basta a circunstância do nascimento para criar esta profunda ligação entre o indivíduo e sua comunidade. Não teremos a pátria que Deus nos destinou enquanto não formos capazes de fazer de cada brasileiro um cidadão, com plena consciência dessa dignidade.

Assim sendo, a pátria não é o passado, mas o futuro que construímos com o presente; “não é aposentadoria dos heróis, mas tarefa a cumprir; é a promoção da justiça, e a justiça se promove com liberdade”.

Antes de deputado constituinte, Aluízio Alves foi diretor do SERAS, governo Rafael Fernandes, serviço de reeducação e assistência social e executivo da Legião Brasileira de Assistência - LBA. Construiu o Instituto Padre João Maria, para meninas pobres, depois fechado em outro governo, onde funciona hoje o Corpo de Bombeiros; o abrigo Juiz Melo Matos, para meninos de ruas, também fechado posteriormente, e o abrigo Juvino Barreto, para velhos, ainda funcionando.

Um dia foi criticado pela imprensa, por estar perseguindo a vadiagem, internando os meninos desocupados, viciados em furtos e bebidas alcoólicas. O seu grande amigo, o sábio, padre Monte, uma das mais expressivas figuras de nossa terra, pelo talento e cultura, escreveu-lhe um bilhete, o qual guardou-o com carinho por toda a vida, como incentivo e grande lição: “Alguma vez você viu alguém atirando pedra em ficus-bejamim? Certamente, não. Não dá frutos. Mas, todos os dias vê alguém jogando pedras nas mangueiras que nos dão as nossas gostosas mangas. Seu trabalho está dando frutos. Continue com as bênçãos de Deus”.

Quando falo sobre Aluízio Alves com quem convivi de perto mais de quarenta anos, lembro das palavras do grande padre Vieira, em um dos seus célebres sermões: “Entre o semeador e o que semeia há grande diferença. Uma coisa é o soldado e outra coisa é o que pelega: uma coisa é o governador e outra coisa o que governa. Da mesma maneira uma coisa é o semeador e outra é o que semeia; uma coisa é o pregador, e outra o que prega. O semeador e o pregador é nome; o que semeia e o que prega, é ação; e as ações são as que dão o ser ao pregador. Ter nome de pregador, ou ser pregador de nome, não importa nada; as ações, a vida, o exemplo, as obras, são as que convertem o mundo”. E mais adiante na sua pregação, o grande Vieira conclui: “para falar ao vento bastam palavras; para falar aos corações são necessárias obras”.

Aluízio foi um homem de palavras, mas também de ação e obras. Tancredo o escolheu ministro, confirmado por José Sarney, na pasta extraordinária da administração, onde realizou obras importantes. Criou a Escola Superior da Administração Pública, a

carreira de gestor público e à frente da pasta, o 13º salário do servidor público federal, depois adotado pelos Estados e Municípios.

No governo Itamar Franco, ocupou o então ministério do Interior. Projetou a transposição das águas do rio São Francisco para o nordeste setentrional, deixando pronto e acabado para execução que se iniciou no governo Lula, mesmo contra a resistência egoística de alguns segmentos, que com argumentos falaciosos tentam destruir o sonho e desejo de muitos brasileiros que morrem de sede nas regiões do semi-árido.

Aluizio sonhou com a redenção do nordeste, com a minoração do sofrimento do seu povo pobre e desassistido, na batalha e na luta das missões que procurou cumprir com dignidade e espírito público. Ele reconhecia que antes, com competência, pontificaram: José Augusto, Eloy de Souza, Juvenal Lamartine, Deoclécio Duarte.

Quando lançou o seu último livro, “O que eu não esqueci”, tive a honra de saudá-lo, em 2005, numa das livrarias da cidade. Disse: “Falar sobre este homem, hoje aos 84 anos de idade, que não parou de sonhar e de manter viva a chama de esperança do seu povo, é uma missão honrosa para quem, em quarenta e cinco anos de convívio permanente, testemunhou e participou da sua luta, na qual o comandante sempre esteve no leme do barco que não soçobrou, num mar revolto de tempestades.

Criou e implantou um sistema de comunicação, jornal, emissoras de rádios espalhadas pelo Estado, televisão. Jornalista talentoso, combatente, escritor, orador fluente levantava o povo em praça pública, liderava passeatas pelas madrugadas adentro.

Nilo Pereira, disse certa feita, à maneira de Unamuno, que a província dói. Mas, não mata nem estiola os talentos. É o caso de Gilberto Freyre em Pernambuco, José Américo na Paraíba. E eu digo Aluizio Alves na vida pública e administrativa no Rio Grande do Norte, Cascudo na Cultura. Tão fortemente provincianos quanto gloriosamente nacionais.

Acrescentei naquele dia: Saúdo a sua história e o seu presente. Enalteço a coerência de ideias e de postura política, a lealdade aos amigos e a seu povo sofrido.

Capistrano de Abreu disse em tom de desalento que se lhe perguntasse se estava satisfeito com o que fez, responderia francamente que não. Imaginava outra coisa e não pôde realizá-la, parte por sua culpa, parte por culpa das circunstâncias. Disse ele: Acreditei muito na extensão da vida e na brevidade da arte e fui punido.

Aproveitei aquele momento de sua vida, pouco antes de falecer, para enfatizar: Aluízio creio assim não poderá dizer. Está satisfeito com o que fez. O que não pôde realizar por força de circunstâncias, sabe que outros o farão por ele, seus discípulos e seguidores. Não se considera punido pela crueldade das vidas dos homens, mesmo enfrentando decepções, deslealdades e injustiças.

É preciso dizer que ele vive satisfeito, o clima permanente de amor e devotamento às causas que abraçou, a tessitura que o renova e o conduz na leveza do sonho inacabado, aos braços do povo, que o fez comandante e timoneiro, intérprete desassombrado dos seus projetos e das suas mais vivas esperanças.

Victor Hugo, numa homenagem à memória de Voltaire, em discurso, exaltando o seu combate, indagou “qual era a sua arma?”. E respondeu: “A que tem a ligeireza do vento e o poder do raio: uma pena”.

Aluízio teve em vida o condão da mágica da palavra, aliada a força da pena ou da caneta, nos seus embates, no exemplo de José Augusto que ele enaltecia como parlamentar e governante, servidor da educação e pregador do parlamentarismo; Eloy de Souza que evocava como jornalista das mais bravas campanhas, herói esquecido de uma luta de cinqüenta anos para arrancar o nordeste da pobreza e do subdesenvolvimento; Juvenal Lamartine, parlamentar de alto conceito, administrador com a tarefa de governo interrompido bruscamente, pioneiro do voto feminino e da aviação civil; Deoclécio Duarte que sucedeu nesta Casa que ele definia como parlamentar experimentado, político por vocação.

Morreu, mas deixou um legado político. E não foi logrado ao amanhecer da batalha. Vocação de jornalista escritor, foi às ruas lutar para a conquista de muitos mandatos parlamentares e do governo do seu Estado. Aos 25 anos assinou uma constituição democrática, a

de 1946. Lutou pela redemocratização do Brasil, jovem, nos idos da ditadura getuliana ao lado dos populistas e udenistas, conquistando o primeiro mandato popular. Tempos depois, voltou a lutar pelo restabelecimento da democracia e do estado de direito, cassado pela força do AI-5 ao lado de outros brasileiros. Com a anistia, nas memoráveis campanhas das “Diretas Já” e da eleição de Tancredo Neves.

Lembro do sepultamento em Natal, do senador João Câmara, o seu corpo desfilando pelas ruas, com grande acompanhamento; o de Clementino Câmara, educador de gerações e líder maçônico, homenageado pela presença numerosa dos seus conterrâneos; o de Djalma Maranhão, o esquife vindo do exílio, em pleno regime militar, o povo a pé. Quando o caixão parou em frente da igreja de São Pedro, no Alecrim, em face da aglomeração, um número incontável de natalenses o aguardava e o conduziu ao cemitério, prestando-lhe a homenagem de respeito, saudade e solidariedade ao seu prefeito proscrito e impedido de viver em sua terra; o de Luís da Câmara Cascudo, conduzido pelo Corpo de Bombeiros, com a presença numerosa de conterrâneos e admiradores do grande mestre. Mas, a última viagem de Aluizio Alves, suplantou todas as grandes homenagens fúnebres que a cidade assistira. Foi a maior consagração que um homem público pôde receber na morte, a saudade e o carinho do seu povo. A cidade parou. Velhos, jovens e crianças saudavam o líder na sua última caminhada, em cada canto da cidade. Eram lenços e bandeiras verdes, galhos, fotos, acenos, choros, um cenário indescritível de amor, de lágrimas e solidariedades.

Nilo Pereira disse com sabedoria que a grande história não é a data nem o fato, mas o homem em si mesmo, o panorama existencial do mundo em qualquer tempo, é a plenitude do ser histórico, agindo e reagindo diante das solicitações do seu próprio universo.

Ele sonhou com o seu povo sem a sede e fome que mata. Varou as madrugadas nos embates eleitorais, juntando nas ruas e praças o povo a quem prometia lutar pelos seus direitos e liberdades. Como o poeta cantou, “o que longe foi sonho, perto será dia claro

caído no chão do mundo, como um símbolo. Entre os pólos, na linha das estrelas meu espírito aciona das eternidades”. Ele voltou a reencontrar-se com o seu povo na última peregrinação. E poderia dizer, evocando novamente o poeta: “vamos povo, vamos mudar a vida, que ela merece ser mudada. É ombro a ombro de mãos dadas que vamos mudar esta vida... Do barro não se faz tijolo? Do tijolo não se faz a casa? Nosso ofício é fazer a vida. Fazer a flor e aspirá-la”.

Ticiano Duarte é jornalista e escritor. Autor de “Anotações do meu Caderno” e outros livros. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

PATRONOS E ACADÊMICOS

Situação em dezembro de 2014

Cadeira	Patrono	Primeiro Ocupante	Sucessores
1	Padre Miguelinho	Adauto da Câmara	Raimundo Nonato da Silva, Sylvio Pedroza, Cláudio Emerenciano
2	Nísia Floresta	Henrique Castriciano	Hélio Galvão, Grácio Barbalho, Ernani Rosado
3	Cons. Brito Guerra	Otto Guerra	José de Anchieta Ferreira
4	Lourival Açucena	Virgílio Trindade	Enélio Lima Petrovich, Agnelo Alves
5	Moreira Brandão	Edgar Barbosa	Ascendino de Almeida, Manoel Onofre Jr
6	Luís Carlos Wanderley	Carolina Wanderley	Gumercindo Saraiva, João Batista Pinheiro Cabral
7	Ferreira Nobre	Antônio Soares	Mariano Coelho, Nestor dos Santos Lima
8	Isabel Gondim	Matias Maciel	Walter Wanderley, Nilson Patriota, Nelson Patriota (eleito)
9	Almino Afonso	Nestor Lima	Cristóvão Dantas, Humberto Dantas, Peregrino Junior, Dorian Gray Caldas
10	Elias Souto	Bruno Pereira	Paulo Macêdo
11	Padre João Maria	Januário Cicco	Onofre Lopes da Silva, Miguel Seabra Fagundes, Fagundes de Menezes, Paulo de Tarso Correia de Melo
12	Amaro Cavalcanti	Juvenal Lamartine	Veríssimo de Melo, Oswaldo Lamartine de Faria, Paulo Bezerra
13	Luís Fernandes	Luís da Câmara Cascudo	Oriano de Almeida, Anna Maria Cascudo Barreto
14	Joaquim Fagundes	Antônio Fagundes	Raul Fernandes, Armando Negreiros
15	Pedro Velho	Sebastião Fernandes	Antonio Pinto de Medeiros, Eloy de Souza, Umberto Peregrino, Francisco Fausto
16	Segundo Wanderley	Francisco Palma	Rômulo Wanderley, Maria Eugênia Montenegro, Eider Furtado de Mendonça e Menezes

17	Ribeiro Dantas	Deoclécio Duarte	Aluázio Alves, Ivan Maciel de Andrade
18	Augusto Severo	Waldemar de Almeida	D. Nivaldo Monte, Pe João Medeiros Filho
19	Ferreira Itajubá	Clementino Câmara	Nilo Pereira, Murilo Melo Filho
20	Auta de Souza	Palmira Wanderley	Mario Moacir Porto, Dorian Jorge Freire, José Hermógenes de Andrade Filho
21	Antônio Marinho	Floriano Cavalcanti	Luiz Rabelo, Valério Mesquita
22	Cón. Leão Fernandes	Cón. Luís Monte	D. José Adelino Dantas, Cón. Jorge Ó Grady de Paiva, Cón. José Mário Medeiros.
23	Antônio Glicério	Bezerra Júnior	Othoniel Menezes, Jaime dos G. Wanderley, Iaperi Araújo
24	Gothardo Neto	Francisco Ivo Cavalcante	Antídio Azevedo, Antônio Soares Filho, Tarcísio Medeiros, Sônia Fernandes Ferreira
25	Ponciano Barbosa	Aderbal de França	Inácio Meira Pires, João Wilson Mendes Melo
26	Manoel Dantas	José Augusto Bezerra de Medeiros	Diógenes da Cunha Lima
27	Aurélio Pinheiro	Américo de Oliveira Costa	Vicente Serejo
28	Padre João Manoel	Paulo Viveiros	Jurandyr Navarro
29	Armando Seabra	Esmeraldo Siqueira	Itamar de Souza
30	Mons. Augusto Franklin	Manoel Rodrigues de Melo	Aluísio Azevedo, Diva Cunha
31	Padre Brito Guerra	José Melquíades	Pedro Vicente Costa Sobrinho, Leide Câmara
32	Francisco Fausto	Tércio Rosado	João Batista Cascudo Rodrigues, João Batista Machado
33	Tonheca Dantas	Oswaldo de Souza	Hypérides (Peri) Lamartine Carlos de Miranda Gomes (eleito)
34	José da Penha	Alvamar Furtado	Lenine Pinto
35	Juvenal Antunes	Edinor Avelino	Gilberto Avelino, Ticiano Duarte
36	Benício Filho	João Medeiros Filho	Olavo de Medeiros Filho, José Augusto Delgado
37	Jorge Fernandes	Newton Navarro	Luís Carlos Guimarães, Elder Heronildes
38	Luís Antônio	José Tavares	Vingt-un Rosado, América Rosado, Benedito Vasconcelos Mendes
39	Damasceno Bezerra	Raimundo Nonato Fernandes	Marcelo Navarro Ribeiro Dantas (eleito)
40	Afonso Bezerra	Sanderson Negreiros	



Este livro foi impresso em cartão Duo Design 250g. (capa) e
Pólen Bold 90g. (miolo) pela Offset Editora, Natal/RN, em dezembro de 2014.

www.offsetgrafica.com.br